

DM
CAST/M.1

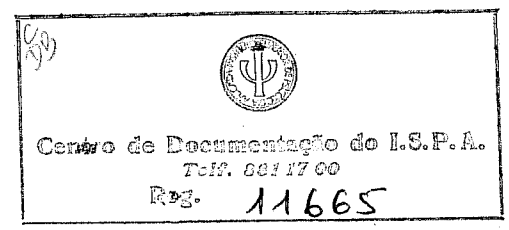
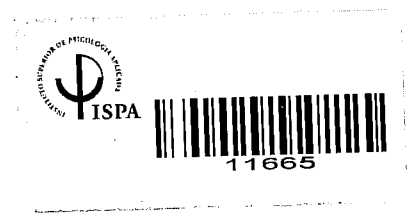
1997

DISSERTAÇÃO PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE
EM
COMPORTAMENTO ORGANIZACIONAL
DO
INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA

Maria Paula L. Castelão

Homens e Mulheres em Armas:
o Confronto de Duas Identidades

ORIENTADOR: Professor Doutor Jorge C. Jesuíno
Instituto Superior de Psicologia Aplicada



AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os que pela sua sabedoria e experiência permitiram a interação que levou ao presente trabalho, com votos de que no futuro novos desenvolvimentos e hipóteses de trabalho venham a ser possíveis nesta área.

Ao meu orientador Professor Doutor Correia Jesuíno e à Professora Doutora Lígia Amâncio, um apreço e reconhecimento especiais.

Agradeço a todos os que, a outro nível, mas igualmente integrados na interação atrás referida, se dispuseram a fornecer os dados pessoais sem os quais este trabalho seria impossível. Refiro-me aos cadetes que integraram esta amostra e me disponibilizaram as horas necessárias para tal, muitas vezes em prejuízo dos seus períodos de lazer. Um agradecimento ainda aos seus superiores por toda a colaboração prestada.

À minha família e aos meus amigos mais íntimos agradeço a sensibilização que em mim despertaram para a execução desta tarefa que sinto ainda estar nos seus primeiros passos.

ÍNDICE

CAPITULO I - INTRODUÇÃO

Definição do Problema.....	1
Revisão da Literatura.....	3
A construção identitária numa perspectiva psicanalítica.....	5
A construção identitária numa perspectiva interaccionista.....	10
A construção identitária a partir das relações intergrupos.....	13
Estratégias identitárias.....	28
A análise “ego-ecológica”.....	31

CAPITULO II - MÉTODO

Objectivo.....	34
Hipóteses.....	35
Método.....	36
Metodologia da contextualização representacional.....	36
A reversibilidade entre “si próprio” e o grupo.....	37
Recodificação do grupo.....	38
Sistema de diferenciação e oposição binária.....	40
Explicitação do método.....	40
A identidade social dominante.....	46
Espaço elementar da identidade social.....	46
Amostra.....	50

CAPITULO III - RESULTADOS

Resultados.....	52
Análise global dos resultados.....	53
Repertório semântico da identidade e da alteridade.....	53
Microcosmo social.....	55
Qualificação diferencial de cada UR.....	59

Análise qualitativa de cada protocolo.....	63
Protocolo 1.....	63
Recodificação dos grupos.....	64
Protocolo 2.....	72
Recodificação dos grupos.....	73
Protocolo 3.....	78
Recodificação dos grupos.....	79
Protocolo 4.....	84
Recodificação dos grupos.....	85
Protocolo 5.....	94
Recodificação dos grupos.....	95
Protocolo 6.....	106
Recodificação dos grupos.....	107
Protocolo 7.....	114
Recodificação dos grupos.....	115
Protocolo 8.....	125
Recodificação dos grupos.....	126
Protocolo 9.....	135
Recodificação dos grupos.....	136
Protocolo 10.....	144
Recodificação dos grupos.....	145
Protocolo 11.....	154
Recodificação dos grupos.....	155
Protocolo 12.....	163
Recodificação dos grupos.....	164

CAPITULO IV - DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

Síntese global.....	175
Espaço elementar da identidade social (universo masculino).....	178
Espaço elementar da identidade social (universo feminino).....	183
Imagens recíprocas.....	188
Os homens representados pelas mulheres.....	188
As mulheres representadas pelos homens.....	190
A assimetria na representação do género sexual.....	191
Estratégias identitárias.....	194
Estratégias utilizadas pelos cadetes.....	196
Categorização.....	196
Outras estratégias.....	197
Estratégias utilizadas pelas cadetes.....	198
Conformidade/Anonimato/Fechar-se sobre si.....	198

Assimilação ao maioritário.....	199
Diferenciação pela positiva face ao “endogrupo”.....	200
Diferenciação pela positiva face ao “exogrupo”.....	200
Representações sociais hegemónicas.....	201
Família e camaradagem.....	202
Categorização militares-civis.....	204
Tradições militares.....	205
Conclusões.....	206
Referências bibliográficas.....	213

INTRODUÇÃO

Definição do Problema

A decisão governamental de admitir mulheres no seio de uma instituição tradicionalmente masculina, veio induzir uma situação de mudança institucional com repercussões ao nível da sociedade civil e militar - às mulheres abriu-se mais uma hipótese de escolha a nível das opções profissionais; aos homens abriu-se o confronto entre a imagem idealizada da mulher e a imagem da mulher militar o que, para os que aderem a uma representação tradicionalista da instituição militar, parece um paradoxo.

A nível institucional, esta decisão não foi acompanhada dos devidos enquadramentos, razão pela qual, a gestão da mudança ocorreu sobretudo a nível informal.

Na Academia Militar (AM), onde incidiu o presente estudo, exceptuando a construção de alojamentos destinados a dormitórios, não foram planeadas estruturas nem processos destinados a acolher turmas mistas, tudo se passou como se a metáfora “semelhantes mas diferentes” não fizesse qualquer sentido, não obstante se verificar a impossibilidade das mulheres concorrerem a funções ligadas ao combate ¹, o processo de selecção e a gestão das vagas existentes ser diferenciado em função do género “*elas com piores notas entram em áreas que eles com melhores notas não entram, o que cria conflitos*” (instrutor 1)

¹ Posteriormente à realização deste trabalho, saiu legislação no sentido de permitir que as mulheres tivessem acesso a todos os ramos das Forças Armadas.

Durante a fase exploratória, que precedeu o presente trabalho, observámos que a gestão dos problemas decorrentes da admissão de mulheres em meio militar era informal, resultando daí maiores dificuldades de adaptação.

Confrontados com a necessidade de gerir os problemas do dia-a-dia, cabia aos instrutores a difícil missão de efectuarem ajustamentos (é o caso das tabelas de avaliação dos exercícios físicos, que baseadas em standards masculinos nem sempre são aplicáveis ao universo feminino) “... *um dos problemas levantados pela avaliação é saber se se devem ou não usar os mesmos critérios entre sexos, mas ninguém quer assumir a responsabilidade nem assinar nada relacionado com isto*” (instrutor 1). Não obstante ser assumido por alguns instrutores, a dificuldade em gerir esta situação “*nós temos culpa das diferenças de tratamento, também facilitámos de início...*” (instrutor 2), ela reverte em última análise em dificuldades de integração acrescidas para as raparigas, objecto da “agressão” dos instrutores “*elas jogam com a sedução...*” (instrutor 3) e dos cadetes que interpretam as diferenças de tratamento enquanto privilégios dirigidos ao sexo oposto. A este propósito, será interessante referenciar o comentário emitido por um taxista quando lhe solicitámos para se dirigir à AM “*não me diga que vai assentar praça? ...as mulheres na tropa são privilegiadas... eles dormem ao molho, elas têm um quarto para cada*”.

À medida que íamos aprofundando a nossa exploração, recolhíamos indicadores que nos permitiam concluir a proximidade entre os valores militares e o simbólico masculino “*uma das formas de aumentar o stress em campo é através da linguagem sexual*” (instrutor 3), no qual parecia ancorada a exclusão dirigida às mulheres militares “*aqui há duas guerras, elas e nós...*” (instrutor 4).

O nosso problema centrou-se na compreensão da representação que emerge deste vivido colectivo e até que ponto configura um espaço de convergência ou de divergência dentro do contexto militar. Partimos do pressuposto que os actores sociais constroem as suas representações ao mesmo tempo que constroem as suas identidades, razão pela qual a revisão de literatura que efectuámos teve como fio condutor alguns dos autores que se dedicaram ao estudo da identidade, nomeadamente a identidade de género, uma vez que a categoria sexual parecia ter um papel decisivo na compreensão deste problema.

Revisão da Literatura

Historicamente o conceito de identidade formou-se na ruptura entre pessoal e social - a identidade social correspondendo ao sentimento de semelhança e a identidade pessoal ao sentimento de diferença, desenhando-se uma dualidade e um conflito entre individual e social “*On conçoit mal qu'on puisse se sentir à la fois comme très semblable et très différent et tout se passe comme s'il fallait choisir: soit l'un, soit l'autre*” (Deschamps, 1991, p.52).

Esta dualidade que parece caracterizar as abordagens teóricas até aos anos 70, coexiste em muitos casos com uma abordagem estática da identidade. Contudo, hoje cada vez mais qualquer uma das disciplinas que abordou esta temática, se encaminha para uma noção menos substancialista, centrando-se numa abordagem mais dinâmica, mais interaccionista “*Il devient alors nécessaire de parler 'd'identités au pluriel', chaque agent social, qu'il soit individuel ou collectif, pouvant actualiser, mobiliser ou produire des identités en fonction du context.*” (Deschamps, 1991, p.51-52).

O desenvolvimento do conceito de estratégias identitárias, bem como o enfoque dramaturgico de Goffman (Munné, 1993, p.291), referindo-se aos numerosos papéis que os indivíduos jogam para diferentes públicos, exemplifica bem esta ideia.

Síntese de diferentes correntes, o conceito de identidade apenas poderá ser apreendido através do seu aspecto multidimensional “... *plutôt que d’opposer ces différentes approches, il est préférable d’évaluer clairement pour chacune la zone qu’elle permet d’appréhender et les limites qui sont les siennes*” (Lipiansky, 1992, p.51). Mais do que criticar as diferentes abordagens, interessa-nos reter os aspectos essenciais para a compreensão da perspectiva adoptada no presente estudo - a perspectiva “ego-ecológica²” aplicada ao estudo da identidade dos cadetes masculinos e femininos da Academia Militar.

Neste sentido, a revisão da literatura efectuada teve presente:

(A) a contribuição das teorias clássicas, donde se destaca a contribuição psicanalítica (Freud, Erikson) e interaccionista (Mead, Goffman);

(B) a contribuição das teorias com acento na relação intergrupos, donde se destacam Tajfel e Turner (escola de Bristol) e Deschamps.

Dentro destas teorias considerámos uma subdivisão dirigida à variável género, onde destacámos o contributo de Lorenzi-Cioldi e Lígia Amâncio;

(C) o contributo dos autores que se dedicaram ao estudo das estratégias identitárias.

(D) finalmente o contributo de Zavalloni e Louis-Guérin para o estudo da identidade pessoal, complementando as abordagens anteriores mais centradas na identidade de grupo.

² Conceito desenvolvido no capítulo dedicado ao método.

A Construção Identitária numa Perspectiva Psicanalítica

Erikson. Integrado na escola neo-Freudiana culturalista, foi um dos primeiros autores a abordar o conceito de identidade numa perspectiva psicossociológica. Para este autor, o sentimento de identidade vai-se formando ao longo da vida, num processo evolutivo constituído por crises ou rupturas, aonde o conflito e o acontecimento surgem como os elementos chave nos diversos estádios que o compõem. Cada estágio possui as suas particularidades próprias e a sua progressão desde a infância até à maturidade pressupõe sempre a crise, o acontecimento e a resolução (Kaplan, 1984, p.15) “... *ce n’est pas de l’identité dont parle Erikson, mais de ses crises, ce n’est pas une structure qu’il décrit, mais une rupture*” (Lipiansky et al., *Stratégies Identitaires*, 1990, p.10).

A influência de Freud e da Psicanálise é marcante em todo o seu trabalho nesta área, contribuindo com os conceitos de identificação e de mecanismos de defesa, centrais na estruturação do presente trabalho. No sentido de clarificar a significação destes conceitos, pareceu-nos importante descer à sua fonte.

Freud. Assim, segundo Freud, o “*Moi est constitué par la sédimentation des anciennes relations objectales...*”, porque no processo de identificação “*la relation d’objet perdue est remplacée par l’identification du moi à l’objet*” (Houser, 1979, p.33).

Na sequência deste princípio, Laplanche e Pontalis definem identificação como um “*processus psychologique par lequel un sujet assimile un aspect, un propriété, un attribut de l’autre et se transforme, totalement ou partiellement, sur le modèle de celui-ci. La personnalité se constitue et se différencie par une série d’identifications*” (Houser, 1979, p.33) - um processo

tão complexo quanto o conceito de relação de objecto, a ele inerente, encerra em si. No sentido puramente analítico, a relação de objecto, segundo Boulanger, permite “*de résumer dans la relation à l’autre un niveau de maturation libidinal, de structuration du moi et d’organisation défensive*” (Lustin, 1979, p. 218) pondo assim em evidência no espaço da relação, uma direcção, uma distância, uma intencionalidade e um significado subjacente, o que determina um comportamento. Esta importância do objecto na constituição do sujeito (que aqui parece encerrar-se no próprio sujeito, aniquilando-se), surge, como adiante veremos, de forma muito mais evidente e autónoma nos autores interaccionistas da escola antropológica americana.

No que respeita aos níveis de maturação libidinal, referidos no conceito de relação de objecto, o autor que estabeleceu a ponte entre estes elementos intrapsíquicos e o relacionamento interpessoal foi Erikson. Este autor correlacionou os níveis de maturação libidinal (oral, anal, genital, latência, puberdade) e estádios evolutivos (adulto-jovem, adulto, maturidade) com características do relacionamento interpessoal, cujo resultado final, dependendo do conflito e do acontecimento, se situaria respectivamente em atitudes várias: confiança/desconfiança; autonomia/humilhação; iniciativa/culpa; actividade/inferioridade; identidade do eu/confusão de papéis; amizades íntimas/isolamento; produtividade/estagnação; integridade do eu/desespero (Kaplan & Sadock, 1984, p. 16).

No que respeita à estruturação do Eu, conceito unicamente intrapsíquico, Freud refere-se na primeira tópica ao inconsciente, pré-consciente e consciente. No inconsciente situam-se representantes pulsionais (representação de coisas-imagens abstractas e emoção) circulando a energia pulsional livremente de representação em representação; no pré-consciente, acessível ao consciente, e lugar dos traços mnésicos, situam-se as representações de palavras

(representação verbal e emoção) e no consciente, na periferia do aparelho psíquico, estabelecendo a transição entre o mundo exterior e o pré-consciente/inconsciente, registando os impulsos vindos do exterior e interior e amortecendo-os, ocorrem o pensamento e o controlo motor (Boulanger, 1979, p.48-49). Nesta primeira tópica Freud estabelece uma correlação entre o funcionamento psicológico e a neurofisiologia, o que o leva a conceber um modelo de certo modo estanque e pouco dinâmico.

A partir dos dados da prática clínica, que demonstravam existir mecanismos de defesa inconscientes (contrariando a primeira tópica, onde apenas as pulsões seriam inconscientes) bem como estádios de funcionamento psicológico predominantemente narcisista, que pressupunha o auto-investimento libidinal, ou seja, o investimento de uma das instâncias do aparelho psíquico na outra, Freud abandona um pouco a estrutura anterior para conceber uma estruturação do Eu mais antropomórfica e dinâmica, ou seja, um aparelho psíquico mais próximo do modelo das relações interpessoais - é a segunda tópica onde a trilogia se mantém com as instâncias Id, Eu e Super Eu a constituírem-no. A sua estruturação far-se-ia a partir da diferenciação do Id, "local" de origem da energia libidinal. Uma parte da energia pulsional esgotava-se no somático, não tendo qualquer expressão psicológica directa, sendo a partir deste (alterações somáticas) que emanariam os impulsos que iriam constituir o polo pulsional do aparelho psíquico. Do confronto entre estes representantes pulsionais e as contrariedades da realidade exterior, captadas por um núcleo do Eu (mais ligado ao consciente), surgem os mecanismos de defesa e o próprio processo de identificação, através dos quais o Eu se vai constituindo no seu todo. Ao abarcar a energia libidinal por um lado (vinda do Id), e as representações dos objectos exteriores por outro (núcleo do Eu), ocorre o investimento afectivo das representações dos objectos e a expressão de mecanismos de defesa.

inconscientes, base do processo de identificação já referido. As emanações do Id igualmente se confrontam com os elementos interditores presentes na interacção social, dando origem através do processo de identificação (não ao objecto mas à interdição do objecto, que não deixa de ser uma forma de possuir o objecto) ao Super Eu. É ainda o confronto entre o Id e este processo de identificação ao interditor que faz surgir o Ideal do Eu, isto é, o processo de identificação à representação idealizada do Eu.

Neste contexto, a identidade resulta de identificações várias não só a objectos externos, mas também às representações sensoriais internas (impulsos vindos do interior), aos imagos (configurações abstractas pré-conscientes de forte tonalidade afectiva) e finalmente às formas como o Eu interage com as solicitações do meio exterior e interior através dos mecanismos de defesa (Lustin, 1979, p. 219).

Finalmente, a organização defensiva do Eu, igualmente abordada na definição de relação de objecto, determina a homeostasia do sistema, sendo constituída por vários mecanismos de defesa (denegação, recalçamento, projecção, identificação ao agressor, etc.). Freud A. sistematizou alguns deles, os pós freudianos desenvolveram outros (ex. identificação ao agressor) (Bergeret, 1979, p.91) e a psicossociologia adaptou os possíveis ao contexto relacional, abandonando os ligados unicamente ao funcionamento intrapsíquico.

Ainda sobre o processo de identificação, Freud descreve um tipo particular, diferente dos processos atrás referidos, onde a imitação e o contágio sem qualquer ligação libidinal directa, desempenham um papel preponderante “...le sujet identifie ici ses propre objets aux objets d`un autre sujet et principalement aux objets d`un groupe tout entier” (Bergeret, 1979, p.91). Parece aparente nesta definição de Freud sobre o indivíduo no grupo, um certo cuidado em não psiquiatrizar todo o facto social, reduzindo-o ao funcionamento psico-afectivo, mas ao

não desenvolvê-lo no seu sistema teórico, acaba por não dar espaço à reflexão epistemológica interdisciplinar.

A ênfase que dá por um lado, ao indivíduo nomeadamente ao seu inconsciente, às etapas psico-afectivas e à sua universalidade, prioritárias em relação aos factores culturais, bem como por outro lado, a aparente ausência da personagem materna na vida psíquica e na cultura associada à inflação da imagem paterna em toda a sua teorização (Laplantine, 1978, p.27-32), parece encerrar em si a clássica tendência dual indivíduo/social com que abrimos este trabalho e realçar a complementaridade do trabalho de Erikson e sobretudo da escola antropológica cultural Americana que claramente evidencia a importância dos fenómenos culturais na evolução psico-afectiva dos indivíduos.

Winicott. De realçar ainda o trabalho de Winicott (Lipiansky, 1992, p.16), cuja abordagem do desenvolvimento é efectuada não na perspectiva Freudiana clássica (dinâmica das pulsões e das defesas) mas na óptica de integração da personalidade e dos sentimentos de identidade. A originalidade da sua obra, foi ter sublinhado a importância decisiva do meio e dos cuidados maternos no desenvolvimento identitário da criança. Contudo, no contexto da nossa análise interessa-nos sobretudo reter deste autor os conceitos de “verdadeiro self” e “falso self”: o primeiro estabelecendo-se quando os cuidados maternos permitem integração harmoniosa entre corpo e psique, o segundo estabelecendo-se quando a mãe não consegue sentir e responder adequadamente às necessidades do filho, desta forma, a criança vai submeter-se às necessidades maternas alienando a sua própria personalidade. O “falso self” vai originar um sentimento de identidade frágil e incompleto, apenas o “verdadeiro self” pode ser criador. Verificámos, através do presente trabalho, que em função dos contextos a identidade social dos cadetes, particularmente as cadetes mulheres, se constitui em “falso

self”, servindo para esconder o “verdadeiro self” das agressões percebidas no meio - o “moi social” surge desta forma enquanto expressão e defesa do “moi íntimo” (Lipiansky, 1992, p.125).

A metodologia adoptada neste trabalho, procurará como veremos no capítulo dedicado ao método, integrar os elementos intrapsíquicos, dando-lhes corpo no movimento cultural.

A Construção Identitária numa Perspectiva Interaccionista

Mead. Retomando o contributo da escola antropológica cultural americana, Mead G. destaca-se como o fundador da perspectiva interaccionista em psicologia, defendendo a ideia de que a interacção social na qual os indivíduos participam está na origem da sua consciência individual: o indivíduo toma consciência da sua identidade ao adoptar o ponto de vista dos outros.

A interacção simbólica apenas surge mediante o significado atribuído às acções ou gestos do outro, por detrás do qual existe o grupo, que Mead denomina “o outro generalizado”.

Este autor apresenta uma estrutura triádica da pessoa que, em contraposição com a Freudiana, está toda ela impregnada pelo social.

“Si próprio”³ emerge da interacção entre o “eu” e o “eu próprio”: o “eu” representando a reacção de um indivíduo às atitudes dos outros e ao conjunto das atitudes interiorizadas; o “eu

³ Na tentativa de homogeneizar a nomenclatura utilizada, “si próprio” é utilizado para traduzir “self/soi”; “eu” para traduzir “I/je”; “eu próprio” para traduzir “moi/me”. Esta homogeneização não é aplicável no contexto da abordagem Freudiana.

próprio” representando a interiorização dos julgamentos reenviados pelos outros, assumidos por “si próprio”.

Este autor relembra que as regulações são também externas “*autrui est prêt à nous rappeler à L’ordre*” pour nous engager à respecter notre identité” (Lipiansky, 1992, p.43), alargando assim a abordagem Freudiana, na qual alguns mecanismos de defesa desempenham papel regulador, afastando as fontes de angústia e rejeitando as representações incompatíveis com o “Ideal do eu” e o “Super eu”. No entanto, contrariamente à abordagem Freudiana, nesta perspectiva o objecto não se aniquila, não se encerra no sujeito. Seguindo a interacção teórica aqui explicita, a conceptualização de Mead possibilita ainda um paralelismo, agora com a conceptualização Sartriana, onde o ser-fenómeno que aparece ao consciente se pode equiparar a “eu próprio”, distanciando-se contudo no que diz respeito ao “Eu”, que em Mead se define na relação com o outro e é consciente (parte idiossincrásica que aparece ao consciente) e que em Sartre, o seu aparente homólogo, o “ser que é para si”, se define analiticamente e é inconsciente, podendo conceber-se apenas na anulação dos conteúdos da consciência, (os ser-fenómenos atrás referidos) o que o torna cego e sem pontos de referência - esta idiossincrasia base do existencialismo (a existência precede a essência), em Mead surge muito mais relacional e essencial.

Na opinião de Munné (1993), Mead vai ser objecto de críticas, nomeadamente não se referindo à relação entre os papéis de um indivíduo e a sua posição (estatuto) na estrutura social. Contudo, considera o seu contributo relevante, nomeadamente no que se refere à dimensão temporal constitutiva do ser humano “*Y especial interés tiene a nuestro modo de ver, el concepto del me, que no ha sido aún explotado y que conecta directamente con el proceso de memorización y la dimensión temporal constitutiva del ser humano*” (Munné,

1993, p.266). Associado a este contributo surge a abordagem “ego-ecológica”, através da ênfase dada aos processos de memorização, como veremos posteriormente.

Segundo Lorenzi-Cioldi e Doise (1994), o contributo de Mead para o estudo da identidade pessoal e social situa-se a um nível susceptível de orientar muitas outras pesquisas, como é o caso das investigações efectuadas por Kuhn e Mac Partland (1954), onde vai ser estudada a ligação entre identidades e posições ocupadas na sociedade - a técnica utilizada é o teste do “Quem sou eu” (Rees A., Nicholson, 1994).

Goffman. Este autor apresenta ainda um importante contributo, ao realçar a conceptualização da noção de identidade a partir da teoria do papel, a qual postula que o actor social é levado ao longo da sua vida a assumir um certo n.º de papéis relativos à sua idade, sexo, trabalho, etc., cuja definição sócio cultural pode suscitar conflitos.

Ao estudar as modalidades que permitem a uma pessoa assumir um papel em vez de outro, Goffman acentua os aspectos exteriores, visíveis da adesão ao papel, aquilo que designa por “face”. Demonstra que um dos “desafios” fundamentais da interacção social é a face que cada protagonista apresenta e tenta fazer reconhecer: a face sendo a imagem de “si próprio” que uma pessoa reivindica através do comportamento que adopta nas interacções sociais.

A partir de uma linguagem inspirada na analogia teatral, própria da teoria dos papéis, pretende mostrar que durante as “performances” sociais o actor tenta não se desviar daquilo que dele é esperado e que estas apresentações de “si próprio” tendem a institucionalizar-se sob a forma de um conjunto de expectativas do público face ao actor social.

Relativamente àquilo que Goffman denomina perspectiva dramaturgica, bem patente na linguagem teatral utilizada, salienta que não é a única perspectiva possível, já que a vida social também pode ser analisada numa perspectiva técnica, política, cultural.

Não obstante as críticas que lhe possam ser dirigidas (Munné, 1993, p.297), esta teoria tem o mérito de nos ajudar a perceber até que ponto os diversos papéis desempenhados por cada um podem ser conflituais e implicar tensões e contradições, situação particularmente evidente na dificuldade que é para as mulheres cadetes em conciliarem a sua identidade civil com a sua identidade militar.

A interacção entre os cadetes, bem como as estratégias utilizadas, poderão ainda ser analisadas à luz do conceito de “face”, cada um esforçando-se por construir um “mise en scène” de si próprio capaz de responder às expectativas presumíveis do(s) público(s) com o qual estão confrontados - o medo de “perder a face” poderá significar, no caso das raparigas, a dificuldade em conciliar diferentes expectativas e o receio de não serem aceites na sua identidade sexual e militar.

A Construção Identitária a Partir das Relações Intergrupos

Lewin. Lewin trouxe um importante contributo para a compreensão dos fenómenos relacionados com a discriminação de minorias, ao considerar que a origem do pensamento discriminatório se encontra no nível societal, e que as soluções encontradas para este fenómeno se situam na acção colectiva das minorias. Considera que nos minoritários é frequente a internalização de sentimentos negativos, relativamente ao seu grupo de pertença, podendo esta situação induzir a fuga individual para fora do grupo de pertença e a tentativa de aproximação ao maioritário. Esta teorização vai ser retomada pelos autores que se dedicaram ao estudo das estratégias identitárias, podendo explicar ainda algumas das estratégias

utilizadas pelas cadetes, grupo minoritário no quadro da AM, na procura de aceitação por parte do maioritário (neste caso os cadetes masculinos).

Uma das críticas ao trabalho deste autor, referenciadas por Amâncio (1994), consiste no facto de se ter centrado unicamente no âmbito da análise intragrupal, negligenciando a articulação entre o intragrupal e o intergrupalo.

Sherif. A Sherif deve-se a tentativa de integrar os níveis psicológico e sociológico “modelo que tenta demonstrar que tanto o comportamento como os processos perceptivos não dependiam nem da estrutura de personalidade nem da estrutura interna dos grupos, mas sim da modalidade de interacção entre eles” (Amâncio, 1994, p. 44) - sendo a ênfase colocada no efeito das variáveis situacionais.

De realçar que alguns dos seus experimentos tiveram grande importância em ciências sociais, por se tratar de experiências de campo e não de laboratório. Como refere Munné (1994), com os seus experimentos, hoje qualificados de clássicos, Sherif abriu novas vias à investigação em psicologia social, contribuindo muito para o avanço da psicologia de grupos.

Para além de outras linhas de investigação, este autor construiu um modelo sobre o conflito intergrupos, tendo sido seu objectivo identificar as causas e modalidades dos conflitos sociais. Esta teoria, denominada teoria dos conflitos reais, tem subjacente a ideia de que para compreender o comportamento intergrupos é necessário analisar as relações funcionais que se estabelecem entre eles, estas podem ser descritas como competitivas ou cooperativas, e devem-se ambas a motivos objectivos.

Os resultados obtidos confirmaram as hipóteses: os comportamentos eram competitivos e hostis quando os objectivos eram conflituais, tornando-se cooperativos no seguimento da introdução de objectivos supra-ordenados.

As principais críticas dirigidas a esta teoria, baseiam-se no facto do conflito ser abordado numa perspectiva negativa (em determinados contextos o conflito pode ter papel facilitador da mudança favorecendo a instauração de novos equilíbrios) e da generalização dos resultados se estender a numerosas situações concretas, onde os conflitos opondo os grupos são resultado de antagonismos seculares (a maioria dos estudos foram realizados com grupos artificiais onde o poder, estatuto e peso numérico eram idênticos).

Tal como observa Amâncio (1994), a luta por recursos ou objectivos comuns, apesar de determinante para a hostilidade entre os grupos (como o evidencia a antropologia), não é a única instância de comportamento intergrupos “*existem factores subjectivos, e não só factores inscritos no contexto que levam os indivíduos a estabelecer uma diferenciação avaliativa, perceptiva ou comportamental entre o seu grupo de pertença e o grupo dos outros*” (Amâncio, 1994, p.141) - um dos factores subjectivos que contribui para a construção de uma relação intergrupos é o processo de categorização, como procurarão demonstrar os estudos da escola de Bristol.

Tajfel e Turner. Conjuntamente com a sua equipa, Tajfel pretendeu estudar o efeito da categorização (enquanto condição mínima para a emergência de uma noção de grupo) na discriminação intergrupos - a partir do seu trabalho a problemática da identidade⁴ torna-se muito ligada à da categorização social⁵.

Os resultados obtidos, a partir de experimentos levados a efeito com base no “paradigma dos grupos mínimos”⁶, evidenciavam um claro efeito da simples categorização no comportamento de discriminação intergrupos.

⁴ O indivíduo adquire a sua identidade a partir do lugar ocupado na sociedade, sendo este adquirido através do sentimento de pertença a diversos grupos.

⁵ A categorização social é definida enquanto processo cognitivo que permite (ao reagrupar os objectos similares) organizar o mundo social segundo categorias. Este processo tem como função a simplificação da realidade, aumentando o efeito da semelhança e da diferença.

⁶ Conceito desenvolvido em (Tajfel, 1983, p. 304).

A interpretação do efeito discriminatório funda-se nos conceitos de categorização, comparação social e identidade social: o efeito da categorização é mediado pela identidade social do indivíduo, isto é, pelo processo através do qual este posicionamento social se torna significativo - a identidade referindo-se aos aspectos da auto-imagem de uma pessoa no quadro da sua pertença a uma categoria, classe ou grupo determinados e implicando processos de comparação intergrupar que por sua vez induzem comportamentos determinados pelo desejo de conseguir ou manter uma identidade social positiva.

Quando a identidade social é insatisfatória, o indivíduo é incitado à utilização de estratégias que lhe permitam aumentar a auto-estima, as estratégias podem ser individuais ou colectivas e a sua escolha depende da percepção global da situação (Munné, 1994, p.246).

Nesta abordagem, as expressões de identidade situar-se-iam ao longo de um continuum: num dos pólos os indivíduos são considerados membros intermutáveis de um grupo, enquanto que no outro são vistos na sua singularidade e especificidade individuais - a uma diferenciação entre grupos opõe-se uma diferenciação entre indivíduos, reafirmando-se a distinção clássica entre componentes pessoal e colectivo da identidade.

A noção de despersonalização introduzida por Turner, no quadro de uma revisão das teorias sobre identidade social chamada teoria da categorização de “si próprio” ou auto categorização, vem reforçar a oposição entre colectivo e individual “*Comme le fait remarquer Turner (1981) au comportement integroupes (et à la discrimination entre groupes) correspond l’identité sociale et au comportement interpersonnel (et à la différenciation entre soi et autrui) correspond l’identité personnelle*” (Deschamps, 1991, p.53) - é a identificação com um grupo que estabelece a passagem de um pólo ao outro.

Segundo Amâncio, nesta nova perspectiva a discriminação intergrupos só aparecerá quando não for possível uma discriminação interpessoal. O radicalismo psicológico de Turner baseia-se na assunção de que *“...todos os processos intergrupais de categorização e comparação sociais passam a ser determinados por uma necessidade de identidade positiva, e o grupo torna-se uma entidade temporária... que serve de mero substituto funcional do self”* (Amâncio, 1994, p.144).

As principais críticas dirigidas à escola de Bristol relacionam-se com o facto destes autores não terem considerado, na análise que efectuaram sobre a noção de grupo ou de categoria social, as relações de dominação que ligam os grupos: a pertença categorial não induz necessariamente a despersonalização e uniformização dos membros do grupo, já que em função de algumas variáveis ela poderá mesmo favorecer as suas especificidades individuais.

Os modelos desenvolvidos no quadro da Psicologia Social Europeia (PSE), vão privilegiar a articulação entre identidade social e representações sociais, perspectivando a própria noção de identidade social enquanto uma representação - no entender de Doise (1978) não é porque o sentimento de identidade é construído socialmente e modulado em cada situação social, sendo também uma construção ideológica, que este sentimento não é real e eficaz, guia para a acção dos indivíduos e indispensável ao funcionamento da nossa sociedade.

Esta linha de pensamento aplica-se particularmente ao nosso trabalho - a construção identitária dos cadetes masculinos e femininos surge fundamentalmente a partir de representações sociais pré-existentes que determinam o papel de uns e de outros em meio militar. Assim, apesar de alguns dos conflitos existentes terem na base a luta por recursos ou

objectivos comuns, a sua compreensão terá que ser vista à luz dos processos de categorização e das representações sociais a eles inerentes.

Deschamps. Através dos experimentos que realizou sobre os efeitos do processo de categorização, este autor contribuiu para uma nova conceptualização da noção de identidade, destruindo a ideia de uma oposição entre identidade social e identidade pessoal.

Conjuntamente com Doise, Deschamps sugere que a simples representação da pertença a dois grupos distintos num conjunto de indivíduos, deverá induzir nesses indivíduos uma discriminação entre grupos em favor do seu grupo de pertença, mas também uma diferenciação entre si e o resto do seu grupo de pertença (Amâncio, 1994).

Esta constatação vai estar na base daquilo que ele designou por modelo da covariação, cuja hipótese central refere que quer a diferenciação intergrupar, quer a diferenciação entre “si próprio” e “o outro”, será mais importante na condição de categorização que na de não categorização - os experimentos realizados confirmam a variação concomitante das diferenciações entre grupos e entre “si próprio” e “o outro”, e a covariação das semelhanças e das diferenças no interior do mesmo grupo *“dans certaines conditions, plus l’identification au groupe est forte, plus la différenciation interindividuelle à l’intérieur même du groupe est importante.”*(Deschamps, 1991, p. 57) - mas confirmam ainda que este modelo não é universal nem simétrico, aplicando-se sobretudo aos grupos masculinos.

Extrapolando para a AM, a forte identificação ao meio militar, onde se inclui a partilha dos valores camaradagem e espírito de corpo, não invalida que em determinadas situações os cadetes masculinos se percepcionem como mais dedicados e cumpridores que os seus camaradas, e esta situação em nada invalida a coesão partilhada com o grupo.

O conceito de “conformité supérieur du soi”, apresentado por Codol, reflecte igualmente esta noção “*plus un individu adhère aux normes d’un groupe (et, peut-on penser, s’identifie à ce groupe), plus il a tendance à se distinguer des autres membres de ce groupe en se considérant comme plus dans les normes que ces autres*” (Deschamps, p.57).

Doise e Deschamps provaram ainda experimentalmente que no caso de existirem categorizações cruzadas (relação entre sujeitos que pertencem a grupos distintos e partilham pertenças com outros grupos), os efeitos do processo categorial reduzem-se, diminuindo a diferenciação - próximo deste conceito surge a conceptualização de grupo em Zavalloni, ao demonstrar que as fronteiras entre grupos são fluidas.

Esta constatação vamos encontrá-la também no presente trabalho, ao verificarmos que a variável região diminui o conflito entre cadetes masculinos e femininos: algumas raparigas expressam terem uma relação privilegiada com os cadetes da sua região.

No interior destes modelos da PSE, destaca-se ainda a importância da variável estatuto social, considerando-se que ela interfere directamente na forma como os indivíduos representam o grupo, se representam e representam o outro, nas relações que o seu grupo estabelece com outros grupos.

Lorenzi-Cioldi. De acordo com os nossos objectivos, de realçar o contributo de Lorenzi-Cioldi, o qual vai utilizar a pertença sexual dos indivíduos para ilustrar dinâmicas identitárias derivadas de uma relação entre grupos de estatuto diferente. Ao colocar a ênfase na necessidade de extensão da noção de grupo social e de categorização social, para melhor articular as duas componentes da identidade social, este autor está também a opor-se aos modelos de identidade que sistematicamente reconduzem ao antagonismo entre social e pessoal.

“Ces continua ou dichotomies, dans notre contexte, ne décrivent plus le passage d’un type d’identité qui relève de l’individu à un autre qui relève du groupe et qui lui serait intrinsèquement antagonique ou radicalement séparé. Les divers pôles, niveaux, ou soi, désignent désormais deux représentations sociales, certes distinctes mais plus intimement articulées, de l’existence des individus en groupes: des groupes dominants (pôle soi, niveau de catégorisation personnel, et soi indépendant) et des groupes dominés (pôle groupe, niveau de catégorisation groupal, et soi connecté)” (Lorenzi-Cioldi, Doise W. 1994, p.95).

Na sua crítica à abordagem de Tajfel, afirma que o contexto produzido através dos grupos mínimos não parece representativo das interações reais entre grupos sociais, já que as pertenças mínimas reflectem as propriedades estruturais dos grupos favorecidos na estrutura social⁷ (indivíduos percebendo-se enquanto livres e autónomos). Neste sentido, propõe-se desenvolver um modelo experimental (Lorenzi-Cioldi, 1988) capaz de distinguir os grupos em função do seu estatuto social. Baseado na hipótese da homologia, este modelo vai articular os efeitos de pertenças sociais (sexuais) e de pertenças induzidas experimentalmente, de acordo com um modelo de relações intergrupos assimétrica - grupos colecção (prestígio) e grupos agregado (fraco prestígio).

Os resultados obtidos revelam que os privilegiados apresentam uma identidade interna e mais autónoma, enquanto os menos privilegiados apresentam uma identidade profundamente afectada pelo colectivo e absorvendo a especificidade individual. Dito de outro modo, os membros de grupos com menos prestígio (as mulheres) percebem-se e são percebidos sobre a forma da identidade colectiva, enquanto os membros de grupos com maior prestígio (os homens) são sobretudo percebidos sob a forma da identidade pessoal. Desenham-se assim

⁷ Uma vez que são as características de um indivíduo que induzem a sua adesão a um conjunto de pessoas, não sendo a pertença a um grupo que induz as características individuais.

várias modalidades de identidade social em função do prestígio dos grupos sociais em presença.

Dos resultados empíricos obtidos, o autor vai salientar modalidades de comportamento induzidos pela pertença a grupos dominados “... *l'appartenance à un groupe dominé, groupe agrégat, suscite d'autres significations subjectives pour ses membres et conduit à une autre perception de l'environnement social*” (Lorenzi-Cioldi, 1988, p.75) e que passaremos a citar, após termos procedido à sua síntese.

1) *Dependência acrescida face a pressões externas do meio*

A identificação com o grupo dominado implica um afastamento da norma dominante de individualidade singular e uma importância acrescida da relação com o outro enquanto grupo. O que surge mais saliente no pensamento dos dominados é o grupo, refere o autor, mas uma ideia de grupo que não se pode separar das relações interpessoais estabelecidas entre os membros desse grupo e das relações que esse grupo estabelece com o grupo dominante “*La subordination qu'implique le rapport de domination augmente ainsi la saillance subjective de l'appartenance au groupe*” (Lorenzi-Cioldi, 1988, p.58).

É esta constatação que poderá explicar o facto das mulheres, mais do que os homens, terem tendência para elaborar representações reenviando à divisão sexual e à relação entre os grupos.

2) *A identidade social dos membros de grupos dominados é frequentemente expressa em termos negativos*

A avaliação negativa de “si próprio”, decorrente da pertença a um grupo desfavorecido, surge explicada com base na tensão que a valorização da imagem ligada à individualidade dominante poderá induzir nos dominados: sujeitos ao confronto entre o carácter externo e relacional caracterizando a sua pertença ao grupo e a singularidade contida na representação de “si próprio”, efectuada pelos dominantes. Esta situação aparece exemplificada por Lorenzi-Cioldi, através de um excerto retirado de entrevistas efectuadas por Gilligan a mulheres, e que passamos a transcrever “*J’essaie d’être moi-même, seule, indépendamment des autres, des conceptions qu’ils ont de moi, et en même temps je fais exactement le contraire, en essayant d’être avec eux ou de me lier à eux et ..., quelle que soit la terminologie, je ne pense pas que les deux choses soient mutuellement exclusives*” (1982, p.53, in Lorenzi-Cioldi, 1988, p.162).

Mas esta situação vamos encontrá-la também na AM: confrontadas com um duplo referente (a masculinidade e a feminilidade), o comportamento das cadetes tem subjacente a necessidade de autonomia e a dependência da ajuda dos outros, o que poderá explicar a sua necessidade em se fazerem reconhecer através de uma multiplicidade de “faces” (exemplificadas através do tipo de estratégias utilizadas por este grupo), bem como a necessidade de adoptarem funcionamentos em “falso self”, susceptíveis de induzir conflitos identitários.

Para Bourdieu e Saint Martin “*...Le dominé addique au profit du dominant aussi longtemps qu’il accepte le choix d’être nié ou de se renier pour se faire reconnaître*” (1978, p.64, in Lorenzi-Cioldi, 1988, p.161).

Esta avaliação negativa consiste na interiorização de uma má imagem do seu grupo de pertença e na tentativa de aproximação ao maioritário. Deste modo, na auto-percepção que

expressam face ao seu grupo de pertença sexual, as mulheres têm tendência em partilhar os preconceitos em vigor na sociedade, muitas vezes considerando traços negativamente avaliados enquanto descrições adequadas ao seu grupo de pertença. Simultaneamente, imagens mais favoráveis do outro grupo acompanham normalmente esta auto-percepção.

3) Dificuldade das mulheres em exprimirem a sua identidade pessoal

A dificuldade das mulheres exprimirem a sua identidade pessoal, vai reflectir-se em dificuldades de integração no mercado de trabalho, onde o modelo de individualidade e a expressão da identidade pessoal aparecem como um pré-requisito a uma entrada bem sucedida.

A expressão introduzida por Horner, “*peur du succès*”, vai explicar este problema com base na socialização feminina “...*encouragerait les femmes à la dépendence envers autrui et entraînerait l’inhibition de leur identité personnelle*” (Lorenzi-Cioldi, 1988, p.164). O sucesso obtido pelas mulheres em meios tipicamente masculinos, conduziria à percepção pouco feminina de “si próprio” e à crença na rejeição por parte do outro sexo, não tendo necessariamente consequências positivas na identidade dos indivíduos.

A abordagem utilizada por este autor permite ainda um olhar crítico dirigido aos estudos realizados no âmbito da psicologia, que partiam da evidência que a diferença biológica entre os sexos implicava diferenças psicológicas: a questão dos cérebros⁸ e a hipótese da variabilidade do sexo masculino⁹, vinham fundamentar a falta de capacidade intelectual do se-

⁸ “Enquanto o córtex cerebral foi considerado o centro das capacidades intelectuais acumulavam-se as provas de que o seu desenvolvimento era superior nos homens, mas quando se descobriu que o centro das capacidades intelectuais era a zona parietal logo surgiu a evidência de que era essa a zona mais desenvolvida nos homens” (Amâncio, 1994, p. 18).

⁹ “Partia da constatação de que as mulheres não se contavam entre os génios e figuras destacadas da sociedade” (Amâncio, 1994, p. 18).

xo feminino. As diferenças hormonais existentes entre os dois sexos iriam justificar a instabilidade emocional feminina, a agressividade masculina e o instinto maternal iria explicar a afectividade e passividade das mulheres.

Mas este olhar crítico é também dirigido a teorias como a androginia psicológica (Bem, 1978-1986), que ao sustentar que os indivíduos com personalidades andróginas, isto é, com orientações comportamentais masculinas e femininas *“possuem uma auto-estima mais elevada do que os que internalizaram a orientação de papel adequada ao seu sexo, porque são capazes de se envolver numa maior variedade de situações”* (Amâncio, 1994, p.24), está a privilegiar as diferenças interindividuais e a identidade pessoal, em detrimento da identidade social (as variações de identidade entre indivíduos do mesmo sexo tornam-se tão ou mais importantes que entre indivíduos de sexo diferente) e a assumir os papéis sexuais como diferentes e simétricos.

A partir da reanálise dos dados fornecidos por Bem, Lorenzi-Cioldi (1988) conclui que a autora foi levada a subestimar resultados da sua investigação e que contrariamente aos seus objectivos, o seu modelo veio mostrar que os comportamentos andróginos mantêm um significado masculino e que a maior adaptabilidade do homem a diferentes situações, resulta do facto de na nossa sociedade a orientação de papel masculino se sobrepor ao modelo dominante de individualidade *“Nous pensons en effect que la théorie de l’androgynie amène à ignorer l’importance de l’insertion des individus dans des ensembles qui sont perçus comme étant des groupes, mais des groupes avec des status différents et des propriétés différents”* (Lorenzi-Cioldi, 1988, p.168).

Amâncio. Inspirando-se no trabalho desenvolvido por Lorenzi-Cioldi, Amâncio é a percursora da investigação desenvolvida no âmbito da construção social das identidades

masculina e feminina, realizada em Portugal, a partir da qual vai demonstrar que a diferentes condições objectivas dos grupos, se encontram associadas diferentes formas de expressão da identidade.

No prefácio ao seu livro (Amâncio, 1994), Doise demonstra bem esta ideia ao afirmar que *“é a natureza do tecido das relações em que as pessoas participam que modela a maneira como elas se comportam em relação aos outros, como elas se representam reciprocamente e como se constroem uma identidade própria”*.

Num artigo publicado na revista crítica de ciências sociais, Amâncio (1992) cita um conjunto de estudos onde está bem patente um deslocamento do objecto de análise das diferenças entre homens e mulheres para se centrar no sistema de crenças associadas ao género (conceptualização da variável sexo enquanto critério de categorização social).

De acordo com o resultado dessas investigações, a caracterização dos estereótipos masculino e feminino, associa os traços de instrumentalidade, independência e dominância ao primeiro, e os traços de expressividade, dependência e submissão ao segundo, estando estes traços associados a expectativas de comportamento.

A autora vai ainda citar Hurtig e Pichevin (Sociologia, problemas e práticas, 1993), para exemplificar a ausência de equivalência no conteúdo informativo das categorias sexuais, concluindo que tal situação resulta num conjunto de saberes do qual os indivíduos são portadores e que vão orientar uma percepção enviesada dos actores homens e mulheres: o comportamento das mulheres é interpretado não pelo reconhecimento da sua diferença enquanto indivíduos, mas pela acentuação dos limites dessa diferença. No nosso contexto, o acentuar dos limites da diferença está patente quando confrontamos a inexistência de estruturas organizacionais diferenciadas em função do género, com o argumento tantas vezes

utilizado de que as mulheres não conseguem atingir as “performances” físicas dos rapazes e que por isso deverão ser excluídas do meio militar.

Retomando o conteúdo do artigo atrás referenciado, constata-se que :

- num estudo sobre os estereótipos da nacionalidade, efectuado em países com características diferenciadas, se verificou uma correspondência entre os atributos da pessoa (sentido universal) e dos homens (embora as configurações de atributos fossem diferentes entre países, de acordo com diferenças culturais), o que juntamente com os resultados de inúmeras investigações feitas por autores em variados países incluindo Portugal, permite afirmar que na construção social do género masculino e feminino se confunde o masculino com o indivíduo.

Esta assimetria caracterizando o significado das representações do masculino e do feminino, mais universais no primeiro caso e mais particulares no último vai ainda reflectir-se na extensão dos significados masculinos a diversos aspectos do domínio público e privado e na estrita associação dos significados femininos às relações afectivas e à reprodução biológica.

- a individualidade inscrita nos significados de ser homem permite-lhes manifestar a sua singularidade, não só em relação aos outros homens, como em relação aos contextos, sem que isso entre em contradição com a sua identidade colectiva. No caso das mulheres, o sentido colectivo inscrito nos significados de ser mulher implica que a manifestação da singularidade se faça em ruptura com a identidade colectiva.

No quadro da investigação que realizou no nosso país, Amâncio teve como objectivo central analisar se os conteúdos caracterizadores do género e as orientações normativas que lhe estão associadas se reflectem em representações que estabelecem uma assimetria entre os

sexos, e se esta forma de pensamento social legitima as diferentes posições objectivas dos mesmos. Os resultados obtidos, embora histórica e culturalmente situados vêm reforçar os resultados dos estudos já referenciados, nomeadamente:

- a caracterização dos estereótipos masculino e feminino, apontando no primeiro caso para a ausência de quaisquer traços físicos, função ou papel específico (não se registando nenhuma dimensão globalmente avaliada de forma negativa), sendo composto por uma diversidade de competências do adulto. Contrariamente, o estereotipo feminino incluiu a designação da categoria a que se refere “feminina” (traduzindo a invisibilidade dos indivíduos numa condição colectiva), um traço orientado para uma função social “maternal” e traços físicos e afectivos que apontam para o papel das mulheres na família, avaliados positivamente, traços de dependência e submissão, globalmente avaliados como negativos e traços relacionados com as emoções e expressão de sentimentos, que não reúnem consenso quanto à sua avaliação.

- a constatação de que o não respeito pelas normas do papel (em função da normatividade que lhes é imposta pelo pensamento social), é o suficiente para que uma mulher seja considerada desviante (este juízo é efectuado não só pelos homens mas também pelas mulheres que aderem à ideologia conservadora). Esta especificidade revela-se ainda na particularização dirigida às mulheres que penetraram em esferas tradicionalmente masculinas, através da sua “masculinização”.

Em síntese, pode afirmar-se a existência de várias modalidades de identidade, a qual tanto pode referir-se à afirmação de uma individualidade singular, como pode assumir um significado mais fusional, determinada pela procura de semelhanças no interior e fora do grupo. De acordo com a perspectiva da autora, apesar da primeira modalidade caracterizar

sobretudo os homens e a segunda as mulheres, estamos frente a uma modalidade de ser que não é exclusiva de um grupo de sexo, mas que também pode ser suscitada no outro sexo através de alteração das condições sociais que regem as relações com o outro grupo “*não há, portanto, opressores e oprimidas na forma como o social constrói a diferenciação assimétrica do feminino e do masculino. O que há, sem dúvida, é uma concepção dominante de pessoa que exclui as mulheres, como exclui outras categorias sociais*” (Amâncio,1993, p.138).

Estratégias Identitárias

Nesta perspectiva, a identidade é concebida enquanto conceito susceptível de redefinições e negociações, mobilizadoras de projectos individuais e colectivos, dando lugar a construções identitárias, processos e estratégias.

Existe hoje um consenso para supor que cada indivíduo, ou cada grupo, pode dispor simultaneamente de várias identidades, cuja materialização depende do contexto histórico, social e cultural, é esta aliás a perspectiva presente quer no interaccionismo simbólico quer nos autores que abordaram as relações intergrupos considerando o prestígio dos mesmos.

Com base na operacionalização desta abordagem, a partir de trabalhos de terreno, Lipiansky & al. propõem que o termo estratégias identitárias seja definido como:

“des procédures mises en oeuvre (de façon consciente ou inconsciente) par un acteur (individuel ou collectif) pour atteindre une, ou des finalités (définies explicitement ou se situant au niveau de l’inconscient), procédures élaborées en fonction de la situation

d'interaction, c'est à dire en fonction des différents déterminations (socio-historiques, culturelles, psychologiques) de cette situation" (Lipiansky & al. 1990, p. 24).

T. Leonneti. Incluída na obra anteriormente referenciada, esta autora considera que tomar as estratégias identitárias enquanto objecto de estudo, implica que se considere os recursos, constrangimentos e potencialidades próprios aos actores em presença (individuais e colectivos), a natureza da situação na qual estão implicados e aquilo que se joga em cada situação (e que só poderá ser definido a partir das relações sociais que a qualificam). Dito de outro modo "*... la notion de stratégie élargit le champ de relations au sein duquel il convient de situer les expressions identitaires: non plus seulement l'individu et les groupes ... mais aussi les ensembles de ressources, pratiques et symboliques, dont celui-ci peut se servir pour légitimer ou modifier les status d'ordre collectif*" (Oriol, 1994-95, p.263).

Assim, se o termo estratégias identitárias evoca a ideia de que os indivíduos e os grupos têm alguma capacidade de acção nas suas escolhas (Tap, 1988), (Denoux, 1994-95) esta vai variar em função do estatuto social dos grupos em presença.

Mudar a identidade não é um processo individual, refere T. Leonneti, e se um dos actores procura mudar a identidade que lhe é atribuída, isto significa que ele deve mudar a situação entre os dois parceiros e o que está em jogo não é apenas a identidade de um e de outro mas a situação que contém a relação deles "*lorsque les femmes tentent d'imposer une définition de leur identité qui intègre des traits de personnalité qui étaient depuis toujours réservés à l'homme - le courage physique, la rationalité, l'esprit de synthèse, etc. (caractères qui servent de justification à la répartition des rôles sociaux)-, elles mettent en cause également l'identité des hommes qui, en contrepartie, se sont vu attribuer le droit à la sensibilité ou à la faiblesse par exemple, attributs autrefois exclusivement féminins*" (T.

Leonneti, 1990, p.55) - também no presente trabalho, na relação que se estabelece entre cadetes masculinos e femininos “*C’est tout le rapport hommes-femmes qui est contesté, et non seulement l’identité des femmes, et l’enjeu est ... tout le paradigme du rapport de l’homme à la nature*” (T. Leonneti, 1990, p.55).

No entender de T. Leonetti, a produção de minorias sociais¹⁰ (baseadas no sexo, etnia, etc.), situa-se maioritariamente em relações de dominação e as estratégias identitárias produzidas neste contexto, são marcadas por relações desiguais que diminuem a capacidade de acção dos actores dominados, sobre a definição da sua própria identidade.

Esta autora vai analisar numa perspectiva sociológica as situações em que a identidade dos minoritários é em grande parte determinada pelo maioritário, concluindo que as estratégias dos primeiros consistem em respostas traduzindo diferentes formas de aceitação, recusa ou negociação desta identidade.

Foi com base nesta perspectiva que elaborámos as nossas hipóteses de trabalho, nomeadamente aquelas que mais directamente se relacionam com as estratégias identitárias. De realçar ainda o contributo dos autores que passaremos a citar:

J. Karestersztein (1990) realçando a dialéctica entre homogeneidade e diferenciação, isto é, os actores sociais buscam permanentemente o reconhecimento da sua integração numa cultura, tendo como finalidade a procura de homogeneidade relativamente aos outros elementos do grupo, ao mesmo tempo que reivindicam um lugar específico no seio dos grupos e portanto a diferenciação. No contexto do nosso estudo, pensamos que o facto da identidade colectiva dos homens se confundir com a individualidade, como o sublinha Amâncio, poderá

¹⁰ No entender de T. Leonetti (1990) uma minoria pode existir a partir do momento em que um grupo maioritário designa um certo n.º de indivíduos através de um elemento, o qual é usado para estabelecer relações de dependência e dominação.

induzir nos cadetes masculinos mais facilidade em buscar estas duas finalidades, comparativamente às cadetes mulheres.

C. Camilleri (1990) que a partir de observações de terreno sobre os Magrebianos, vai analisar os conflitos induzidos pela interiorização de dois sistemas culturais por vezes antagónicos e os comportamentos manifestados no sentido de evitar ou moderar o conflito identitário - situação análoga encontramos no caso das cadetes mulheres ao constatarmos que a sua entrada na AM implica a interiorização e a resposta a dois referentes (masculino e feminino), decorrendo daqui conflitos suscitados por dois sistemas simbólicos por vezes contraditórios. Esta autora vai propor uma tipologia das estratégias identitárias encontradas na qual nos baseámos.

Malewska (1990) apresenta uma concepção onde as estratégias identitárias não são mero produto das interações; frente a situações similares podem variar em função de identificações prévias, dos valores e da própria história dos indivíduos (constata que no caso de preconceitos raciais uns interiorizam a imagem negativa que lhes é reenviada, outros preferem ignorá-la, outros contestam-na) - da mesma forma Zavalloni realça o peso da história individual na construção dos projectos identitários dos sujeitos e dos grupos, complementando as abordagens mais centradas na identidade de grupo, como veremos seguidamente.

A Análise “Ego-ecológica”

O principal contributo da análise “ego-ecológica”, desenvolvida por Zavalloni e Louis-Guérin, deve-se ao facto do seu objecto de estudo se centrar na organização do Meio Interior

enquanto conteúdo da memória a longo prazo, privilegiando-se assim os processos de memorização.

O sistema identitário surge como resultante da interação entre individual e colectivo, através de um meio interior a que os autores chamam memória emocional. É através do contexto latente das representações que é possível aceder a este meio interior e assim apreender os mecanismos de construção da realidade.

Nesta abordagem, a unidade de base são as palavras identitárias que o indivíduo utiliza para se descrever a si mesmo ou ao seu grupo de pertença, sendo o sistema identitário apreendido através do discurso sobre “si próprio”.

Indissociáveis do seu contexto, as palavras reenviam à experiência social, mas reenviam ainda, através do seu conteúdo afectivo, ao pensamento de fundo (cuja estrutura constitui o contexto identitário) e desta forma à memória emocional “*Se as representações estão ancoradas num simbolismo colectivo, existe num nível mais profundo um sentido que é transformado e apropriado em significações singulares segundo a experiência da pessoa*” (Costalat-Founeau, 1997, p.43). Parece evidente a integração analítica na perspectiva das ciências sociais: para a psicanálise os traços mnésicos estruturam-se essencialmente a nível do pré-consciente (1ª tópica) ou do Eu (2ª tópica) como resultado da interacção do inconsciente/Id com a realidade externa onde as motivações se ligam a representações de palavras (que parecem ser formas mais elaboradas das representações cognitivas) que estão sempre em vez de qualquer coisa que foi recalcada (colocada no inconsciente)- é então através da palavra, segundo uma metodologia própria, que para os autores se torna possível ter acesso a esta parte mais obscura das representações identitárias.

“As representações não são apenas ideias, uma tradução mental de uma realidade exterior, elas reenviam a todo um espaço imaginário que exprime uma concepção de si próprio e do mundo” (Costalat-Founeau, 1997, p.42).

As representações surgem determinadas não apenas pelas características pessoais dos sujeitos, mas pela posição que estes ocupam na sociedade, tendo subjacente o contexto sócio-cultural no qual eles evoluem.

Complementarmente às teorias abordadas no presente capítulo, centradas no estudo da identidade social, estes autores focalizam a análise na identidade pessoal, considerando a sua estreita interacção com a identidade colectiva - a perspectiva histórica, a negociação com as interfaces contextuais, a articulação entre cognições e afectos estão sempre presentes, fazendo emergir a articulação entre representação do mundo social e motivação pessoal. Zavalloni e Louis-Guérin chamam a atenção para o reducionismo de uma psicologia social que isole o indivíduo do contexto onde se encontra inserido.

Uma das críticas dirigidas a esta abordagem reflecte a sua dificuldade em apreender os processos de mudança identitária *“... mais on ne voit pas clairement dans ces études comment s’instaure la dynamique des rapports de l’identité avec les projets individuels et collectifs, les conflits et les tentatives de transformation des relations et des règles sociales”* (Tap, 1988, p. 51).

MÉTODO

Objectivo

O nosso interesse centrou-se na análise de uma situação de mudança institucional no seu início: examinámos o choque cultural decorrente da entrada de mulheres numa instituição masculina (a AM, onde os cadetes se preparam para serem oficiais do exército), através das suas repercussões nas representações e estratégias utilizadas pelos actores em presença.

O objectivo central deste estudo, consistiu na identificação das representações subjacentes à admissão de mulheres na AM Portuguesa, bem como na identificação das principais estratégias daqui decorrentes.

Mais especificamente, interessa-nos perceber:

- Qual a representação que emerge deste vivido colectivo, e até que ponto configura um espaço de convergência ou de divergência dentro do contexto militar.
- Se as representações hegemónicas veiculadas pela instituição militar se irão sobrepor às representações de género.

Hipóteses

A entrada na AM confronta os cadetes com olhares que lhes determinam mudanças identitárias.

Não obstante os cadetes terem um conjunto de referências indutoras de estratégias específicas, a verdade é que a admissão de mulheres na AM é muito recente, induzindo uma cultura profundamente masculina bem como representações e estratégias específicas que pensamos possam diferir em função do género e no quadro de relações de dominação - foi a partir deste contexto que formulámos as seguintes hipóteses de trabalho:

H I - As representações e estratégias das mulheres cadetes são resposta não apenas a “mudança de lugar social”, mas a mudanças nos valores inerentes aos seus referentes, contrariamente aos homens cadetes que não sofrem mudanças de valores tão acentuadas, mantendo os seus referentes.

H 2 - A entrada das mulheres na AM é acompanhada por um processo de desvalorização da sua identidade, provocando sofrimento imediato e incitando a estratégias que permitam evitá-lo ou diminuí-lo.

Método

A metodologia utilizada no presente estudo foi a contextualização representacional, desenvolvida por Zavalloni M. e Louis-Guérin C. (1984).

Optámos por aplicar o protocolo tal qual fora desenvolvido pelos autores, contudo, a morosidade das entrevistas apenas nos permitiu incidir a abordagem nas Fases 1 e 2 do “investigateur multistade de l’identité sociale” (IMIS) .

Metodologia da Contextualização Representacional: A Análise “Ego-ecológica”

O objecto de estudo da “ego-ecologia”, consiste na estrutura do meio interior operativo (MIO), conceptualizado enquanto sistema específico a cada indivíduo e que se caracteriza pela interacção entre individual e colectivo:

Considera-se que o indivíduo interage com o meio social através do MIO (ou microcosmo social) onde “... *le soi, alter et la société sont les acteurs, en même temps que les cibles de l’action*” (Zavalloni, Louis-Guérin, 1984, p.201).

É no contexto deste sistema que se opera a transformação da identidade social objectiva em identidade social subjectiva - não existindo necessariamente paralelismo entre a pertença de facto a certos grupos (identidade social objectiva) e a consciência de pertença (identidade social subjectiva).

A “ego-ecologia” situa o indivíduo no interior de uma matriz social, constituída pelos diferentes grupos aos quais ele pertence de facto e aqueles com os quais estabelece relações simbólicas ou reais.

A contrapartida subjectiva, obtém-se a partir das representações que o indivíduo faz das diversas partes desta matriz: trata-se de um conjunto de elementos armazenados na memória a longo prazo e activados sob a forma de crenças, conhecimentos e projectos elaborados no quotidiano.

São três os mecanismos descritos pelos autores e que estão na base da constituição do MIO e da identidade:

A Reversibilidade Entre “Si Próprio” e o Grupo

A construção da identidade psicossocial baseia-se numa estreita interacção entre “si próprio” e o grupo: longe de constituírem duas realidades distintas, a activação de um deles evoca imediatamente o outro.

Assim, as descrições produzidas pelo sujeito acerca dos grupos de identidade¹¹ e que são vividas como representações fiéis desses grupos, são acompanhadas da activação psíquica de um conteúdo cujos elementos são retirados ao vivido e ao projecto de cada um, e como tal revelam uma natureza idiossincrásica “... *les caractéristiques des groupes d’identité retenues dans la mémoire, coincident dans la pensée de fond avec nos projects, nos intérêts les plus vitaux et possèdent une forte résonance affective qui est transférée aux groupes... et aux prototypes identitiels qui en ont fourni le contenu...*” (Zavalloni, Louis-Guérin, 1984, p.205);

¹¹ Os resultados da análise “ego-ecológica” estabelecem uma diferença entre grupos de identidade e de alteridade - os primeiros têm na psique uma identidade e uma realidade garantida por “si próprio” (através de características comuns), enquanto os segundos não activam na

da mesma forma que quando se enuncia um discurso sobre a experiência pessoal, são activadas imagens e emoções ligadas ao grupo.

Esta activação processa-se na periferia da consciência e vai ser designada através do conceito de “pensamento de fundo”.

Este mecanismo vai permitir articular os conceitos de identidade social e identidade pessoal, associando a si uma mesma realidade: o “sociomorfismo” de “si próprio” (“si próprio” constituído pelo grupo) representa em simultâneo o “egomorfismo” do grupo (o grupo constituído por “si próprio”).

Contudo, estes dois processos, apesar de reversíveis nunca poderão surgir conjuntamente:

“dans la conscience, l’identité collective... et le vécu individuel... apparaissent simultanément, mais tantôt l’un sera figure et l’autre fond, tantôt l’autre sera figure et l’un fond...” (Zavalloni, Louis-Guérin, 1984, p.108).

Recodificação do Grupo

A representação dos grupos, em virtude da sua natureza abstracta, apenas se torna possível através de referentes implícitos e imagens protótipos, ou seja, subgrupos, indivíduos particulares, heróis, imagens simbólicas, etc., que traduzem a realidade do grupo *“c’est ce mécanisme général, permettant le passage entre le donné objectif et sa représentation subjective, que l’on a appelé recodage du groupe”* (Zavalloni, Louis-Guérin, 1984, p.58).

Cada grupo vai ser traduzido por cada um em imagens específicas, ou seja, recodificado em referentes de identificação (identidade) e de dissociação (alteridade), sendo possível que um mesmo referente possa ser comum a diferentes grupos.

Este processo torna-se possível porque qualquer “endogrupo” (“ingroup”) é constituído por vários “exogrupos” (“outgroups”) organizados e, reciprocamente, cada “exogrupo” pode incluir indivíduos partilhando certas características objectivas com “si próprio” - aspecto este que poderá ser melhor compreendido a partir da conceptualização de grupo social que lhe está subjacente.

Os estímulos “Nós” e “Eles”, utilizados como procedimento nos grupos de pertença, pretendem introduzir distanciação em relação ao objecto de representação de molde a facilitar o julgamento crítico.

Têm também como objectivo facilitar os mecanismos de associação- diferenciação- oposição que estão na base da identidade social subjectiva, bem como reflectir a natureza heterogénea dos grupos.

A afirmação da coexistência do “Nós” e do “Eles” no interior do mesmo grupo de pertença, vem opor-se ao pensamento sociológico “... *elles se limittent en général à considérer le terme de Nous comme synonyme du groupe auquel on appartient ... et le Eux comme les 'autres dont on se différencie...*” (Zavalloni, Louis-Guérin, p.53).

Contrariamente, os autores consideram a pertença simultânea de um indivíduo a vários grupos, sendo o “Nós” a resultante destas diferentes componentes.

A coexistência no interior de um grupo de vários “exogrupos”, implica que a imagem significativa deste grupo dependa dos referentes implícitos particulares que o indivíduo utiliza na sua relação com o mundo.

Sistema de Diferenciação e Oposição Binária

Este mecanismo implica que para qualquer grupo de identidade, ou para qualquer característica positiva ou negativa de “si próprio”, existe o seu simétrico oposto no campo da alteridade - certos traços constituindo os contra valores do sujeito.

Para exemplificar este mecanismo, os autores recorrem ao atributo reaccionário, que parece funcionar desta forma quando o indivíduo considera que uma das suas características é ser progressista - trata-se da bipolaridade entre as dimensões de “si próprio” e da alteridade, a qual aparece como fundamental na constituição e afirmação da identidade psicossocial.

É ainda este mecanismo que confere ao MIO propriedades dinâmicas: ele organiza-se sobre diferenciações e oposições onde a intensidade nem sempre é igual e onde algumas relações aparecem como mais essenciais que outras - o indivíduo vai situar-se e agir por referência às relações que aparecem como predominantes.

Explicitação do Método

A operacionalização do método da contextualização representacional, a partir do qual foram enunciados os mecanismos anteriormente descritos, é feita através da aplicação do IMIS.

Resumidamente, este método baseia-se em associações livres descrevendo os principais grupos de pertença de cada sujeito (dados do 1º grau) e as representações obtidas são usadas como estímulos para produzir dados de 2º grau, através da técnica da introspecção focalizada.

Contrariamente a correntes existentes na psicologia “*ont postulé que l’environnement socioculturel est commun aux individus qui l’habitent...*” (Zavalloni, Louis-Guérin, 1984, p.58), o IMIS põe em causa a noção de um meio comum, revelando a existência de um meio subjectivo: o referente implícito das representações varia segundo os indivíduos e os grupos.

Com este método, pretende-se identificar a relação entre o mundo objectivo e o mundo subjectivo de um indivíduo, a partir das representações vividas através desta relação e ainda obter a construção da realidade social específica a cada sujeito, tentando minimizar a “... *réaction à une construction étrangère de la réalité sociale...*” (Zavalloni, Louis-Guérin, 1984, p.48).

A apreensão da especificidade individual poderá ser enviesada se nos limitarmos a analisar o sentido das representações produzidas pelo sujeito à luz das categorias do nosso próprio sistema referencial, negligenciando o sistema no qual elas se organizam.

Fase I - Permite estabelecer o inventário das unidades representacionais (UR) que o indivíduo activa em função dos diferentes grupos de pertença (identidade social objectiva) e de não pertença (alteridade social), a partir da utilização sucessiva de “Nós” e “Eles” enquanto estímulos indutores de resposta ao nível de cada grupo de pertença.

O indivíduo deverá preencher um protocolo contendo os diferentes grupos de pertença (e face aos quais deverá produzir dez respostas: palavras ou frases curtas), os grupos de não pertença com os quais estabelece relações reais ou simbólicas (e face aos quais deverá produzir cinco respostas: palavras ou frases curtas), um conjunto de questões envolvendo a descrição da pessoa ideal, das pessoas mais opostas, a descrição pessoal do sujeito (moral e física), a imagem que crê que os pais tinham de si quando era criança, a imagem que crê

projectar nos outros, etc. (face às quais deverá produzir cinco respostas: palavras ou frases curtas).

O conjunto das UR produzidas forma o repertório semântico da identidade e da alteridade, específico a cada sujeito.

Fase II - Nesta fase vai ser elucidado o sentido de cada UR (identidade social subjectiva) através da exploração das suas propriedades qualitativas. A técnica utilizada é a introspecção focalizada, que se caracteriza por ser interactiva (os dados obtidos são retomados na fase seguinte como estímulo para produzir novos dados e assim sucessivamente: estímulo-resposta-estímulo-resposta) e pelo tipo de associações efectuadas (já não são livres como na primeira fase, mas dirigidas a cada fase sob um aspecto particular de elucidação de sentido). Esta técnica desenvolve-se ao longo de três níveis que passamos a explicitar:

Nível 1 - Tem como objectivo fazer emergir o microcosmo social de cada indivíduo - os referentes implícitos das representações e as imagens protótipo que lhe estão associadas - estes referentes, não imediatamente conscientes quando se descrevem os grupos, orientam a forma como é apreendida a realidade social.

É o processo de recodificação que vai permitir a “si próprio” constituir um microcosmo sócio cultural e assim projectar as suas características, necessidades e motivações.

A partir do microcosmo social revela-se um meio subjectivo particular a cada indivíduo: o referente implícito das representações varia segundo os indivíduos e os grupos.

Obtém-se deste modo, uma primeira estruturação da identidade social subjectiva, ou seja, os subgrupos com os quais o sujeito se identifica e aqueles de que se dissocia.

Os resultados obtidos em estudos realizados, mostram que estes elementos estão organizados segundo uma dinâmica específica, estabelecendo relações cujo conteúdo, tal qual avaliado pelo sujeito, é crucial na compreensão da sua acção individual e social.

Os resultados referidos mostram ainda, que os elementos que constituem o microcosmo social são pouco numerosos comparativamente ao inventário de grupos e indivíduos que cada sujeito possa conhecer.

Nível 2 - Tem como objectivo explorar a qualificação diferencial de cada UR (a sua aplicação unicamente ao grupo ou também a “si próprio”), o seu afecto (positivo ou negativo), o seu valor (importância).

A partir deste nível surge uma primeira imagem da relação entre identidade e alteridade (mediatizada pelos grupos de pertença e de não pertença) permitindo especificar a organização representacional do meio social através do que é valorizado ou desvalorizado neste, assimilado ou dissociado relativamente a “si próprio” *“l’on assimile à soi même ce que l’on perçoit comme positif dans le monde extérieur, alors que ce qui est perçu comme négatif est rejeté hors du Soi. Est rejeté au dehors du Soi parfois aussi, ce qu’on refuse d’être soi-même ou de reconnaître en soi-même.”* (Zavalloni, Louis-Guérin, 1984, p.70).

Nível 3 - Tem como objectivo clarificar o significado dos atributos “egomórficos” (aqueles que o indivíduo também associou a si mesmo) quando aplicados ao indivíduo e quando aplicados ao grupo, ou seja, estabelecer a significação diferencial das qualidades egocêntricas e sociocêntricas.

Constata-se que frequentemente uma mesma qualidade muda de significado quando aplicada a “si próprio” (valor egocêntrico) e quando aplicada ao grupo (valor sociocêntrico), o

que é particularmente evidente no caso de atributos desvalorizados que caracterizam igualmente “si próprio”.

Fase III - Consiste na exploração da dinâmica sócio motivacional individual, ou seja, na exploração dos elementos constitutivos do MIO, os quais se encontram na periferia da consciência e consistem em imagens e lembranças raramente activadas, de natureza subconsciente e mesmo inconsciente.

A técnica utilizada é a Análise da Rede Associativa (ARA): é uma técnica experimental, de natureza não linear e dirigida, que suspende o discurso sócio racional buscando a natureza reticulada do pensamento representacional, fazendo emergir imagens, experiências, lembranças que respondem em pensamento de fundo às representações de superfície.

Esta técnica permite pôr em evidência as dimensões importantes segundo as quais se organizam as representações dos grupos de identidade e de alteridade.

O procedimento consiste em, a partir de cada UR, dirigir o respondente ao longo de eixos múltiplos, referindo-se à história do grupo e à história pessoal à qual reenvia essa representação: percurso colectivo e individual da UR.

Esta fase vai permitir identificar o pensamento de fundo, através do qual as dimensões identidade e afectividade tomam forma e podem ser explicadas: trata-se de fazer surgir por detrás de cada UR, as redes “experienciais” e imaginárias (FC/E), ou seja, as redes de significação que acompanham as representações de forma não consciente mas que estão sempre presentes enquanto pensamento de fundo, quando um julgamento é efectuado.

“*On ne peut se représenter si l'on a mémorisé quelque chose*” (Zavalloni, Louis-Guérin, 1984, p.94) isto é, a representação é impossível sem o pensamento de fundo, que enquanto memória e experiência é o suporte essencial do sentido da realidade “*La pensée de fond, plus*

que d'exprimer la représentation, l'a fait exister: elle donne le sens des références et des points de repère, tient ensemble, impose une forme et organise les représentations de surface. Pour se représenter, tout individu n'a en effet que ce qui est disponible dans sa mémoire" (Zavalloni, Louis-Guérin, 1984, p.94).

As representações sociais surgem enquanto conteúdo manifesto do pensamento social, a parte que emerge de um meio interior caracterizado pela interação entre “si próprio”, alter e a sociedade.

O carácter interactivo da identidade aparece desta forma claramente enunciado através do IMIS, sendo possível concluir que as representações são determinadas não apenas pelas características pessoais do sujeito, pelo seu projecto existencial, mas pela posição que este ocupa na sociedade, tendo subjacente o contexto sócio cultural no qual ele evolui.

Estes dois domínios da identidade (individual-social), são construídos a partir de um mesmo repertório semântico, não obstante os seus elementos se articularem em redes “experienciais” e imaginárias diferentes: percurso individual e colectivo das UR.

Dois centros de significação interdependentes vão constituir o universo simbólico de cada indivíduo - um partilhado pela comunidade e veiculado pela ideologia dominante em determinado momento do tempo (significações “sociomórficas”), outro de natureza idiossincrásica reflectindo a maneira específica do indivíduo receber a experiência, organizá-la e exprimi-la (significações “egomórficas”).

A Identidade Social Dominante

As dimensões importantes segundo as quais se organizam as representações dos grupos de identidade e de alteridade constituem a identidade social dominante.

Os elementos que a constituem baseiam-se na identidade (grupos de pertença convergindo em interesses comuns a “si próprio”), na diferença (grupos cujos interesses, não sendo comuns a “si próprio”, não se opõem directamente) e na oposição (grupos antagónicos cujos interesses se opõem a “si próprio”).

A operacionalização deste conceito, remete para a imagem de um filtro a partir do qual o mundo social é categorizado e avaliado, através do qual certas pertenças surgem como mais essenciais e determinantes nas escolhas ideológicas do sujeito.

Desta forma se compreende que os elementos compondo o microcosmo social sejam pouco numerosos comparativamente ao conjunto de grupos e indivíduos que cada um possa conhecer: é a partir das noções de conhecimento activo e não activo do meio, que a noção de memória emocional toma sentido (esta memória, investida pela afectividade, encontra-se na base da motivação social e reenvia-nos à história social e individual de uma pessoa).

Espaço Elementar da Identidade Social

A partir das duas primeiras fases desta metodologia, as UR e os referentes encontrados podem ser classificados no espaço elementar da identidade social, o qual é constituído pela

intercepção do eixo da identidade¹² (“egomorfismo” e “alomorfismo”) e da afectividade (positivo, negativo).

Este espaço é constituído por quatro quadrantes, que passamos a explicitar:

- Quadrante A: expressa a identidade valorizada, evocando sentimentos de satisfação e orgulho.
- Quadrante B: expressa a identidade desvalorizada, sendo neste espaço que podem ser encontradas as principais zonas de stress e conflito para o indivíduo.

Os resultados obtidos em investigações realizadas permitem distinguir duas categorias de representações: de origem interna no indivíduo (faltas, defeitos que o indivíduo atribui a “si próprio”); de origem externa ao indivíduo (injustiças suportadas por “si próprio”, tais como a opressão, exploração, etc.) consequências de uma agressão de alter.

- Quadrante C: expressa a alteridade valorizada, correspondendo àquilo que se admira ou idealiza no outro.

Neste quadrante surgem duas zonas existenciais opostas: uma gratificante para “si próprio” (alter exercendo uma acção de cooperação e suporte, que é complementar a uma necessidade ou a uma falta de “si próprio”) e a outra frustrante (características valorizadas em alter inacessíveis a “si próprio”).

- Quadrante D: expressa a alteridade desvalorizada, os contra valores do sujeito: evoca valores opostos, os adversários, ou ainda quem suscita sentimentos de desprezo ou compaixão.

Este quadrante constitui-se em simetria com aquilo que é considerado importante e positivo, remetendo para o princípio “ego-ecológico” de que qualquer característica positiva

¹² O que distingue os atributos “egomórficos” dos atributos “alomórficos”, é que os primeiros se aplicam a “si próprio”, enquanto os segundos não se aplicam, pertencendo ao domínio da alteridade.

atribuída ao grupo e a “si próprio”, activa simultaneamente em pensamento de fundo o seu pólo negativo.

São dois os níveis de análise que poderão ser obtidos a partir deste “espaço”:

- a análise do vivido social representando as relações de poder vividas pelo sujeito enquanto membro de alguns grupos face aos outros grupos constitutivos do seu microcosmo social (o conteúdo destas relações reenvia-nos ao conceito de motivação social elementar: o “nucleus” que dirige a acção da pessoa enquanto actor social).

- a análise do vivido privado, através da exploração de relações de contiguidade, obstáculo, oposição, agressão, etc., fazendo surgir os nós dinâmicos sócio motivacionais, ou seja, estruturas centrais, temas dominantes que parecem reflectir e resumir aspectos importantes do vivido enquanto projecto de “si próprio”; estes nós vão constituir a memória emocional.

No sentido de fazer surgir os nós dinâmicos sócio motivacionais, as UR vão ser agrupadas em função de temáticas comuns, sendo os temas dominantes aqueles que reagrupam mais UR e que vão estar relacionados com numerosos outros temas.

O ponto de partida é o espaço da identidade positiva, procedendo-se à selecção das UR passíveis de estabelecerem relações com as faltas, defeitos e vitimizações que condicionam “si próprio” no seu projecto (identidade negativa); com as fontes de gratificação e frustração ou ameaça percebidas no ambiente (alteridade positiva e negativa).

Os “nós” vão aparecer integrados em diferentes esferas existenciais: material, emocional, intelectual, interpessoal, moral, socio-política (que não são independentes e cujos temas se poderão encontrar em várias delas).

A estrutura deste modelo pode ser aplicada a qualquer pessoa, não obstante o conteúdo do pensamento representacional variar segundo os indivíduos - certas relações estarão ausentes e outras dominarão.

Torna-se assim possível identificar os elementos do microcosmo social em função do corte que pode ser feito segundo os eixos da identidade e da afectividade: segundo o seu lugar no espaço imaginário, os grupos ou indivíduos suscitam reacções afectivas diferenciadas.

Amostra

O universo deste estudo foi constituído pelos alunos da AM de Lisboa, do ano de 1994/95.

A amostra escolhida não foi representativa do universo: a morosidade das entrevistas, aliada à dificuldade em disponibilizar cadetes para este efeito, apenas nos permitiu efectuar 12 entrevistas.

Os critérios adoptados para efeitos da escolha efectuada foram os seguintes:

- exclusão do 4º ano por ser o único ano onde não existiam raparigas.
- exclusão do 1º ano¹³, por constituir uma realidade diferenciada: um outro espaço físico e a coexistência dos três ramos das Forças Armadas (exército, marinha, força aérea).
- entrevistar a totalidade das raparigas, em virtude do seu n.º reduzido (7). Contudo, não foi possível entrevistar duas das cadetes mencionadas: uma porque se recusou terminantemente, a outra por motivos de ordem prática que lhe foram alheios.

No caso dos rapazes, procurou-se entrevistar um número ligeiramente superior, mas sem fixar um limite de partida: decidimos parar as entrevistas quando a informação recolhida não acrescentasse elementos significativos para o objectivo central do estudo: apesar do IMIS permitir extrair muita informação, a cultura militar imprimiu alguma homogeneidade nas respostas dadas, a qual se acentuou a partir do momento em que as entrevistas foram

¹³ Na AM de Lisboa (exército), funcionam o 2º, 3º e 4º anos. O 1º ano funciona na Amadora.

conduzidas dentro do espaço da própria AM (constrangimentos organizacionais e dos próprios sujeitos não nos permitiram realizar as entrevistas no exterior da AM).

Finalmente foram entrevistados 7 cadetes do sexo masculino e 5 cadetes do sexo feminino e as entrevistas decorreram no período de Janeiro a Abril de 1995.

Cada entrevista demorou em média 6 a 8 horas (incluindo-se o tempo de preenchimento do protocolo), razão pela qual foram conduzidas por fases: os horários dos cadetes impossibilitavam que os pudéssemos mobilizar por períodos muito longos.

Todas as entrevistas foram gravadas e de seguida transcritas.

Ainda no quadro do capítulo dedicado ao método, gostaríamos de ressaltar que a decisão de tomar como objecto de estudo um tema fortemente ideológico e estereotipado como o presente, nos levou a optar por um trabalho essencialmente exploratório, tendo por base uma metodologia qualitativa, que nos permitisse “captar em profundidade” um tema que se caracteriza por um discurso defensivo.

Apesar do rigor existente na recolha e tratamento da informação fornecida, os resultados aqui expostos poderão apresentar enviesamentos, decorrentes das entrevistas terem sido na sua totalidade conduzidas por uma entrevistadora mulher, e outros decorrentes da nossa própria análise interpretativa. A morosidade implícita na aplicação desta metodologia, (inviabilizando a sua utilização integral na maioria dos casos) impediu-nos de testar algumas conclusões com base numa metodologia quantitativa, como era nossa intenção inicial - fica a sugestão para investigações ulteriores.

RESULTADOS

A apresentação dos resultados, iniciar-se-á com uma análise global que nos permita obter as principais dimensões em torno das quais se constitui o repertório semântico desta amostra, a síntese dos referentes recodificados, os níveis de “egomorfismo” e “alomorfismo” suscitados no interior de cada grupo de pertença.

A partir desta análise torna-se possível constatar o surgimento ou não de regularidades no interior deste grupo, bem como as principais categorias onde se verifica a sua incidência, caso se verifiquem.

Seguidamente iremos proceder à análise qualitativa de cada protocolo - a análise dos protocolos sugerem os principais eixos em torno dos quais as representações se reconstróem neste grupo específico que examinámos.

Em virtude do nosso objectivo principal incidir nas variáveis género e profissão, apresentaremos um primeiro quadro contendo as UR activadas a partir das respectivas pertenças - poderemos incluir outras pertenças desde que se revelem centrais na identidade dos sujeitos.

A análise dos resultados, apesar de incidir na identidade de género/militar, procurará integrar a informação mais saliente recolhida ao longo de todo o protocolo, e será acompanhada por um segundo quadro sinóptico contendo o espaço elementar da identidade social, cujo conteúdo teórico foi referido nas págs. 46, 47, 48.

Finalmente, com base nas análises anteriores apresentaremos uma síntese global seguida das principais conclusões obtidas com este trabalho.

Análise Global dos Resultados

Repertório Semântico da Identidade e da Alteridade

A partir da fase I do IMIS obtivemos o repertório semântico da identidade e da alteridade específico aos sujeitos constitutivos da nossa amostra, bem como a sua respectiva valência.

Estes dados foram sistematizados grupo a grupo e seguidamente categorizados com base no sistema de categorias do TST (Rees, Nicholson, 1994). A leitura da Fig. 1 possibilita-nos destacar:

- A dimensão lutador (“self application”) enquanto dimensão essencialmente masculina, ao mesmo tempo que a dimensão atencioso (“caring”), embora partilhada pelo conjunto dos sujeitos, surge enquanto dimensão essencialmente feminina.

- A necessidade de poder na sua vertente dominância, enquanto dimensão essencialmente masculina, ao mesmo tempo que na sua vertente passividade se revela uma dimensão essencialmente feminina.

Fig. 1: categorização das UR com base nas categorias do TST - dimensões predominantes

Grupos	Egomorfismo	Alomorfismo
Nacionalidade	<i>Atencioso</i> (hospitaleiros) / <i>Satisfeito</i> (felizes) / <i>Comp. sociais</i> (visão fem.) / <i>Lutador</i> (visão masc.)	<i>Intolerante</i> (antiquado) / <i>Pouco atencioso</i> / <i>Insatisfeito</i>
Região	<i>Atencioso</i> / <i>Satisfeito</i> / <i>Lutador</i> (visão masc)	<i>Pouco inovador</i> (rotineiros-visão fem.) / <i>Pouco atencioso</i>
Homens	<i>Nec. poder</i> (dominante) / <i>Comp. Org.</i> (sabemos o que queremos) / <i>Digno de confiança</i> / <i>Afirmativo</i> (orgulhosos, arrogantes)	<i>Poder</i> (relação com o sexo oposto: excesso dominância/ passivos)
Mulheres	<i>Digno de confiança</i> / <i>Satisfeita</i> / <i>Nec. poder</i> (passiva) / <i>baixas comp. sociais</i> (introvertidas)	<i>Pontos fracos morais</i> (cínicas)
Eles Homens	<i>Atencioso</i> (ajudam) / <i>Digno de confiança</i>	<i>Pouco atencioso</i> / <i>Afirmativo</i> (arrogantes)
Elas Mulheres	<i>Emocional</i> (carinhosas) / <i>Lutadora</i>	<i>Pouco atenciosas</i> (interesseiras) / <i>Afirmativo</i> (vaidosas, convencidas)
Religião	<i>Dignos de confiança</i> (respeito pelas convicções dos outros) / <i>Inovadores</i> (livres) / <i>Atencioso</i> (bons, ajudam)	<i>Intolerantes</i> (antiquados, fanáticos) / <i>Pouco atenciosos</i> (interesseiros) / <i>Pontos fracos morais</i> (hipócritas)
Profissão	<i>lutadores</i> (aplicados, espírito sacrifício - visão masculina) / <i>dignos de confiança</i> (leais, nobres) / <i>Nec. poder</i> (passivo) / <i>Atenciosos</i> (ajudam - visão feminina)	<i>Pontos fracos morais</i> (desleais) / <i>Pouco atenciosos</i> (mal educados, egoístas) / <i>Desmotivado</i> (indiferente, baldas)
Classe social	<i>Atencioso</i> (ajudam, amigos) / <i>Satisfação</i> / <i>Dignos de confiança</i> - visão feminina. <i>Lutadores</i> (dedicados, trabalhadores) / <i>Dignos de confiança</i> - visão masculina.	<i>Pouco atencioso</i> (classe média) <i>Pontos fracos morais</i> / <i>desmotivados</i> (os militares)
Classe social oposta		<i>Pouco atencioso</i> (egoísta) / <i>Pontos fracos morais</i> (oportunistas) / <i>Impulsividade</i> (esbanjadores, exibicionistas)
Tendência política	<i>Neces. de desenvolvimento</i> (progresso) <i>Lutador</i> (trabalhador- visão masculina), <i>Compet. organizacionais</i> (sabemos o que queremos - visão masculina)	<i>Pontos fracos morais</i> (fingidos) / <i>Pouco atencioso</i> (interesseiro) / <i>Desmotivação</i> (desinteressados) / <i>Impulsividade</i> (conflituosos, exibicionistas)
Política oposta		<i>Impulsivo</i> (utópicos, conflituosos) / <i>Pontos fracos morais</i> (mentirosos) / <i>Intolerante</i> (atrasados, ultrapassados - visão masculina)
Grupo etário	<i>Satisfação</i> / <i>Lutadores</i> (responsáveis) / <i>Tolerante</i>	<i>Impulsivos</i> (irreflectido) / <i>Afirmativo</i> (arrogantes, confusos) / <i>Desmotivado</i> (despreocupado)
Solteiros	<i>Satisfação</i>	<i>Desmotivado</i> (despreocupados)
Outro Grupo	<i>Lutador</i> (responsável, dedicado, trabalhador - visão masculina)	
Família	<i>Atencioso</i> (amigos, unidos, ajudamo-nos)	<i>Dificuldades de afiliação</i> (não são um grupo) / <i>Pouco atenciosos</i> (egoístas)

Microcosmo Social

Através da fase II do IMIS, nível I fizemos emergir o microcosmo social de cada respondente, ou seja, os referentes implícitos e as imagens protótipo não imediatamente conscientes quando se descrevem os grupos, mas que orientam a forma como é apreendida a realidade social.

Obtivemos assim, a primeira estruturação da identidade social subjectiva: os subgrupos com o qual o indivíduo se identifica e aqueles de que se dissocia pela diferença ou pela oposição.

A análise da Fig. 2, permite-nos observar que o referente implícito das representações varia segundo os indivíduos, não obstante existir alguma homogeneidade no interior desta amostra.

A partir de um mesmo grupo estímulo coexistem imagens negativas e positivas, referentes de identificação e de dissociação, o que vem reforçar a conceptualização de grupo social subjacente a esta teoria - as fronteiras entre grupos são ténues, verificando-se a coexistência de vários “exogrupos” no interior de um grupo.

A oposição/antagonismo prevalece no caso da pertença militar:

- as mulheres cadetes, as praças e as prostitutas em antagonismo com “nós as mulheres”;
- os cadetes incorrectos em antagonismo com “nós as cadetes”;
- as mulheres intrusas em antagonismo com “nós os cadetes”;
- os cadetes que alteram o comportamento na presença de superiores, que se submetem contrariados, que vêm sem vocação, em antagonismo com “nós os cadetes”;
- os militares que dão mau nome à instituição, em antagonismo com “nós os militares”;

- os militares que querem acabar com a mítica, em antagonismo com “nós os militares”;

O referente cadetes/militares, ao investir vários grupos de pertença do sujeito (outro grupo, profissão, sexo), torna possível concluir que o n.º de referentes utilizados pelos sujeitos é muito restrito, comparativamente ao inventário dos grupos com os quais estabelecem relação.

Contudo, é importante que estes resultados possam ser explicados à luz da “história dos sujeitos”: o grupo de idade em que se encontram, bem como a pertença a uma instituição fechada ao exterior (a instituição militar), poderá induzir uma diminuição no n.º de referentes utilizados, circunscrevendo-os ao círculo de intimidade (os amigos e a família) e aos camaradas da AM.

Quando activados a partir do estímulo “Nós”, estes referentes vão ser expressão de valores, da mesma forma que quando activados a partir do estímulo “Eles” vão ser expressão de contra valores, constituindo os exemplos negativos que influenciam os sujeitos a terem uma consciência clara de “si próprios” (constituída a partir daquilo que eles recusam).

É a partir da constatação de um número diminuto de elementos constitutivos do microcosmo social, que os conceitos de conhecimento activo e não activo do meio, para recordar duas expressões utilizadas pelos autores, poderão ser melhor compreendidos.

Assim, ao nível da recodificação dos grupos vemos surgir uma imagem predominante, ligada a uma identidade particular - certas pertenças começam a surgir como mais determinantes nas escolhas ideológicas dos sujeitos, remetendo para o conceito de identidade social dominante.

Fig. 2 - Referentes Implícitos das representações e imagens protótipo (síntese)

Grupos	Referentes de identificação	Referentes de dissociação
Nacionalidade	Eu mesmo Gr. primários: amigos, família Gr. sociais: a Academia , militares, a região Gr. afiliação: jogadores de seleções Outros: camadas mais jovens, meios desenvolvidos Imagens: descobrimentos, grande história	Gr. primários: amiga egoísta Gr. sociais: camaradas e estudantes egoístas, militares bem equipados Gr. afiliação: políticos vigaristas, passivos Outros: jovens conformistas; adultos e idosos conservadores; gente do sul egoísta e suja; transeuntes; machistas O que os estrangeiros pensam de nós
Região	Eu mesmo Gr. primários: amigos , família, irmão, namorada Gr. sociais: cadetes que sabem ouvir; os alentejanos; os almadenses Outros: conhecidos, o meio que me rodeia	Gr. primários: o avô tradicionalista, o pai despreocupado, a mãe pouco inovadora, amigos individualistas Gr. sociais: cadetes infelizes, Lisboaetas stressados/antipáticos; palop; emigrantes de África, "skinheads" Outros: toxicodependentes; pessoas do autocarro; pessoas mais velhas O que as pessoas das aldeias pensam dos Lisboaetas
Homens	Eu mesmo Gr. primários: pai; irmão Gr. social: camaradas ; pessoal lá de cima (região) Imagens: homens com visão do mundo diferente das mulheres/ homens que aceitam as mulheres.	Gr. primário: amigos despreocupados Gr. secundário: pessoal cá de baixo Outros: homossexuais Imagens: o "macho man"/homens que se subjagam às mulheres
Mulheres	Eu mesma Gr. primário: tias; primas; amigas Gr. social: mulheres cadetes Imagens: mulher moderna que trabalha / preocupamo-nos com a nossa imagem.	Gr. primário: a prima Gr. social: mulheres cadetes indiscretas; as praças Outros: as outras mulheres de quem se ouviu falar; as amigas das amigas. Imagens: mulheres que só vivem para a família, mães domésticas.
Eles Homens		Gr. primário: ex. namorado; amigo que se interessou por si; amigos militares Gr. social: cadetes educados; cadetes com pouco respeito pelas mulheres.
Elas Mulheres		Gr. primário: mães, irmã, namoradas Outro: mulheres falsas
Religião	<u>Católicos</u> Eu mesmo Gr. primário: família , mãe, avô, amigos Gr. social: uma camarada, as freiras Outros: pessoas mais jovens <u>Ateus</u> Eu mesmo	<u>Católicos</u> Gr. social: padres Outros: os praticantes, senhoras que dão catequese e estão sempre na igreja, beatos , conservadores, antiquados, fanáticos, egoístas, idosos <u>Ateus</u> Outros: não respeitam convicções dos outros O que os praticantes pensam de Nós (ateus)
Profissão	Gr. social: cadetes	Gr. primário: mulheres intrusas Gr. social: cadetes - da minha região/ do 4º ano simpáticos/do 4º ano baldas/ que não convivem/ que se submetem contrariados/ mudam na presença de superiores/ incorrectos; militares estrangeiros com equipamento.
Classe social	<u>Média</u> eu mesmo Gr. primário: família ; amigos Gr. social: Academia; Chaves "ausência de preocupação em ser como os outros que estão acima" <u>Militares/Oficiais do exército</u> eu mesmo Gr. primário: militares nas unidades e suas famílias Gr. Social: oficiais dos comandos (sofrem e trabalham mais) Imagens: cavaleiros do rei <u>Média alta</u> Eu mesmo Gr. Primário: família	<u>Média</u> Gr. Primário: família (não se divertem) Gr. social: a escola onde andei (descriminava filhos de gente não conhecida), vizinhos Gr. afiliação: políticos Outro: pessoas que vê em casa da amiga que o pai é médico, pessoas que mudam só porque ganharam mais dinheiro, pessoas sempre a tentarem subir. Classe média vista pelas outras classes <u>Média alta</u> Eu próprio Gr. primário: família Imagens: ricos por herança ou desonestidade.

Classe social oposta		<p>Classe alta - Gr. social: vizinhos/ conhecidos tentam superiorizar-se através dos bens materiais Gr. afiliação: políticos Outros: grandes empresários</p> <p>Classe baixa/ pobres Outros: ciganos dos bairros de lata, pessoas Martim Moniz a dormir nas arcadas, países do 3º mundo. <u>Ciganos</u> - Outros: ciganos sem nobreza, desonestos <u>Anarquistas</u> - Gr. afiliação: a esquerda <u>Civis</u> - Outros: os civis</p>
Tendência política	<p><u>Direita/Democratas, Capitalistas</u> Eu mesmo Gr. Primário: família, amigos Outros: pessoal operário com mentalidade capitalista, o povo tenta a igualdade. <u>Nacional Socialistas</u> - eu mesmo Gr. Afiliação: o extinto MAN Outros: a massa que defende as nossas convicções (sem poder) <u>Comunista</u> Gr. Primário: família e amigos da família Imagens: a presidente da câmara de Almada <u>Apartidário</u> Eu mesmo - “militar deve ser apartidário”</p>	<p>Gr. primário: família Gr. social: pessoas da Academia (não conheço os seus ideais) Gr. afiliação: políticos; extrema direita conflituosa; fascismo - comunismo Outros: patrões e industriais que pedem subsídios e levam as empresas à falência <u>Nacional Socialistas</u> Outros: “skinheads” racistas; Hitler; elementos da classe alta com dinheiro/nome. <u>Comunista</u> - A família vista pelos amigos de Direita <u>Apartidário</u> - Gr. afiliação: políticos e deputados Outros: quem não tem opinião própria</p>
Política oposta		<p><u>Esquerda/ comunismo</u> amigos do avô; pessoas idosas político francês irreal; Czars URSS/Americanos Imagens: no 25 Abril destruíram o pouco que havia/pessoas da APU que via em pequena <u>Alemanha/ Nazis</u> Imagens: a lista de Shindler; autoritarismo que vai contra a minha posição.</p>
Grupo etário	<p>Eu mesmo Gr. Primário: amigos Gr. social: cadetes; jovens</p>	<p>Gr. primário: irmão mais novo, amigos despreocupados Gr. social: Jovens civis, pessoas que vão para a droga, incapazes definir objectivos</p>
Estado civil	<p>Eu mesmo (livre, independente) Gr. Primário: irmão, amigos, primos Gr. social: cadetes, solteiros com responsabilidades, mulheres mais regradas</p>	<p>Gr. primário: amigos despreocupados Gr. social: camaradas, civis não fazem planos, rapazes só pensam no presente, casados Outros: pessoas sem interesse em relacionar-se com o sexo oposto</p>
Outro Grupo	<p><u>Militares/ cadetes/ comandos</u> Gr. social: cadetes cumpridores, não obcecados pela instituição; cadetes que vêm por vocação; cadetes homens respeitadores; militares estabelecem relação humana com subordinados; militares preocupados com a mítica; comandos menos malucos. <u>MISEF</u> - Gr. Social: as cadetes <u>Desportistas</u> - eu mesmo o meu grupo: desportistas militares <u>Forcados</u> - São mais que uma família <u>Minhotos</u> - Pessoas do Minho <u>Escuteiros</u> - Gr. Primário: irmã, pai, melhor amiga <u>Os que ocupamos os tempos livres</u> - eu mesma Gr. Primário: amigas</p>	<p><u>Militares/ cadetes/ comandos</u> Gr. social: cadetes/ cadetes do 4º ano desrespeitadores; cadetes sem vocação (querem segurança profissional); oficiais sem vida própria; militares que vivem vida militar separada da vida civil; militares que querem acabar com a mítica; comandos malucos. <u>MISEF</u> Gr. social: as praças As mulheres militares vistas pelos civis e militares <u>Escuteiros</u> Gr. afiliação: lobitos, chefe actual <u>Os que ocupamos os tempos livres</u> Gr. social: aqueles que fazem o mesmo que nós mas são pagos</p>
Família	<p>Eu mesmo Gr. Primário: a minha família, famílias mais íntimas, pais, irmãos, tios, primas Gr. social: camaradas casados com responsabilidades, empresários com cuidado para não caírem na falência Imagens: ausência de harmonia (pais divorciados)</p>	<p>Gr. primário: família com grande ligação pai, mãe, filhos; família com pais divorciados; pais e irmãos complicados; irmã, mãe, tios; avô egoísta (batia à avó). A opinião das pessoas que conhecem o seu pai profissionalmente.</p>

Nota: a “*bold*” encontram-se os referentes que mais frequentemente foram referidos.

Qualificação Diferencial de Cada UR

A análise dos dados obtidos, confirma que o estímulo “Nós” gera essencialmente UR “egomórficas” e que estas são na sua maioria avaliadas como positivas, enquanto que o estímulo “Eles” gera simultaneamente UR “egomórficas” e “alomórficas”, numa relação que varia em função dos grupos:

- a região, o outro grupo, a profissão, a família são por ordem decrescente, os grupos de pertença que a partir do estímulo “Eles” suscitam mais “egomorfismo”;

- a religião e a política, são por ordem decrescente, os grupo de pertença que suscitam mais “alomorfismo”.

No que concerne aos grupos de não pertença:

- o sexo oposto activa essencialmente UR “egomórficas” quando analisadas as respostas das mulheres; activa percentagens similares de “egomorfismo” e “alomorfismo”, quando analisadas as respostas dos homens.

- a tendência política oposta e a classe social oposta, activam essencialmente UR “alomórficas”.

De realçar que apesar da categoria “neutro” ter surgido como uma das hipóteses possíveis na avaliação de cada UR, ela reenvia a significações particulares investidas de afecto positivo ou negativo.

Os dados obtidos indicam que no caso de estarmos em presença de categorias “egomórficas” negativas, os sujeitos têm tendência em inverter o sentido do atributo quando aplicado a si mesmos.

Numa tentativa de se defenderem, os indivíduos poderão ter tendência em dar respostas socialmente desejáveis, ou seja, avaliarem os atributos como não aplicáveis a si mesmos, apesar de os reconhecerem- o entrevistador deverá estar atento para identificar estas situações.

Fig. 3 - n.º total de UR “egomórficas” e “alomórficas” associadas aos estímulos “Nós” e “Eles”

Portug.	<i>Nós +</i>	<i>Nós (0)</i>	<i>Nós -</i>	<i>Eles +</i>	<i>Eles (0)</i>	<i>Eles -</i>
egom	42 (72%)	6	3	22 (38%)	3 (5%)	4 (7%)
alom	0	0	7	1(2%)	1(2%)	26 (46%)
Região	<i>Nós +</i>	<i>Nós (0)</i>	<i>Nós -</i>	<i>Eles +</i>	<i>Eles (0)</i>	<i>Eles -</i>
egom	45 (71%)	7	3	30 (51%)	6(10%)	4(7%)
alom	0	2	6	1(2%)	2(3%)	16 (27%)
Sexo	<i>Nós +</i>	<i>Nós (0)</i>	<i>Nós -</i>	<i>Eles +</i>	<i>Eles (0)</i>	<i>Eles -</i>
egom	37	9	6	14(24%)	6(10%)	5(8%)
alom	2	1	4	3(5%)	7(12%)	24(41%)
Eles H.	****	****	****	<i>Eles +</i>	<i>Eles (0)</i>	<i>Eles -</i>
egom				17 (68%)	1(4%)	2(8%)
alom				0	1(4%)	4(16%)
Elas M.	***	***	***	<i>Eles +</i>	<i>Eles (0)</i>	<i>Eles -</i>
egom				16 (46%)	2 (6%)	0
alom				0	3 (8%)	14 (40%)
Religião	<i>Nós +</i>	<i>Nós (0)</i>	<i>Nós -</i>	<i>Eles +</i>	<i>Eles (0)</i>	<i>Eles -</i>
egom	43 (77%)	4	3	17 (30%)	3 (5%)	0
alom	1	3	2	1 (2%)	10 (17%)	26 (46%)
Profissão	<i>Nós +</i>	<i>Nós (0)</i>	<i>Nós -</i>	<i>Eles +</i>	<i>Eles (0)</i>	<i>Eles -</i>
egom	53 (88%)	3	2	27 (46%)	4 (7%)	5 (8%)
alom	0	2	0	0	0	23 (39%)
Cl. soc.	<i>Nós +</i>	<i>Nós (0)</i>	<i>Nós -</i>	<i>Eles +</i>	<i>Eles (0)</i>	<i>Eles -</i>
egom	48 (80%)	7	2	21 (38%)	4 (7%)	4 (7%)
alom	1	1	1	4 (7%)	2 (4%)	20 (37%)
Cl. s. op	***	***	****	Eles +	Eles (0)	Eles -
egom				7 (11%)	3 (5%)	6 (10%)
alom				0	5 (8%)	41 (66%)
Política	<i>Nós +</i>	<i>Nós (0)</i>	<i>Nós -</i>	<i>Eles +</i>	<i>Eles (0)</i>	<i>Eles -</i>
egom	50 (85%)	6	0	20 (35%)	2 (4%)	0
alom	0	1	2	0	4 (7%)	31 (54%)
Pol. op.	***	***	***	Eles +	Eles (0)	Eles -
egom				11 (19%)	1 (2%)	2 (3%)
alom				0	5 (9%)	38 (67%)
Gr. Etár.	<i>Nós +</i>	<i>Nós (0)</i>	<i>Nós -</i>	<i>Eles +</i>	<i>Eles (0)</i>	<i>Eles -</i>
egom	49 (80%)	6	4	23 (38%)	1 (2%)	6 (10%)
alom	0	1	1	1 (2%)	5 (8%)	24 (40%)
Solt.	<i>Nós +</i>	<i>Nós (0)</i>	<i>Nós -</i>	<i>Eles +</i>	<i>Eles (0)</i>	<i>Eles -</i>
egom	40 (70%)	9	0	20 (34%)	8 (13%)	3 (5%)
alom	4	2	2	2 (3%)	5 (8%)	22 (37%)
Outro Gr.	<i>Nós +</i>	<i>Nós (0)</i>	<i>Nós -</i>	<i>Eles +</i>	<i>Eles (0)</i>	<i>Eles -</i>
egom	54 (90%)	3	3	34 (58%)	3 (5%)	2 (3%)
alom	0	0	0	2 (3%)	2 (3%)	16 (28%)
Família	<i>Nós (+)</i>	<i>Nós (0)</i>	<i>Nós -</i>	<i>Eles +</i>	<i>Eles (0)</i>	<i>Eles -</i>
egom	54 (89%)	5	1	30 (50%)	3 (5%)	1 (2%)
alom	0	1	0	1 (2%)	5 (8%)	20 (33%)

Tomando por base o total de “egomorfismo” e “alomorfismo” produzido a partir de cada grupo estímulo, poderemos formular uma ideia mais clara da importância de cada grupo na identidade dos sujeitos.

Fig. 4 - Percentagem total de “egomorfismo” e “alomorfismo” associado a cada grupo.

Grupos de identidade e alteridade	% total egomorfismo	% total alomorfismo
Nacionalidade	70	30
Região	78	22
Sexo	65 (M: 43/66 F:34/52)	35 (M: 24/66 F: 17/52)
Sexo oposto (Eles os homens)	80	20
Sexo oposto (Elas as mulheres)	51	49
Religião	62	38
Profissão	79	21
Classe social	75	25
Classe social oposta	26	74
Política	67	33
Política oposta	25	75
Grupo etário	74	26
Estado civil	68	32
Outro grupo	83	17
Família	78	22

Assim, na identidade deste grupo, parece ter peso significativo a pertença militar (suscitada a partir do outro grupo, profissão e classe social), a família e a região associadas ao círculo de intimidade dos sujeitos e remetendo para as suas origens.

No caso da pertença sexual, é de realçar o processo de identificação que as mulheres estabelecem com o sexo oposto e que vai ser determinante na construção da sua identidade.

A tendência política oposta, representada através do conflito esquerda-direita, bem como a classe social oposta, representada através da classe alta (já activada a partir do estímulo “Eles” associado à classe social de pertença), introduzem a alteridade em simetria com os valores identitários expressos.

Análise Qualitativa de Cada Protocolo

Protocolo 1

Protocolo M1 - Rapaz, 25 anos, 2º ano da Academia Militar, Militar dos Comandos, Solteiro, Católico, de Direita

Nós os homens somos:

- honestos (1,+E)
- trabalhadores(1,+E)
- transparentes (1,0)
- sensíveis (1+E)
- controlados (2,0)

Eles os homens são :

- unidos (1,+E)
- transparentes (1,0)
- trabalhadores(1+E)
- orgulhosos (2+E)
- vaidosos (3+E)

Elas as mulheres são:

- falsas (X-)
- trabalhadoras (1+E)
- insensíveis (X-)
- controladas (1,0)
- mães (X,0)

Nós os cadetes somos :

- esforçados (1+E)
- tímidos (1-)
- franciscanos (1,0)
- servios (1+E)
- nobres (2,0)

Eles os militares são:

- esforçados (1+E)
- nobres (2,0)
- unidos (1+E)
- franciscanos (1,0)
- malucos (3+E)

1- aplica-se completamente a mim

2- aplica-se a mim

3- aplica-se um pouco a mim

x- não se aplica a mim

0- faz parte da minha personalidade

E- é uma característica minha essencial

+, -, ∅, positivo, negativo, neutro

Nós os oficiais do exército somos :

- calados (1, 0)
- esforçados (1, +E)
- analisadores (1,+E)
- honestos (1, +E)
- preocupados (1, +E)

Eles os oficiais do exército são:

- esforçados (1, +E)
- superiores (x, 0)
- malucos (3, +E)
- burros (x, -)
- sabujos (x, -)

Nós/ Eles os comandos somos :

- unidos (1+E)
- portugueses (1+E)
- dedicados (1+E)
- malucos (1+E)
- subordinados (1+E)

Nós/ Eles os minhotos somos:

- portugueses (1+E)
- nobres (1+E)
- trabalhadores (1+E)
- chefes de família (1+E)
- sérios (1+E)

Recodificação dos Grupos

A segunda fase da introspecção focalizada indica que M1 diferencia “nós e eles os homens”.

“Nós os homens” é constituído por dois núcleos - o núcleo familiar englobando o pai e o irmão bem como “o pessoal lá de cima”; e o núcleo profissional englobando o grupo da Academia.

“Eles os homens” engloba o “pessoal do sul”, surgindo a dicotomia norte/sul, igualmente na base da diferenciação “nós/eles os cadetes alunos”: “Nós os cadetes do Minho” muito unidos, tal como os transmontanos; “eles o pessoal do sul” (Lisboa, Alentejo e Algarve).

Esta dicotomia, remete para valores sócio económicos relacionados com as dimensões trabalho e família, caracterizando o Norte, em oposição a alter Lisboa/pessoas do sul, com um estilo de vida diferenciado e distante dos valores expressos para o grupo de pertença “*as pessoas do campo levantam-se cedo e fazem o que têm a fazer durante o dia, as pessoas de Lisboa dormem de dia e divertem-se à noite ... é necessário trabalhar para ter bens ... somos poupados para juntar dinheiro e criar família*”.

A atitude das pessoas do sul é ainda exemplificada através da atitude desonesta dos ciganos “*aldrabões, sempre prontos a enganar o cliente, têm poucos valores, não têm sentimentos nobres*”.

Desenham-se assim os dois principais eixos que vão estar na base da identidade social deste sujeito: os minhotos, directamente associados à família e o meio militar.

Os minhotos, directamente associados ao conceito de nacionalidade suscitam imagens de um passado histórico do qual o sujeito se orgulha “*região onde nasceu Portugal, orgulho do seu passado ... sentimentos nobres: defesa da pátria, gosto dessa parte da nossa história, os reis, a população, a conquista de territórios*”.

Associado ao passado histórico surge o conceito idealizado de família “*os minhotos há uns anos atrás tinham grandes famílias, se não fossem as dificuldades de hoje eu era um chefe de família como há anos atrás*” - ao conceito de família tradicional opõem-se as famílias pouco numerosas e desunidas caracterizando os grandes centros urbanos.

A representação do género estrutura-se assim em torno da especificidade de papéis:

- O homem, representado enquanto o “sexo forte” (quem manda em casa e tem mais oportunidades de emprego), tem atribuído o papel de chefe de família “*deve gerir a casa e tomar as decisões principais*”.

O orgulho surge como traço distintivo da categoria masculina, opondo-lhe os homossexuais “*os homens se não forem orgulhosos podem deixar de ser homens, como é o caso dos homossexuais*”.

- A mulher, idealizada no papel de mãe, deverá ter a seu cargo a educação da criança “*as mulheres preocupam-se mais naturalmente com os filhos, vivem na super-protecção dos filhos, ao contrário dos homens que lhes dão mais liberdade...*”.

Ela deverá ser o suporte afectivo e funcional dos filhos solteiros “*dependemos da mãe, ela é que se preocupa connosco, lava-nos a roupa, podemos ter muita idade mas somos solteiros e a mãe continua a cuidar de nós, sentimo-nos filhos da mamã*”, não obstante a preocupação que o chefe de família deverá manter com a educação dos filhos homens, evitando o surgimento da homossexualidade (esta representação não deixa de conter alguma ambivalência quando confrontada com a referência ao papel de sua mãe “*é ela que gere a casa, que gere o dinheiro que temos lá em casa*”).

Contudo, se a representação da mulher surge idealizada, ela surge simultaneamente enquanto expressão de contra valores, induzindo uma atitude de desconfiança por parte do sujeito “*podem magoar o próximo com palavras ou actos, por fora são sensíveis mas por dentro não o são, controlam os sentimentos ... são falsas, têm outra intenção por detrás de uma intenção, não sabemos com o que contar, agradam ao marido para depois lhe pedir dinheiro*”.

A dicotomia de papéis subjacente à representação do género poderá explicar a inviabilidade que o sujeito encontra na presença das mulheres nas Forças Armadas, mais concretamente nos comandos “*As mulheres não tinham características físicas para ir para os*

comandos, não têm robustez, não é um corpo volumoso, aquilo é uma tropa muito dura que exige muito de cada pessoa a nível físico”.

Assim, a caracterização do meio militar assume como principal referente o género masculino, fazendo referência aos cadetes, aos oficiais do exército e aos comandos, não obstante estes últimos terem um papel privilegiado para o sujeito.

Esta caracterização tem presente uma dicotomia entre identidade civil e militar, surgindo uma diferenciação entre os comportamentos do sujeito nestes dois contextos *“sou 100% aventureiro aqui, a finalidade é cumprir a missão, lá fora não o sou, a finalidade é a diversão”.*

Para cumprir as suas missões os militares assumem riscos que os afastam da normalidade *“se fossem pessoas normais passavam-se da cabeça ao estarem inseridos neste meio, muitas instruções que faço aqui se estivesse em casa não as fazia, são perigosas”* e que M1 partilha, não por ser maluco, mas devido a características idiossincrásicas que associa à cultura militar: submissão à autoridade superior, gostar de sofrer *“muitas coisas que faço tem a ver com o espírito franciscano e não apenas com o ser maluco, gostar de sofrer dá gozo quando somos nós a tomar a iniciativa ... estamos aqui para servir, estado de alerta diário, podemos oferecer a nossa pessoa numa guerra”.*

Não obstante a oposição entre oficiais dos comandos e oficiais do exército, os militares vão investir a classe social do sujeito.

Os primeiros, recodificados através do atributo “Nós”, fazem parte intrínseca da sua identidade, os segundos recodificados através do atributo “Eles”, constituem um grupo de oposição *“alguns oficiais daqui não percebem o que estão a fazer e impõem-se só pelos galões ... tentam agradar ao superior para subir mais depressa”.* Contrariamente, os oficiais

dos comandos vivem para a condição militar, caracterizando-se por uma atitude de subordinação total, que o sujeito caracteriza através de valores nobres, similares aos valores que caracterizam os minhotos.

M1 poderá sentir-se condicionado no seu projecto pela timidez que o caracteriza, razão pela qual a imagem da pessoa ideal com forte personalidade poderá ser fonte de frustração evocando uma característica que lhe é inacessível e lhe poderá dificultar possíveis funções de comando.

Esta insegurança é ainda expressa através de uma atitude tímida e pacata, contrastando com os jovens extrovertidos e amantes da noite, atributos que lhe poderão induzir sentimentos de deseabilidade.

Globalmente podemos considerar que o vivido social de M1 está ancorado na oposição entre valores nobres atribuídos aos minhotos e aos comandos, e valores não nobres caracterizando os ciganos, pessoas do sul, famílias com pais divorciados, industriais que levam empresas à falência.

De realçar que a recodificação da classe social/classe social oposta (comandos/ciganos) expressa directamente este mecanismo de oposição.

Os valores expressos para os grupos minhotos e comandos exprimem características idiossincrásicas do sujeito, induzindo uma forte interacção entre identidade pessoal e identidade colectiva.

O projecto de M1 caracteriza-se pela aposta num estilo de vida centrado nas dimensões família e trabalho, assentes em valores associados à região de pertença e transpostos para o meio militar.

Este projecto estabelece uma dicotomia entre identidade civil e militar, ao mesmo tempo que estabelece uma dissociação entre “si próprio” e os referentes militares: aventureiro e malucos são atributos que o sujeito partilha unicamente em contexto militar, contrariamente a alguns camaradas seus.

Os seus comportamentos, M1 explica-os através dos atributos franciscano e sérvio, remetendo para características idiossincrásicas. A submissão à autoridade superior introduzida através do tema “sérvios” é retomada através da representação do papel da mãe, evidenciando a dependência de “si próprio” face a este referente.

A dificuldade em enfrentar multidões, poderá afectá-lo directamente no seu desempenho como oficial do exército.

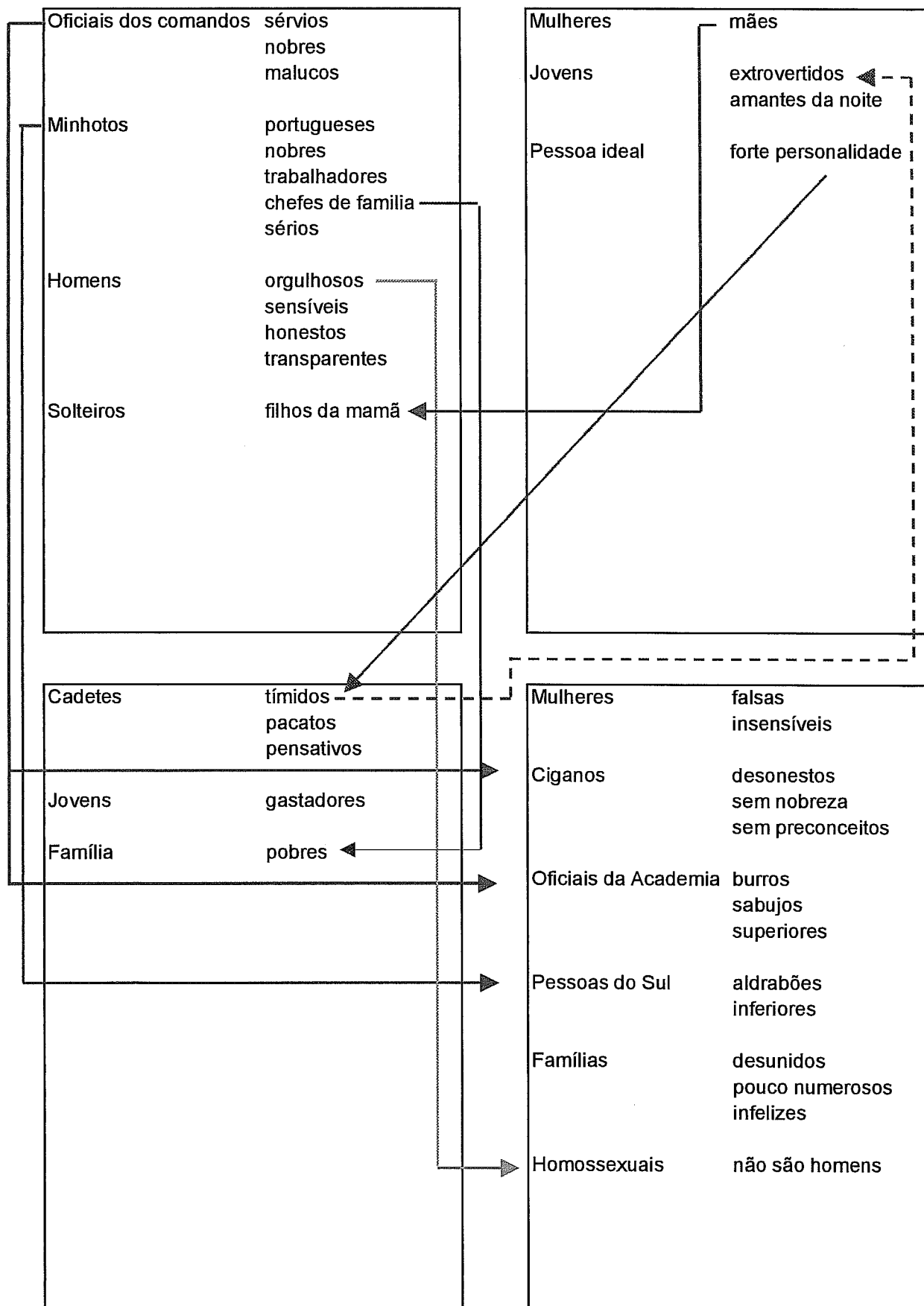
Outra zona de stress parece ser constituída por dificuldades económico-financeiras, o que por vezes o impede de realizar os gastos necessários e assim compensar as privações da Academia.

As principais fontes de gratificação percebidas no ambiente, relacionam-se com a representação das mulheres no papel de mães, suporte à dependência dos solteiros e com a imagem da pessoa ideal, fonte de frustração para o sujeito.

Como fontes de ameaça percebidas surgem novos estilos de vida indutores de um novo conceito de família (caracterizada pela expressão de sentimentos de egoísmo); as mulheres falsas e insensíveis, em oposição à imagem materna da mulher; a desonestidade das pessoas do sul e dos ciganos, cujos interesses se opõem ao sujeito e à sua classe social de pertença; o surgimento da homossexualidade pondo em causa o conceito de homem.

LEGENDA

- ➤ Oposição paradoxal
- Oposição
- Frustração
- ➤ Desejabilidade
- ➤ Rejeição
- Suporte
- ➤ Opressão
- ➤ Agressão
- Obstáculo



Protocolo 2

Protocolo M2 - Rapaz, 19 anos, 2º ano da Academia Militar, Solteiro, Católico, de Direita

Nós os homens somos:

- simpáticos (2+)
- sabedores (X+)
- oportunistas (X,0)
- vaidosos (X-)
- curiosos (3,0)

Eles os homens são :

- machistas (X-)
- inoportunos (X-)
- gananciosos (X-)
- galanteadores (X-)
- convencidos (X-)

Elas as mulheres são:

- vaidosas (X-)
- simpáticas (2+)
- trabalhadoras (2+)
- sensíveis(1,0)
- carinhosas (2+)

Nós os cadetes somos :

- aceitadores (2+)
- trabalhadores (2+E))
- divertidos (2,0)
- orgulhosos (1+)
- dedicados(2+E)

Eles os cadetes são:

- revoltados (X-)
- insatisfeitos (X-)
- indiferentes (3-)
- incumpridores (X-)
- insociáveis (X-)

1- aplica-se completamente a mim

2- aplica-se a mim

3- aplica-se um pouco a mim

x- não se aplica a mim

0- faz parte da minha personalidade

E- é uma característica minha essencial

+, -, ∅, positivo, negativo, neutro

Nós os militares somos :

- dedicados (1+)
- sacrificadores (2+)
- aceitadores (2+)
- trabalhadores (2+)
- corajosos (2+)

Eles os militares são:

- fanáticos (X-)
- pouco sociáveis (X-)
- antipáticos (X-)
- pouco humanos (X-)
- exibicionistas (X-)

A Recodificação dos Grupos

M2 faz coexistir no interior do mesmo grupo de pertença duas imagens significantes, a primeira marcada pelo evitamento do conflito e activada a partir do estímulo “Nós” e a segunda marcada pela revolta, egoísmo e activada a partir do estímulo “Eles”: os mecanismos de oposição vão ser particularmente relevantes na identidade social deste sujeito, e particularmente marcantes no caso das pertenças sexual, militar e família.

O grupo sexual de pertença activa um subgrupo com interesses comuns ao sujeito e que se exprimem através da aceitação dos dois sexos, ao mesmo tempo que activa um subgrupo com interesses antagónicos ao sujeito e que se exprimem através da criação de um mundo masculino que impõe barreiras na relação com o outro sexo.

Contudo, M2 não evidencia um elevado nível de identificação com o seu grupo de pertença sexual: os homens sabedores vão constituir objecto de frustração, na medida em que possuem uma característica valorizada e inacessível, susceptível de lhe provocar insegurança no relacionamento com as mulheres *“os homens de um modo geral sabem como fazer as coisas, os passos que hão-de dar para conquistar uma mulher, há muitos aspectos relacionados com a vida que ainda não sei”*, ao mesmo tempo que os homens machistas e

galanteadores simbolizam uma atitude não ética relativamente ao sexo oposto “*os homens aproveitam as situações consoante os interesses, quando têm interesse por determinada mulher fazem tudo para a conquistar, gostam de se mostrar, dar ideia que são os melhores*”.

Dotadas de uma maior capacidade de relacionamento, as mulheres surgem idealizadas através de uma imagem de sensibilidade e carinho “*as mulheres exteriorizam mais o que sentem, são mais emotivas que os homens, têm relações mais próximas, mais humanas, é inato nelas*”.

Mas elas são também mais responsáveis e dedicadas “*dentro de casa é a mulher que trabalha mais que o homem, às vezes são mais conscientes das responsabilidades que têm sobre si*”, sobretudo quando contextualizadas ao espaço doméstico.

Esta imagem idealizada não é compatível com comportamentos mais salientes, os quais remetem a mulher para a esfera da alteridade negativa suscitando contra valores “*se houver uma mulher que seja espampanante começa a ser vista de maneira diferente, um bocado falsa até ...*”.

Contrariamente aos homens machistas “*há aqueles homens que acham que as mulheres são para estar em casa, lavar a roupa, fazer a comida e pouco mais*”, M2 defende a igualdade de direitos e desta forma a integração das mulheres em meio militar “*muitos cadetes não aceitam as mulheres porque lhes foi inculcada a ideia de que a tropa era só para homens, o medo que as mulheres se venham a superiorizar a nós homens ... eu acho que as mulheres têm os mesmos direitos que os homens*”.

A exclusão de que as mulheres são objecto é explicada a partir de factores sócio culturais acrescidos da situação de “Token” (exemplar único) em que se encontram “*as cadetes são poucas, o que aumenta a separação com os homens. Há um certo afastamento*”.

derivado de muitos homens não concordarem com a presença das mulheres na tropa, então ignoram-nas, inferiorizam ... talvez uma mulher não consiga impor tanto respeito como um homem, um homem mete sempre mais medo”.

Apesar de M2 se demarcar de atitudes de exclusão dirigidas às mulheres militares, o seu posicionamento prende-se essencialmente com a necessidade de respeitar uma decisão superior, tanto mais que não refere nenhuma vantagem associada à presença das mulheres em meio militar, referindo ainda ter como preferência casar com uma civil e nunca com uma militar.

Ser militar corresponde para M2 ao concretizar de um sonho, de uma vocação que surgiu no início da sua adolescência.

Natural de uma terra onde existia uma unidade militar M2 desde muito cedo se habituou a pensar a vida militar como uma opção com perspectivas de futuro.

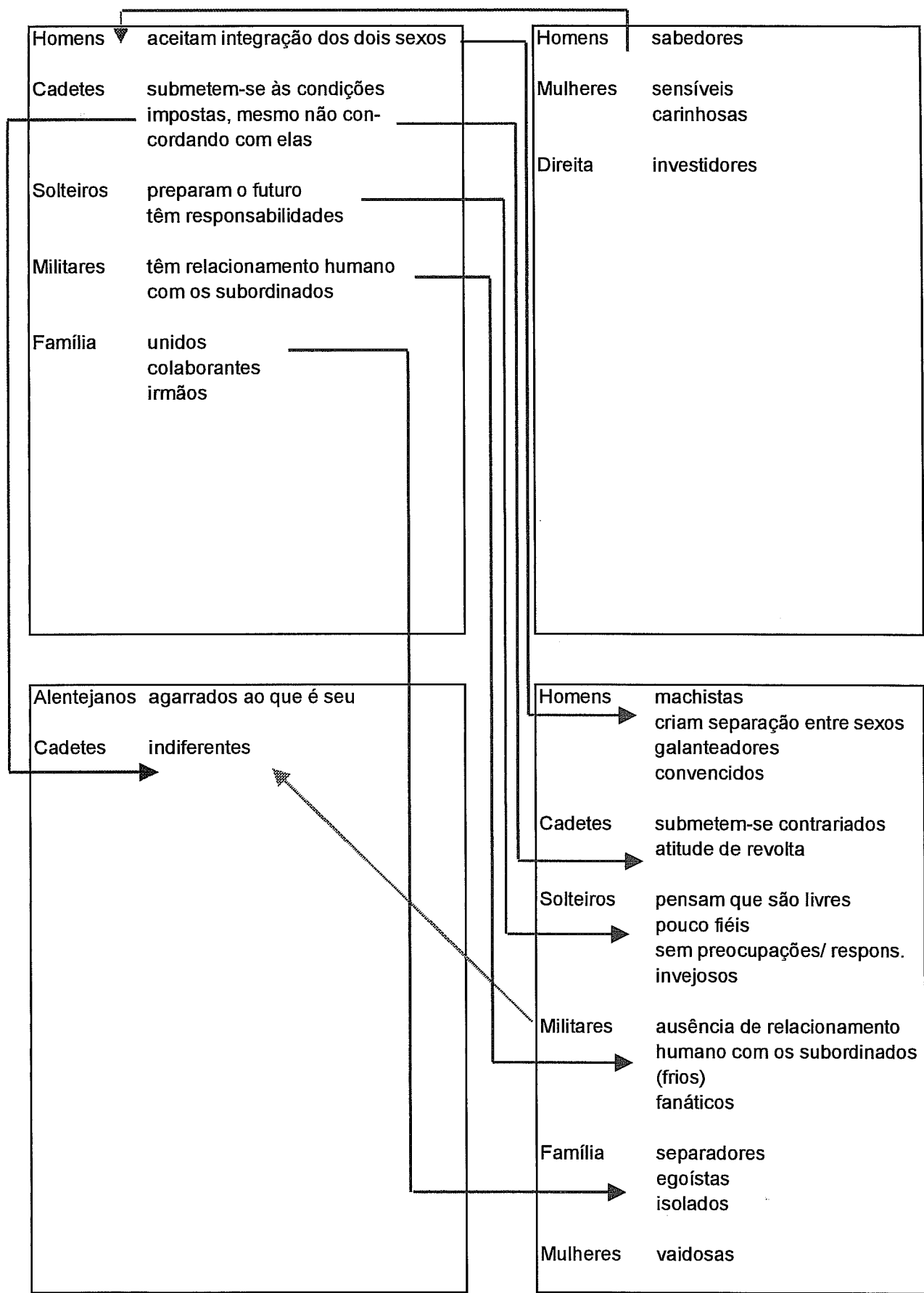
Hoje, apesar das regras e condicionalismos encontradas na Academia, ser cadete corresponde a um orgulho especial e a uma forma de valorização face aos estudantes universitários *“uma forma de testar as nossas capacidades e podermos provar que podemos ir mais além. Estamos constantemente a definir metas e obstáculos, a lutar por ultrapassá-los”.*

A profissão militar surge perfeitamente diferenciada de qualquer uma das outras, pelos riscos que se corre, pela entrega e dedicação exigidos *“100% ao dispor, tem que se estar consciente da entrega que se tem que fazer para poder sacrificar os seus interesses pessoais a favor da instituição militar. Nós aqui não mandamos nada, se alguém superior a nós diz que é assim, nós temos que cumprir”* - historicamente associada à imagem da nobreza, os oficiais são vistos como pessoas diferentes e é no sentido de não manchar esta imagem, que a sua postura deverá ser cuidadosamente mantida.

Desta forma, “nós os cadetes/militares” activa imagens de obediência e bom relacionamento entre superiores e subordinados, ao passo que “eles os cadetes/militares” activa imagens de submissão “contrariada” (tendo implícita sentimentos de revolta) e ausência de relacionamento humano entre superiores e subordinados.

Ao defender como valor central o evitamento do conflito, M2 vai privilegiar a humildade, esforço e dedicação ao trabalho, e vai ainda tomar como suporte a pertença religiosa *“ser receptivo aos valores e princípios da religião ajuda a aceitar as coisas más; como militar independentemente de concordar ou não, tento aceitar as regras, se se está cá tem que se aceitar, apesar de não concordar com muita coisa”*.

A inibição de uma atitude crítica por parte do sujeito poderá desencadear zonas de stress e conflito: a adopção de comportamentos de indiferença surge como forma de se defender da agressão de alter, desta vez simbolizado através do contexto militar.



Protocolo 3

Protocolo M3 - Rapaz, 21 anos, 2º ano da Academia Militar, Solteiro, Católico, de Direita

Nós os homens somos:

- senhores do nosso nariz (1+E)
- arrogantes (X,0)
- sabemos o que queremos (1+E)
- individualistas (2,0)
- carinhosos (1+E)

Eles os homens são :

- rebeldes (X,0)
- aficionados (X,0)
- dedicados (1+E)
- controladores de tudo e de todos (2,0)
- matreiros (3,0)

Elas as mulheres são:

- amorosas (1+E)
- rebeldes (X,0)
- lindas (1+E)
- donas do seu próprio mundo (1+E)
- dedicadas (1+E)

Nós os estudantes militares somos :

- aceitadores (2+)
- trabalhadores (2+E)
- divertidos (2,0)
- orgulhosos (1+)
- dedicados(2+E)

Eles os estudantes militares são:

- organizados (1+E)
- complexos (2,0)
- homens de palavra (1+E)
- camaradas (1+E)
- orgulhosos (1+E)

1- aplica-se completamente a mim

2- aplica-se a mim

3- aplica-se um pouco a mim

x- não se aplica a mim

0- faz parte da minha personalidade

E- é uma característica minha essencial

+, -, ∅, positivo, negativo, neutro

Nós os desportistas somos:

- dedicados (1+E)
- esforçados (1+E)
- orgulhosos da nossa condição física (1+)
- diferentes (1+E)
- organizados (1+E)

Eles os desportistas são:

- senhores de si mesmos (1+E)
- independentes fisicamente (2+E)
- peneirosos (3,0)
- faladores (3,0)
- oportunistas (X,0)

Recodificação dos Grupos

A recodificação dos homens é feita com base numa ideia generalizada de dominância, força e poder “*aquele homem que sempre foi visto de uma maneira forte, como o verdadeiro macho man*”.

Esta imagem surge particularmente expressa através da interacção com o sexo oposto “*os homens em relação às mulheres têm uma posição mais independente, sabem o que querem ... os homens são mais individualistas em todos os aspectos, vivem mais isolados do que as mulheres, têm mais liberdade de actuação*”

A independência/individualismo que caracteriza o seu grupo de pertença sexual permite aos homens comportamentos dos quais o sujeito se vai diferenciar: os homens matreiros sempre a arranjar desculpas na relação afectiva com as mulheres; os homens arrogantes “*ser senhor do seu nariz causa arrogância, eu não o exibo assim tanto*”.

M3 reclama uma forma de estar que se assemelha ao “lado mais pacífico” daquele que ele denominou de “macho man” “*na relação entre homem e mulher o homem é que é o controlador da própria relação, não o sou tanto pela minha forma de ser*”.

A imagem da mulher surge idealizada com base num padrão de expectativas *“vivemos na expectativa de encontrar a tal mulher, a perfeita para nós... inteligente em todos os aspectos, tem que ter também a parte da atracção física senão a inteligência não é capaz de cobrir isso”*, ao qual corresponde um perfil caracterizado pela delicadeza e dedicação *“tenho mais interesse por uma mulher que me trate bem... dedicam-se muito mais a um homem que eles a uma mulher... é essencial as mulheres serem lindas, amorosas e dedicadas... são donas de um mundo feminino”*.

A integração das mulheres nas Forças Armadas vem contrariar esta imagem idealizada e induzir resistências *“sou a favor porque tal como eu gosto de estar cá, elas também têm direito. Mas por outro lado sou contra, é baseado no meu ideal de mulher que não cabe uma mulher na tropa a fazer as coisas que eu faço”*.

A instituição militar surge recodificada com base nos estudantes militares e oficiais homens, activando uma cultura essencialmente masculina, capaz de despoletar sentimentos de orgulho.

Para M3 os militares caracterizam-se por serem diferentes da sociedade civil *“todos os que aqui andamos procuramos uma coisa que é o poder, também lhe pode chamar autoridade e é nesse fascínio que reside a diferença”* e se esta diferença pode ser vista através da busca de poder ela vai igualmente corporizar-se através da partilha de um conjunto de valores específicos, donde se destacam a camaradagem e interajuda *“aqui a ajuda é total, lá fora tal coisa não acontece porque não têm nenhum objectivo comum”*.

O individualismo e independência não têm lugar neste contexto - seguindo o discurso de M3, os valores militares rapidamente se sobrepõem aos valores civis (neste caso simbolizados pelos almadenses) relembrando a eficácia do processo de socialização militar e a permanente

necessidade em defender a imagem desta instituição *“o modo de viver, a maneira de agir é muito diferente da massa civil, o peso da farda altera muito o nosso comportamento em meio civil”*.

Assim se explica a imprescindibilidade de um oficial do exército associar ao exercício do poder o valor honestidade *“temos que ser homens de palavra como futuros comandantes de homens, se nos dermos como homens sem palavra, vai ser o Deus nos acuda”*.

Mas o processo de integração na cultura militar, exige ainda boa preparação física e um enorme esforço e dedicação *“uma pessoa que não seja independente fisicamente sofre muito aqui dentro, o treino é doloroso, dedicamo-nos a tudo sem mãos a medir, é uma vida difícil, exige abdicar de tantas coisas, de tempo para a nossa vida civil”*.

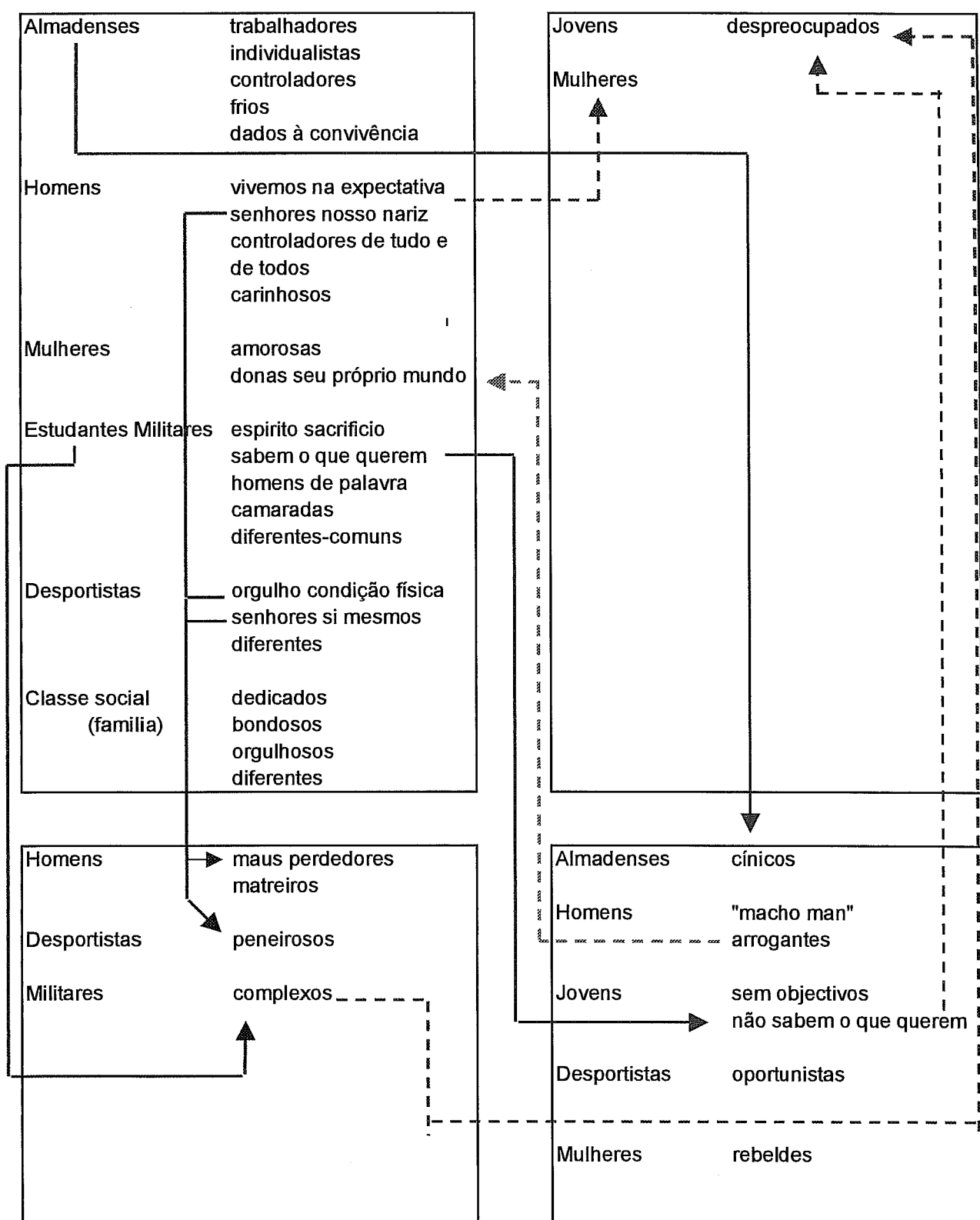
Globalmente, podemos considerar que o projecto deste sujeito se caracteriza pela procura de poder a qual se enraíza em sentimentos de orgulho comuns à pertença nacional e militar e em sentimentos de dominância associados ao sexo de pertença, indutores de uma relação assimétrica com o sexo oposto, cujo perfil deverá corresponder a uma imagem idealizada.

Neste projecto, está presente uma dicotomia entre identidade civil e militar, a qual é transmitida através de diferentes interesses caracterizando o sujeito por oposição aos amigos e vizinhos, tendo subjacente a representação de um estatuto superior associado à sua família: através da posição ocupada pela família, o sujeito estabelece uma relação de assimetria com os seus amigos (o estímulo classe social activa como referente a família e o estímulo classe social oposta activa como referente os amigos), os quais investem simultaneamente grupos de identidade e de alteridade.

Assim, os amigos funcionam, simultaneamente, enquanto modelos de identificação evocando um sentido de destino comum, enquanto adversários incarnando valores opostos e enquanto modelos de diferenciação suscitando sentimentos de desejabilidade associados ao irmão mais novo e amigos, através do atributo despreocupados.

A condicionar este projecto encontramos um conjunto de defeitos que o sujeito se atribui: a incapacidade de aceitar a derrota, a necessidade de utilizar comportamentos exibicionistas, os quais poderão ser vistos como o “reverso da medalha” da dominância masculina.

As principais fontes de ameaça percebidas na envolvente externa, resumem os contra valores do sujeito: mulheres rebeldes em oposição ao seu ideal feminino, jovens sem objectivos, almadenses cínicos, homens arrogantes.



Protocolo 4

Protocolo M4 - Rapaz, 20 anos, 2º ano da Academia Militar, Solteiro, Ateu, de Direita

Nós os homens somos:

- diferentes das mulheres (1+)
- superiores ao macaco (1+)
- machistas (3,0)
- mais sinceros que as mulheres (3+)
- pouco calculistas (X-)

Eles os homens são :

- defendem a igualdade de direitos (X,0)
- subjugam-se às mulheres (X,0)
- inferiores (X-)
- pouco calculistas (X-)
- diferentes das mulheres (1+)

Elas as mulheres são:

- calculistas (1+)
- reservadas (X-)
- o complemento do homem (X,0)
- burras algumas (X-)

Nós os militares somos :

- o braço armado da Nação (1+)
- leais (1+E)
- honrados (1+E)
- vestimos todos de igual (3,0/ X))
- camaradas (1+E)

Eles os militares são:

- desonestos (X-)
- desleais (X-)
- desonrados (X-)
- cobardes (X-)
- falsos (X-)

1- aplica-se completamente a mim

2- aplica-se a mim

3- aplica-se um pouco a mim

x- não se aplica a mim

0- faz parte da minha personalidade

E- é uma característica minha essencial

+, -, ∅, positivo, negativo, neutro

Nós os forçados somos :

- irmãos (1+E)
- camaradas (1+E)
- temos espírito de sacrifício (1+E)
- loucos (3+)
- elite (3+)

Eles os forçados são:

- irmãos (1+E)
- camaradas (1+E)
- temos espírito de sacrifício (1+E)
- loucos (3+)
- elite (3+)

Recodificação dos Grupos

M4 diferencia entre “nós” e “eles” os homens: “nós” os homens estabelecendo uma relação de superioridade relativamente às mulheres, opõem-se a “eles” os homens inferiores, porque se deixam dominar pelas mulheres.

Os atributos activados a partir dos estímulos “nós” e “eles”, acentuam a diferenciação masculino-feminino, com base numa relação de superioridade-inferioridade, dominância-submissão.

“Nós os homens” activa os principais grupos de identificação deste sujeito - A Academia e os forçados, este último intimamente ligado à região - tendo como referentes os amigos, os camaradas da Academia, e o grupo de forçados, com o qual M4 estabelece uma relação bastante estreita.

Para M4 o homem sempre foi superior à mulher “*São os homens, que ocupam os altos cargos ... são os detentores da verdade; eu não digo que isto seja a verdade, mas é uma tradição, um valor que se aprende desde a nascença*”.

Quanto às razões que possam caracterizar esta diferença, o sujeito reenvia à cultura, a uma representação social hegemónica que encontrou estruturada e que reactualiza na sua

prática *“sou machista quando penso que sou diferente para mais e melhor, relativamente às mulheres, um homem tem mais facilidade em comandar outro homem, em impor o respeito, coisa que uma mulher não tem, passa-se aqui, as mulheres têm mais dificuldade em impor-se, mesmo em casa o homem é o chefe de família, é ele quem manda e por outro lado os homens são superiores nas provas físicas e as condições físicas vão influenciar as características psicológicas”*.

Contudo, M4 reconhece que sob o ponto de vista intelectual, as mulheres podem atingir desempenhos similares aos homens, desde que remetidas a uma especificidade de papéis *“toda a gente sabe que uma mulher pode ser tão boa professora quanto um homem”*.

Pouco calculistas, “eles os homens” poderão ser objecto de manipulação por parte das mulheres *“talvez devido a uma condição de inferioridade as mulheres procuram sempre tirar o melhor partido das situações”*.

Com esta representação dos géneros não é surpreendente que M4 se pronuncie frontalmente contra a presença das mulheres nas Forças Armadas: tradicionalmente masculina esta instituição induz dificuldades de adaptação acrescidas às mulheres, levando-as a adoptar tácticas susceptíveis de pôr em causa a ética militar - na sua opinião, uma mulher que escolhe a vida militar de duas coisas uma *“ou já é falsa, ou torna-se falsa aqui (porquê?) têm que sofrer grandes alterações, têm que se transformar num homem e para conseguirem isso têm que recorrer a tácticas que passam pela falsidade. O homem quando vem para a tropa sofre uma dificuldade de adaptação devido ao meio militar e ao afastamento da família, mas não tem dificuldade em adaptar-se porque o meio militar é um meio de homens”*.

M4 recorda que os valores militares são bem conhecidos: a honestidade, a honra, o amor à pátria, a camaradagem, o espírito de sacrifício *“procuro gerir as minhas atitudes por esse*

conjunto de valores e integrá-los comigo mesmo, se alguém achar que esses valores lhe não interessam vai-se embora sem ter que se justificar”.

Contrariamente a estes valores, as mulheres recorrem às táticas do calculismo feminino, tornadas manifestas por intermédio da fragilidade - *“relativamente à avaliação do corpo de alunos, fazem-se valer do facto dos instrutores serem todos do sexo masculino ... o que elas usam é aquelas lágrimas que num homem não fazem sentido e numa mulher já fazem ... a pessoa tem que dar o seu máximo, quem não pode arrega, elas param e choram, é fazer-se valer da fragilidade, feminismo, para justificarem o facto de não aguentarem... a falsidade é influenciar indirectamente as pessoas que nos avaliam de molde a elas serem mais benevolentes”.*

As lágrimas e o sorriso são entendidos enquanto instrumento utilizado pelas mulheres no sentido de influenciarem as suas avaliações, desobedecendo desta forma ao código de honra do cadete *“quando vou falar com o oficial ele espera que eu mantenha a minha postura séria e digna, não chego lá sem mais nem menos e começo a rir para ele que é o que elas fazem ... e inconscientemente eles permitem que isso aconteça porque é a forma como estão habituados a relacionarem-se com elas ...”.*

No entender do sujeito, este mecanismo funciona por razões culturais: é difícil ao instrutor, como a qualquer homem entrar em confronto directo com uma mulher *“não me passa pela cabeça nem a mim nem a ninguém ter uma rixa com uma mulher faça ela o que fizer, e em relação a um homem é diferente ... é esse pensamento que os oficiais têm, é característico da sociedade ...”.*

M4 receia que a necessidade de sobreviver num meio adverso induza as mulheres a tomar atitudes que possam pôr em causa os princípios da instituição militar *“devido às*

dificuldades que sentem em adaptar-se ao meio militar, elas são levadas a adoptar certas atitudes que lhes permitam sobreviver nesta instituição ... foi contado por pessoas que estiveram noutras unidades que as mulheres que estavam lá tinham um relacionamento entre homem e mulher, designadamente com superiores, é uma forma de conseguir favores ...”.

O sujeito refere-se a um problema muito sensível, o problema do sexo, sempre presente mas sempre contornado pelos nossos respondentes - no meio militar, as regras são muito estritas a este respeito e o mínimo desvio severamente punido.

A metáfora da armada como uma família passa pelo tabu do incesto e por uma castração das relações entre os dois sexos, mas a erotização está lá sempre presente com as suas tensões.

Conquistando terreno no seio de uma instituição masculina, utilizando códigos até então inexistentes neste contexto - como é o caso do riso e das lágrimas - a ameaça de desvirilização da armada torna-se dificilmente admissível para quem adere a uma representação tradicionalista seja dos papéis sociais atribuídos a homens e mulheres, seja da instituição militar, como é o caso de M4.

Os militares estão dispostos a dar a vida pela liberdade da nação: já o provaram historicamente e reafirmam-no em cada juramento - é a especificidade dos seus valores que transformam esta instituição *“numa das instituições mais puras que existem na sociedade”*, ao mesmo tempo que induzem o sujeito a estabelecer uma dicotomia entre identidade civil e militar *“aqui dentro sou homogéneo e lá fora não ... os povos latinos são os piores do mundo, têm tendência em aldrabar o sistema, lá fora tive conflitos com outras pessoas e uma pessoa ou tem os olhos abertos ou se tem os olhos fechados fica sempre mal”*.

“Nós os militares”, activa como referente a categoria homens - *“isto é uma escola de formação de oficiais que vão comandar homens”*, cuja interacção se caracteriza pelos valores

honra, lealdade e camaradagem, fundamentais para manter a coesão do grupo “*se houvesse atritos esta casa deixava de funcionar como uma família, a competição a existir tem que ser leal, se alguém pedir ajuda eu não posso recusar, sem o espírito de entreaajuda nada funciona*”.

Opondo-se a esta imagem, surgem “eles os militares” capazes de adoptar um comportamento desleal e falso, na ausência de superiores - contudo, o seu n.º é ainda muito restrito no contexto militar.

No contexto da sociedade civil, de destacar o grupo de forçados que conjuntamente com as Forças Armadas, constituem uma elite “*na sociedade, além da instituição militar, é difícil arranjar outros exemplos ... é difícil arranjar pessoas lá fora que defendam e consigam dar a vida pela pátria, e nesse sentido também nos podemos considerar uma elite*”.

M4 não estabelece qualquer diferenciação entre “Nós” e “Eles”, desenhando-se uma identidade polarizada centrada no conceito de família “*é mais que uma família, é como se fossemos irmãos, dentro da arena se alguém estiver a levar porrada vou lá e arrisco a minha integridade física por ele (como aqui com os camaradas?) mais do que isso porque com os forçados não há nada a ganhar, aqueles que o escolhem fazem-no por prazer, por amizade, por gosto, enquanto para os camaradas militares a quem estes valores são aplicáveis, existe também a competição, o que é importante para a carreira*”.

Ser um forçado simboliza a coragem pela coragem - há uma certa mística muito macho em torno desta prática, que exclui a presença das mulheres da arena, não obstante serem fundamentais à coesão do grupo, quando remetidas à função de namoradas e mães “*directamente dentro da praça não, mas nas bancadas, reuniões e jantares sim; e acho que*

fazem parte do grupo (qual o papel delas?) são as nossas namoradas, as nossas mães, ajudam à coesão do grupo, dão-nos conselhos, lavam a nossa roupa, participam nos jantares”.

Mais calculistas e frias, as mulheres não possuem as características necessárias para partilharem o espírito inerente a este grupo: ausência do espírito de lucro, arriscar unicamente pelo prazer de arriscar *“a questão de enfrentar um touro, sentir medo e conseguir vencê-lo, arriscar por nada, isso não está conotado com as mulheres...os homens são menos calculistas e frios... é necessário uma dose de loucura para fazer algo de onde não se vai tirar lucro”.*

Globalmente podemos considerar que a pertença sexual investe os modelos de identificação deste sujeito - o grupo de forçados e a Academia, centrais na sua identidade, surgem recodificados através de referentes masculinos estabelecendo uma relação de superioridade em relação às mulheres.

O projecto de M4 surge assim ancorado na identidade militar e num conjunto de valores que reactualiza a partir do grupo de forçados - na profissão militar busca segurança, risco, mas também a entejuda descomprometida, a honra e lealdade que caracteriza a interacção existente ao nível destes dois grupos.

O grupo de forçados com o qual M4 estabelece uma relação muito estreita, não pode ser dissociado do descomprometimento que caracteriza os amigos alentejanos, nem da honestidade que caracteriza a sua família.

A condicionar o seu projecto surgem, no domínio da identidade negativa, algumas faltas que o sujeito se atribui - uma certa impulsividade associada a um espírito vadio, as quais deverão ser progressivamente dissipadas através da responsabilidade inerente à postura dos

militares - para exemplificar, a entrada na Academia limitou o sujeito no desempenho das suas funções enquanto forçado.

A socialização militar vem ainda condicionar a pertença política *“a minha opinião em relação à política está condicionada pelo facto de ser militar”* ao mesmo tempo que determina uma maior importância aos valores associados à nacionalidade *“a importância que dou à nacionalidade é recente, ela foi dada a partir do momento em que me foram ensinados os valores militares”*

Contudo, afirmar que o sujeito se sente condicionado no seu projecto parece-nos excessivo se atendermos à significação do conceito liberdade que emerge do seu protocolo *“a condição militar limita a liberdade... mas um militar continua a ser livre, a partir do momento em que me apeteça sair entrego o papelinho azul, pego nos meus sapatos e vou-me embora...”*.

No domínio da alteridade positiva, surge uma zona gratificante para o sujeito- as mulheres no papel de mães e namoradas, ajudando à coesão do grupo masculino quando contextualizadas a funções muito específicas - mães, namoradas, professoras, tarefas de secretariado.

A identidade social do sujeito é estruturada com base em relações de oposição, a partir das quais foi possível destacar enquanto fontes de ameaça, opondo-se ao projecto de M4:

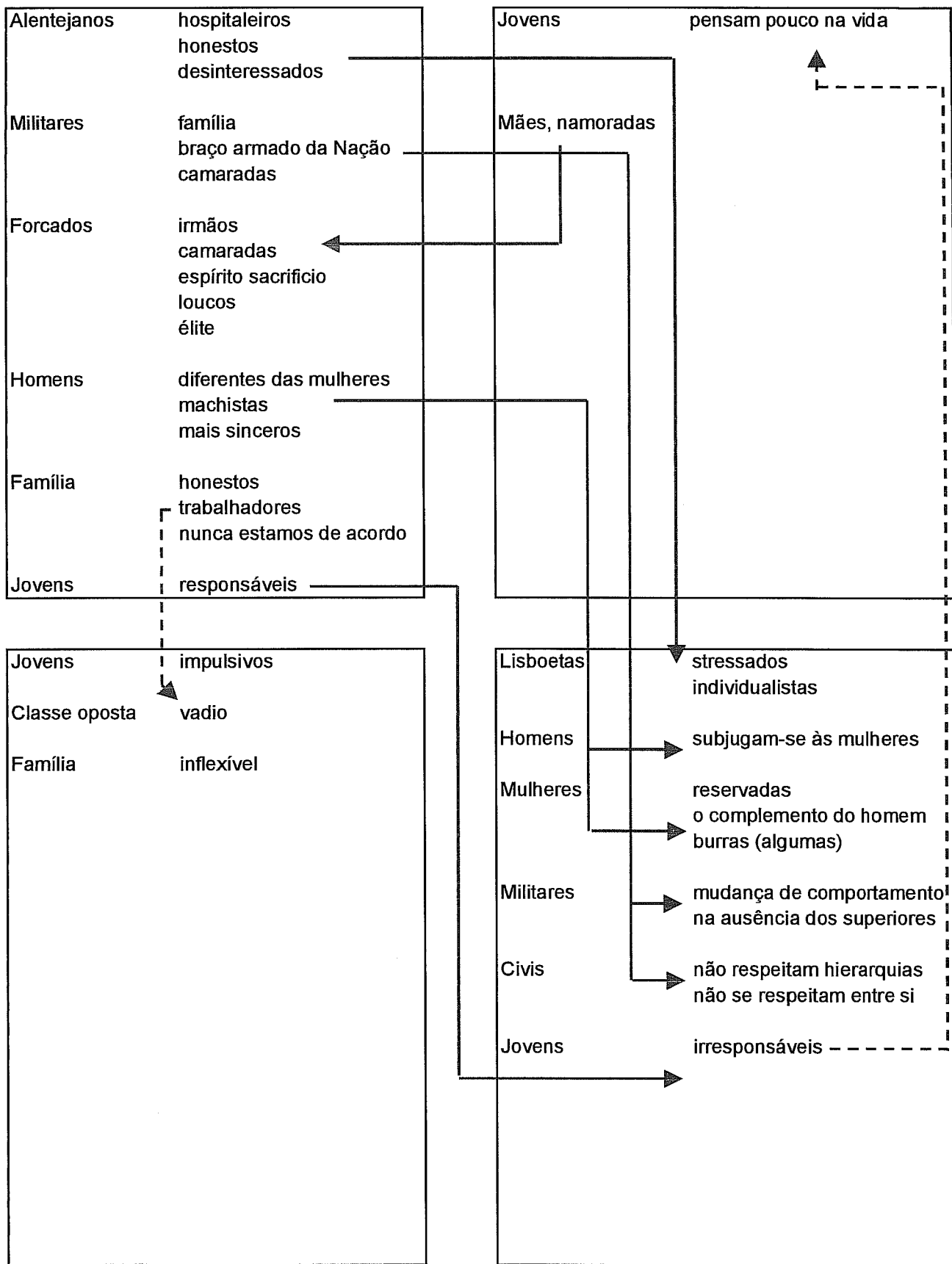
Os lisboetas individualistas, em oposição aos alentejanos simbolizados no grupo de forçados.

Os homens que se subjugam às mulheres em oposição aos homens superiores às mulheres.

Os homossexuais, excluídos da categoria homens, por porem em causa a virilidade masculina.

Os militares que não respeitam os valores da instituição e os civis que não se respeitam, em oposição aos militares representados enquanto família.

Os jovens irresponsáveis em oposição ao espírito de responsabilidade que caracteriza o sujeito *“apesar de ser jovem e dessa impulsividade a responsabilidade tem que existir e existe nalguns, tenho grandes amigos que não são muito responsáveis, nem estudam nem procuram emprego”*.



Protocolo 5

Protocolo M5 - Rapaz, 21 anos, 2º ano da Academia Militar, Solteiro, Ateu, Nacional Socialista

Nós os homens somos:

- atrevidos (1,0)
- conscientes (1+E)
- gostamos arriscar (2-)
- mulherengos(X-)
- mais possantes (X-)

Eles os homens são :

- atrevidos (1,0)
- gozadores (1-)
- mulherengos (X-)
- gostam correr riscos (X-)
- sociáveis (2+E)

Elas as mulheres são:

- caprichosas (X-)
- sensuais (X-)
- divertidas (2+)
- traiçoeiras (2+)
- convencidas (X-)

Nós os cadetes alunos da AM somos :

- sociáveis (2+E)
- camaradas uns dos outros (1+E)
- capazes de lutar pelo que pretendemos (1+E)
- com elevado espirito de sacrifício (1+E)
- cumpridores das nossas obrigações (1+E)

Eles os cadetes alunos da AM são:

- sociáveis (2+E)
- camaradas uns dos outros (1+E)
- capazes de lutar pelo que pretendemos (1+E)
- com elevado espirito de sacrifício (1+E)
- cumpridores das nossas obrigações (1+E)

1- aplica-se completamente a mim

2- aplica-se a mim

3- aplica-se um pouco a mim

x- não se aplica a mim

0- faz parte da minha personalidade

E- é uma característica minha essencial

+, -, ∅, positivo, negativo, neutro

Nós os nacional socialistas somos:

- patriotas (1+)
- xenófobos(2+)
- activos(1+E)
- ocultos (X-)
- capazes de lutar pelo nosso aceiteamento na sociedade (3,0)

Eles os nacional socialistas são:

- exagerados (X-)
- racistas (X-)
- exibicionistas (X-)
- criminosos (X-)
- ovelhas negras (X-)

Recodificação dos Grupos

M5 diferencia entre “nós” e “eles os homens”.

“Nós os homens” refere-se ao seu grupo da Academia, caracterizado através de objectivos bem definidos.

“Eles os homens” refere-se ao seu grupo de amigos que vivem o dia a dia por viver: surgem imagens ligadas à sua geração (geração do não pagamos) *“lembra-me as manifestações, as figuras tristes, a droga, baixar as calças”*. M5 defende que uma pessoa deve lutar e exprimir o que pensa, tendo como referência um conjunto de valores morais e a preocupação em não ofender os outros.

Contudo, a imagem dos homens mais possantes constitui objecto de frustração para o sujeito, condicionando a avaliação expressa para este grupo de pertença.

A capacidade em manipular o sexo oposto, surge como a principal característica associada às mulheres, cuja avaliação revela uma atitude ambivalente por parte do sujeito: a imagem positiva atribuída ao atributo traiçoeiras *“as mulheres são traiçoeiras e conseguem tudo aquilo que querem pois conhecem bem os homens, melhor que nós as conhecemos a elas,*

talvez seja aquilo que se fala do sexto sentido da mulher”, deverá ser confrontada com a imagem negativa atribuída ao atributo sensuais *“imagem que não se consegue resistir, é mais fácil elas atingirem os objectivos”*, dotando-as de um poder susceptível de pôr em causa a lógica masculina.

Por sexto sentido M5 entende a sua capacidade em prever os problemas, o seu sentido mais maternal, que vai inviabilizar a sua aceitação em meio militar *“não consigo imaginar uma mulher à frente de um pelotão de homens, elas são mais humanas, pensam que estão a levar soldados para a morte”*, ou pelo menos a aceitação de que possam vir a desempenhar tarefas fora do âmbito estritamente feminino *“há serviços que as mulheres desempenham melhor que os homens dentro do meio militar: medicina e enfermagem, elas são mais humanas que nós, instinto maternal, o filho que podia ser delas”*.

Associado ao meio militar está uma imagem de masculinidade que impossibilita a formação de oficiais mulheres *“A entrada das mulheres vai contra a tradição e mítica desta casa, uma casa que foi criada para se formarem oficiais homens do exército e de repente começaram a formar oficiais homens do exército e mulheres para servirem como oficiais do exército”*.

Para além de não reconhecer credibilidade ao processo de selecção de mulheres cadetes *“se tivessem métodos e níveis iguais aos nossos não havia uma que fosse cadete porque não tinham passado nas provas físicas”*, M5 faz equivaler a sua motivação pela carreira militar a um capricho *“vieram para cá para provar aos amigos e amigas que conseguem fazer o mesmo que os homens fazem (uma pista de combate, andar com uma arma na mão)”*.

Sentindo-se desafiado pelas mulheres o sujeito reage, reafirmando a diferença de estatuto entre géneros *“para nós não há necessidade de desafiar, nós somos aceites e elas muitas vezes*

sofrem porque têm de ser aceites por nós”, bem como o conflito de interesses e objectivos existente “nós esperamos ser oficiais do exército, é a dedicação ao que se escolheu, grande parte delas vieram para cá para tirar cursos a pensar que quando acabarem a Academia vão lá para fora ganhar o delas”.

Remetida para o estatuto de intrusa no seio de uma cultura que não é a sua, a mulher vai ser objecto de um tratamento diferenciado por parte dos cadetes masculinos *“o convívio que tenho com elas é o mínimo e indispensável, tratamo-las como intrusas aqui dentro, alguém que está num lugar onde não devia estar”.*

Desenha-se assim uma situação de exclusão social, apenas minimizada pelo valor camaradagem *“quando realmente elas precisam, aí tratamo-las como um camarada, passamos a cábula ...”.*

Ao mesmo tempo que recusa uma posição igualitária, M5 invalida a existência de uma relação de competição entre mulheres e homens cadetes *“igualdade não pode haver, desde o momento em que elas concorrem à Academia são tratadas de forma diferente de nós, as provas para elas são diferentes bem como as vagas que elas vão ocupar, também não é uma relação de competição”.*

Elas fazem-se aceitar através das regras do sistema e face a esta evidencia M5 reage através da acomodação *“há quem seja obrigado a aceitar devido às pressões e há aquelas pessoas que nunca aceitam e se acomodam como é o meu caso”.*

Desta forma, a recodificação dos cadetes faz surgir uma única imagem: os cadetes homens.

Para M5 ser cadete resulta de um projecto longínquo *“tenho facilidade em atingir os meus objectivos, lá fora a minha vida sempre a pautei por um objectivo que era ser cadete da Academia”* e reflecte a sua capacidade em lutar e concretizar objectivos.

Mas ser cadete significa também um compromisso com as Forças Armadas - o sacrifício da identidade pessoal em prol da identidade colectiva.

O espírito de corpo e de sacrifício, bem como a camaradagem constituem-se assim como valores centrais e específicos da identidade militar.

A camaradagem *“é dar tudo por quem está ao meu lado, quando precisar também vou ter tudo”* e, não obstante os aspectos negativos que possa encerrar *“nós perdermos um pouco a nossa identidade, começarmos a agir muito como um grupo”* surge perfeitamente inquestionável neste contexto *“vamos viver como um grupo a vida toda, vamos depender uns dos outros; em situação de combate, a camaradagem é tudo”*.

Mas a especificidade conferida aos valores militares surge ameaçada pela presença das mulheres *“no meio militar não é necessário ser cínico e traiçoeiro mas sou-o com as raparigas, basta o simples facto de falar com elas”*, não obstante a camaradagem moderar a agressão dirigida ao sexo oposto *“dentro desta casa sou uma pessoa sincera ... poderei apenas relativamente a elas guardar um trunfo para vir a usar nunca, não seria justo porque apesar de serem mulheres são minhas camaradas”*.

Mas o descrédito nas suas capacidades e na sua honestidade profissional vão justificar a agressão verbal que M5 lhes dirige *“cá dentro não gozo com os camaradas, era gozar com o esforço deles ... dizer às camaradas que são homens não é gozar com o esforço delas mas com a falta de esforço delas, elas refugiam-se no facto de serem mulheres e usam isso como desculpa”*.

Todos os conflitos que “a intrusão das mulheres” lhe possam suscitar, em nada invalidam o objectivo que há muito o acompanha “*ser oficial do exército, ser de infantaria*” e que o motiva a ultrapassar todas as dificuldades da Academia “*é a nossa vontade de vencermos e sermos oficiais que cá dentro impulsiona ter força para cumprir obrigações, elevado espirito de sacrificio, lutar pelo que se pretende*”.

A realização total M5 só a vai obter quando terminar a Academia “*ainda não obtive realização total, só a vou ter no dia em que entregar as minhas estrelas e receber os meus galões*”.

A pertença Militar, mais que retomar os valores associados aos cadetes, reafirma uma identidade cuja essência ultrapassa a esfera meramente profissional “*ser militar mais que uma profissão é termos um estado de espirito próprio*” e da qual o sujeito se orgulha especialmente.

Empenhado na defesa da cultura militar, M5 põe em causa o processo de inovação que se está a viver nas Forças Armadas “*estão a perder-se tradições que podiam não ter grande importância para o civil, mas com grande significado para nós, a que mais me custou foi terem aceite mulheres para a Academia, isto foi sempre uma casa de homens para homens e hoje é uma casa onde se aceitam mulheres*”.

Mas M5 reclama igualmente a extinção da praxe, a substituição da boina pelo bivaque, a transferência do 2º ano da Amadora para Lisboa, ao mesmo tempo que culpabiliza alguns militares por quererem “*acabar com a mítica desta casa*”.

Este processo despoleta no sujeito o conflito entre dois traços que o caracterizam - vanguardista e tradicionalista “*defendo o progresso mas sem cortar laços com o passado*,

vanguardista e tradicionalista são dois aspectos que se chocam e se tivesse que optar optava por tradicionalista”.

Se a defesa das tradições surge essencialmente como forma de preservar a sua identidade militar, a intervenção social mantém-se como um dos objectivos importantes para o sujeito *“tento mudar tudo o que posso menos as tradições, gosto de intervir, há coisas que não estão correctas”.*

Foi esta vontade de intervir que o motivou a ingressar na Cruz Vermelha, no início da sua adolescência e que o levou a identificar-se politicamente com o nacional socialismo.

A recodificação de “nós os nacional socialistas” activa como referente um subgrupo convergindo em interesses comuns ao sujeito: a defesa dos valores da cultura de um povo, da pureza da raça (xenófobos) e a capacidade em dar a vida pela pátria (patriotas) - valor que a identidade militar vem reforçar.

A recodificação efectuada a partir de “eles os nacional socialistas” activa como referente subgrupos antagónicos, cujos interesses se opõem ao sujeito: racistas, donde se destacam os “skinheads” com atitudes destrutivas *“não se pode permitir que manifestem as suas convicções através de bandalhões e criancices”.*

A actuação destes grupos bem como imagens da actuação de Hitler, vão ser os principais responsáveis pelo facto dos valores nacional socialistas não serem socialmente aceites *“as poucas alturas em que o nacional socialismo esteve implantado só nos podemos lembrar de tristes recordações”.*

Uma das principais zonas de stress para o sujeito consiste na necessidade de ocultar a pertença política e assim se defender da acção hostil de alter *“é uma opção na vida que nos*

pode prejudicar, actualmente vivemos atrás de um véu, vivemos as nossas ideologias só para nós, se falássemos tínhamos repercussões”.

Condicionalismos impostos pela identidade militar forçam o sujeito a adoptar uma atitude conformista, contrariamente aos valores que partilha e defende *“vou ter que me conformar com isto neste momento, tal como tive que me conformar com a entrada das mulheres e com o facto de ter chumbado no primeiro ano, que é uma coisa que não gosto que faça parte das minhas características”.*

Não obstante os condicionalismos referidos, a pertença militar continua a centralizar o projecto de M5 *“sinto-me feliz como sou, de manhã olho para a cadeira e vejo a camisola de malha com as estrelas em cima dos ombros, sinto-me muito feliz por ser cadete e por pertencer à Cruz Vermelha”* suprimindo as falhas encontradas a nível da instituição familiar.

Remetida para a esfera da identidade negativa, a sua família actual caracteriza-se pela ausência de harmonia e coesão, induzindo o sujeito a idealizar uma família *“com ligações entre os seus membros”.* Este modelo idealizado é assumido como um projecto futuro, não obstante se encontrar ancorado na relação com a namorada actual *“não ligo às tradições familiares e desportivas, a família no presente não é muito importante mas no futuro gostaria de ter uma família tradicional: pai, mãe e filhos a viverem juntos”.*

A partir daqui poderá compreender-se melhor a dicotomia que o sujeito estabelece entre identidade civil e identidade militar *“vivo duas vidas, não sou harmonioso”:*

- A sua identidade civil caracteriza-se pela ausência de ligações, explicadas a partir do núcleo familiar *“nós na família somos diferentes uns dos outros, não há assim uma identidade, uma maneira de ser comum, talvez por termos vivido juntos pouco tempo”.*

Apesar da insatisfação sentida “*é muito importante ter laços com as pessoas e eu nunca tive grandes laços, talvez tanto tempo a saltar de casa em casa, ter diferentes grupos de amigos*”, o sujeito vai perpetuar este tipo de relacionamento com os amigos e conhecidos, como forma de se defender de uma realidade que lhe é hostil “*não me ligo muito às pessoas, com os camaradas é diferente, aí a ligação é total, fora desta casa mantenho sempre a distância de segurança*”.

A necessidade de se defender surge a partir de imagens ligadas à luta pela integração nos Olivais “*tornei-me mais traiçoeiro porque ou comia ou era comido, temos que guardar algo para tirar proveito no momento em que for necessário*”, as quais estão na base das estratégias que continuam a caracterizar a sua postura em meio civil “*lá fora é necessário ser clínico, mandar um sorriso para se pregar uma rasteira, é uma forma de se atingirem os objectivos*”.

- A sua identidade militar caracteriza-se pela coesão grupal “*há situações em que temos que manter uma identidade colectiva e agirmos como um grupo, dentro desta casa acontecemos*” e é através deste sentimento de pertença que o sujeito se vai diferenciar da sociedade civil, da sua família actual “*o que me diferencia dos outros lá fora é pertencer à Academia*”.

A Academia apenas poderá trazer como desvantagem uma diminuição da liberdade e espontaneidade que caracterizam os jovens civis.

Globalmente podemos considerar que a identidade social deste sujeito é constituída por uma dicotomia entre identidade civil e militar, e que o conflito de valores que daqui possa decorrer é susceptível de induzir alguma ambivalência.

A identidade civil remete para imagens valorizadas tendo por base os lisboetas não tradicionalistas e os solteiros jovens de espírito (atributo que o sujeito não partilha devido a

condicionalismos impostos pela pertença militar) em aparente contradição com as imagens valorizadas dos militares tradicionalistas preocupados com a defesa da mítica militar.

Remete ainda para a imagem valorizada dos jovens e intelectuais activistas na defesa dos seus ideais (em oposição à geração do sujeito conformista) e para a imagem dos cadetes capazes de definir objectivos mas que não participam em manifestações (em aparente contradição com as imagens anteriores e com o seu vivido político).

Partilhando ideologias neo-nazis, M5 procura uma intervenção social activa de defesa dos valores nacionais.

Contudo, condicionalismos impostos pela pertença militar remetem o sujeito para uma situação de opressão activando enquanto referente de identificação *negativa* “*a massa que defende as convicções e não tem poder para mudar a situação*”.

Não obstante o projecto existencial do sujeito poder incluir variáveis incompatíveis com a pertença militar, os factores motivacionais que condicionam a sua acção estão centrados em torno desta pertença, a qual remete para uma experiência vivenciada na sua adolescência - o trabalho realizado na Cruz Vermelha em regime de voluntariado.

A representação dos militares exclui a imagem das mulheres, consideradas intrusas, caprichosas e com objectivos diferentes dos homens. A sua presença em meio militar produz ambivalência na avaliação do binómio tradicionalista/vanguardista - se as tradições podem impedir a evolução e a mudança, elas tornam-se essenciais como forma de travar as consequências negativas induzidas pelo processo de inovação das Forças Armadas.

Assim, M5 sobrepõe a imagem do militar à imagem do homem, não obstante o atributo mais possantes, caracterizando este referente, constituir uma característica valorizada e inacessível, susceptível de lhe causar sentimentos de frustração.

Os valores associados à identidade militar vão diferenciar-se dos valores partilhados pelo sujeito em contexto civil: a coesão grupal vivida em contexto militar contrapõe-se à ausência de ligações vivida em contexto familiar; a sinceridade e honestidade partilhada com os camaradas contrapõe-se a comportamentos cínicos e traiçoeiros adoptados em contexto civil.

Esta duplicidade, coexiste com mecanismos de oposição que se estruturam a partir da identidade militar: “os putos de Moscavide”, irresponsáveis, sem objectivos, alguns enveredando pela toxicodependência, opõem-se aos cadetes responsáveis; o espírito de sobrevivência caracterizando a classe média opõe-se ao espírito de missão e profissionalismo que caracteriza os militares.

Protocolo 6

Protocolo M6 - Rapaz, 20 anos, 3º ano da Academia Militar, Solteiro, Católico, Direita

Nós os homens somos:

- duros (2+)
- cavalheiros (2+)
- teimosos (3-)
- resistentes (1+)
- orgulhosos (1-)

Eles os homens são :

- duros (2+)
- cavalheiros (2+)
- teimosos (3-)
- resistentes (1+)
- orgulhosos (1-)

Elas as mulheres são:

- frágeis (X-)
- delicadas (3+)
- egoístas (X-)
- materialistas (X,0)
- interesseiras (X,-)

Nós os estudantes militares somos :

- aplicados (1+E)
- dedicados (1+E)
- espírito de sacrifício (1+)
- unidos (1+)
- desenrascados (1+E)

Eles os estudantes militares são:

- aplicados (1+E)
- dedicados (1+E)
- espírito de sacrifício (1+)
- unidos (1+)
- desenrascados (1+E)

1- aplica-se completamente a mim

2- aplica-se a mim

3- aplica-se um pouco a mim

x- não se aplica a mim

0- faz parte da minha personalidade

E- é uma característica minha essencial

+, -, ∅, positivo, negativo, neutro

(Classe social)	(Outro grupo)
Nós/Eles os militares somos:	Nós/Eles os desportistas somos :
<ul style="list-style-type: none"> • pessoas de palavra (1+E) • unidos (1+E) • temos princípios (1+E) • honrados (1+E) • radicais (2+-) 	<ul style="list-style-type: none"> • aventureiros (1+E) • aplicados (1+E) • curiosos (1+E) • radicais (2+) • amantes da adrenalina (1+)

Recodificação dos Grupos

Para M6 a categoria dos homens refere-se ao género masculino e a sua caracterização é feita com base na oposição relativamente ao sexo oposto.

Os homens são duros e resistentes, denotando uma maior capacidade para tomar decisões, assumir situações de risco e enfrentar esforços físicos *“resistem às pressões impostas, talvez por teimosia, por dureza, basta ver a instrução física, é claro que aí as mulheres são mais frágeis do que os homens”*.

As diferenças entre os sexos correspondem a um fenómeno natural *“elas são diferentes, a psicologia, a mentalidade, o instinto, dedica tudo à cria, estou a falar da natureza, tentam fazer tudo para agradar, jogam mais com os sentimentos que o homem”*, susceptível de legitimar a resistência masculina versus a fragilidade feminina *“quando dizemos uma coisa é para cumprir, já foi muito analisada, os homens resistem às pressões impostas, as mulheres são mais frágeis”*.

É ainda esta visão “naturalista” que vai explicar atitudes exageradas por parte dos homens: um homem é teimoso mesmo quando não tem razão *“os homens têm o instinto da responsabilidade, às vezes teima-se para não ficar rebaixado, mesmo o outro tendo razão”*, da

mesma forma que é orgulhoso “*não damos o braço a torcer facilmente, às vezes é necessário pôr o orgulho de lado*”.

Não obstante estas características poderem constituir falhas atribuídas ao seu grupo de pertença sexual, elas são essenciais para o reconhecimento da identidade masculina “*só os homossexuais é que não são orgulhosos, mas esses não os posso integrar aí no grupo dos homens, identificam-se é com mulheres, são anomalias da sociedade*”.

A importância de ser homem surge explicada com base na proximidade entre identidade masculina e identidade militar “*se fosse mulher não estava na Academia Militar, isto não é bem para uma mulher, o exército, a força aérea, a marinha sim*”.

A sua representação da feminilidade incompatibiliza a presença das mulheres em meio militar “*O exército é duro de mais, fazem coisas que masculinizam a mulher, que lhes tiram as partes femininas, a maneira de ser tão delicada, tão sentimentalista, começam a raciocinar como os homens, estão a ser educadas por homens*”.

As mulheres surgem associadas a uma imagem idealizada de delicadeza, justificando atitudes de cavalheirismo por parte dos homens, mas elas surgem igualmente associadas a uma imagem de fragilidade e egoísmo, opondo-se à imagem masculina e expressando contra valores do sujeito: a delicadeza que lhes permite “*cuidar de um bebé e de uma flor, serem carinhosas*”, coexiste com a fragilidade que as impede de ultrapassar determinadas situações, nomeadamente em contexto militar “*deixam-se tocar e influenciar, estamos a levar uma descarga do instrutor e a rapariga às vezes até chora*”.

O egoísmo que as caracteriza, torna-as incapazes de partilharem uma relação de interajuda “*defendem a cria, tudo o que têm é para elas e para a cria, os homens ajudam-se*”.

mais uns aos outros”, e o relacionamento entre elas caracteriza-se pela ausência de princípios *“tenho o exemplo aqui e lá fora, uma assedia o namorado da outra, têm má língua”*.

Elas são materialistas e interesseiras *“jogam muito na base do interesse, casam com homens ricos sem gostarem deles”* aspecto que M6 justifica com base na ausência de poder económico que historicamente as acompanha *“na história as mulheres não tinham poder económico nenhum, viviam em casa e estavam subjugadas ao homem que era quem trabalhava e ganhava, não sei se o sentimento de elas quererem ter posse se foi desenvolvendo ao longo do tempo”*.

Desta forma, a recodificação dos cadetes/militares faz surgir imagens que se sobrepõem à imagem masculina *“os homens já pertencem a esta casa há muitos anos, fomos nós que a criámos, as mulheres entraram agora e ainda se estão a aperceber do que se passa”* e que remetem para valores muito específicos: a interajuda e espírito de sacrifício (estar disposto a ajudar os outros sacrificando-se a si próprio).

O espírito de união é essencial em meio militar, sobretudo em teatro de guerra onde a dependência de uns em relação aos outros é total *“toda a gente sabe que os militares são muito unidos, vivemos às vezes uma vida com certos indivíduos ao lado da cama, ouvimos as histórias deles, acabamos por ser irmãos, desenvolvem-se determinados laços que não se desenvolvem lá fora”*.

Exige-se dos cadetes/militares aplicação e capacidade de desenrascar situações, em virtude dos escassos recursos com que se deparam comparativamente aos militares estrangeiros *“aprendemos a viver com pouco e a fazer muito”*.

Ao representar os militares como a sua classe social de pertença, M6 está a exprimir a segurança que lhe é transmitida por esta instituição *“isto é uma carreira, quando acabar tenho*

logo colocação, é uma coisa fixa, senão não vinha para a Academia” e que lhe possibilita dar resposta a uma preocupação central: a responsabilidade pelo sucesso da família.

Para além da segurança económica M6 encontra nesta instituição símbolos de prestígio *“temos feitos históricos que tentamos não manchar... os militares fazem-me lembrar os cavaleiros do rei”* e credibilidade *“os militares são assim, sempre foram assim, podemos contar com eles enquanto pessoas com estas características, já provaram que merecem”*, ancorados num passado histórico e em princípios intrínsecos à postura dos militares *“a instituição militar rege-se por determinados princípios, somos honrados, somos homens de palavra”*.

A aplicação destes princípios exige da parte dos oficiais do exército uma responsabilidade acrescida, relativamente aos outros militares *“se não os aplicarmos não vamos alcançar os objectivos que nos são propostos pela instituição: formar outros”*.

Na perspectiva de M6, espera-se de um oficial que venha a comandar e instruir outros homens: se não for aplicado e dedicado não vai ter autoridade moral para exigir dos outros *“primeiro tenho que exigir de mim”*- são ainda estes princípios que vão determinar a qualidade e a eficácia das decisões tomadas *“quando dizemos uma coisa é porque já foi muito reflectida e analisada, em caso de guerra tem que se tomar decisões no mais curto espaço de tempo e as decisões mais acertadas”*.

Mas um militar não pode temer a crítica da opinião pública, a sua eficácia vai depender da capacidade em tomar opções radicais *“é por isso que os militares são amados em tempo de paz e odiados em tempo de guerra”*.

M6 exemplifica esta situação através de um episódio relacionado com a ponte 25 de Abril “*o capitão que estava à frente da GNR, que mandou avançar, teve uma atitude radical reprovada pela sociedade, mas se ele não actuasse questionava-se a posição dele ali*”.

A pertença militar, central na identidade do sujeito, associa a si atributos directamente associados aos desportistas e à direita.

A atitude radical que caracteriza os militares aparece expressa na imagem dos desportistas, grupo com o qual o sujeito se identifica na busca de sensações de risco e confiança “*desportos radicais, riscos elevados, novas sensações, provar algo a mim mesmo, traz confiança*”.

De notar que a eficácia conferida ao seu grupo de desportistas aparece reforçada através da identidade militar “*os outros grupos de desportistas não estão inseridos numa comunidade que se rege por determinados princípios, estão ali pessoas de várias classes, nós temos a dupla vantagem de sermos militares e desportistas, dá mais força porque acabamos por nos conhecer de maneira transparente uns aos outros*”.

O trabalho e dedicação que caracteriza os militares aparece também expresso na ideologia política que partilha: surgem imagens da direita dedicada ao desenvolvimento do país e com capacidade para adaptar os princípios aos problemas postos no futuro “*nós os de direita temos princípios, a história tem dado provas disso, o que se faz não é à toa, não foi como no 25 de Abril em que o pessoal de esquerda o pouco que havia destruíram tudo*”.

Anarquistas e comunistas, recodificados a partir da classe social oposta/ideologia política oposta, representam um único referente cujos interesses se opõem claramente aos princípios da instituição militar: o desrespeito pela ordem instituída surge paralelamente ao

desrespeito pela propriedade e pelas chefias *“tudo é nosso, não há lei, entro no café e tiro o que quero, ninguém manda em mim, não existia futuro se uma pessoa pensasse assim”*.

A afirmação anterior, enquadrada em imagens ligadas ao 25 de Abril e à ocupação de quintas, vem retomar imagens dos países de leste, caracterizados pela estagnação social.

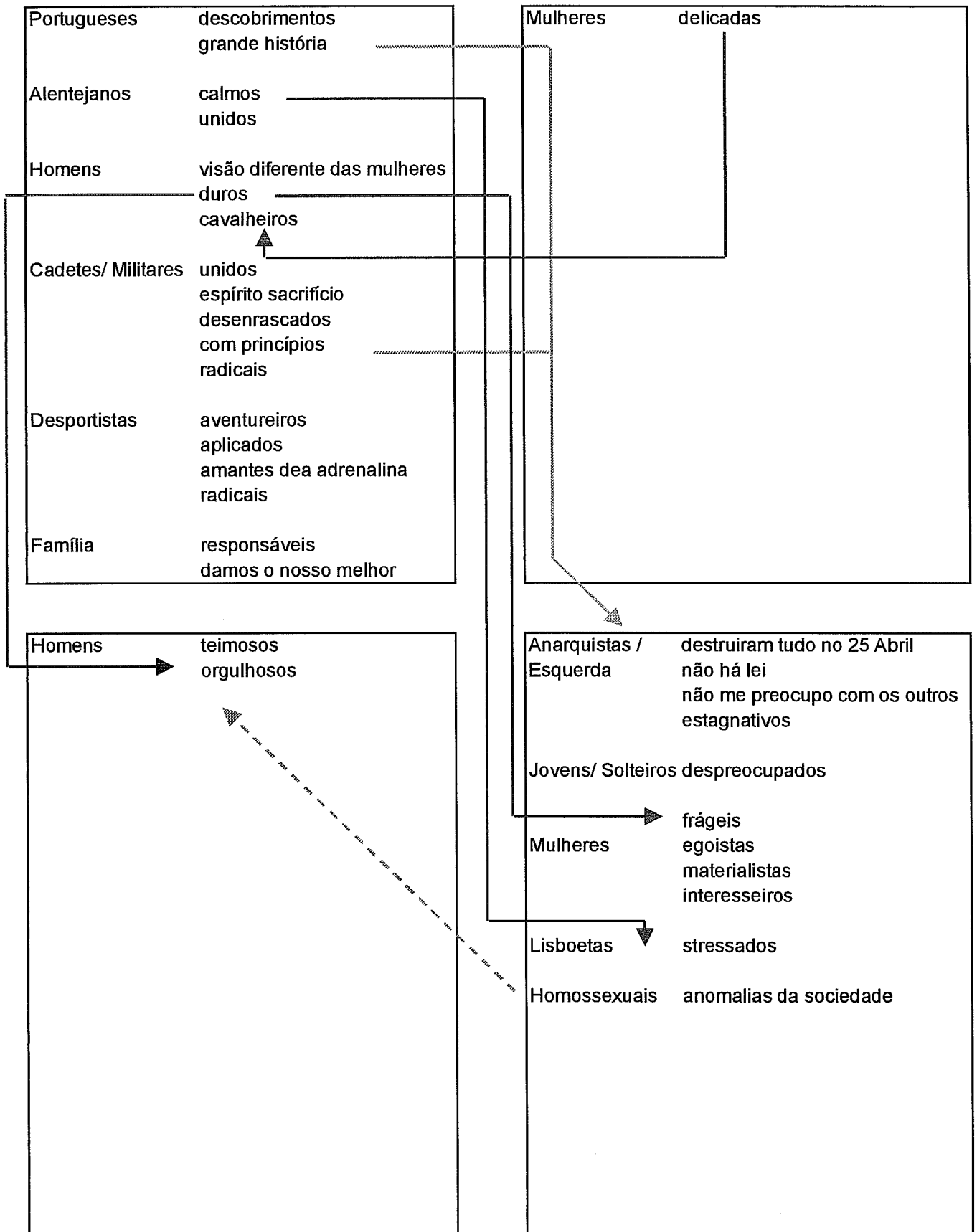
Globalmente podemos considerar que os modelos de identificação de M6 se centram na pertença militar - considerada pelo sujeito a sua classe social de pertença.

Subjacente a esta representação está a imagem da família e a responsabilidade em garantir o seu funcionamento.

A identidade militar estrutura-se assim com base na procura de segurança mas igualmente de prestígio: à instituição militar está associado um conjunto de princípios cuja credibilidade assenta num passado histórico honroso.

Estes princípios contradizem claramente o processo de desintegração social representado pelos comunistas/anarquistas, remetidos para a esfera da alteridade negativa.

Tradicionalmente masculina a instituição militar opõe a si a fragilidade feminina, atribuindo-lhe um conjunto de atributos incompatíveis com a cultura militar.



Protocolo 7

Protocolo M7 - Rapaz, 23 anos, 3º ano da Academia Militar, Solteiro, Católico não praticante, Politicamente neutro

Nós os homens somos:

- simpáticos (2+)
- responsáveis (1+E)
- espírito aberto (2+E)
- amigos (1+E)

Eles os homens são :

- despreocupados (X-)
- machistas (X-)
- irresponsáveis (alguns) (X-)
- extrovertidos (X,0)

Elas as mulheres são:

- bonitas (3+)
- preocupadas (1+)
- invejosas (X-)
- simpáticas (2+)
- responsáveis (1+E)

Nós os estudantes somos :

- jovens (1+)
- preocupados com o futuro (2+)
- de espírito aberto (2+E)
- cheios de iniciativa (2+E)
- vontade de viver tudo (1+)

Eles os estudantes são:

- egoístas (X-)
- fechar-se em situações difíceis (X-)
- ambiciosos (1+E)
- irresponsáveis (X-)
- por vezes pensam pouco (2-)

1- aplica-se completamente a mim

2- aplica-se a mim

3- aplica-se um pouco a mim

x- não se aplica a mim

0- faz parte da minha personalidade

E- é uma característica minha essencial

+, -, ∅, positivo, negativo, neutro

Nós os militares somos:

- responsáveis (1+E)
- dedicados (2+E)
- unidos (1+)
- uma família com caract. próprias (2+)
- incompreendidos (1-)

Eles os militares são:

- pouco dedicados (X-)
- não se preocupam com a instituição(X-)
- estão a mais (alguns) (X-)
- não evoluem (X-)
- não gostam de mudar (X-)

Recodificação dos Grupos

Apesar da recodificação dos homens remeter para imagens caracterizando a categoria masculina, M7 diferencia entre “Nós” e “Eles os homens”: “Nós” as características com as quais se identifica; “Eles” as características relativamente às quais se diferencia através de uma reflexão crítica incidindo sobre esta pertença.

Os homens devem preservar uma boa relação com o exterior e ter uma atitude responsável perante as situações, atributos valorizados em meio militar e que activam uma falha do sujeito - ser introvertido “*qualquer indivíduo aqui é extrovertido, eu infelizmente não*”.

Contrariamente aos homens militares os homens civis são negligentes e irresponsáveis, mas tanto uns como outros se caracterizam por uma postura de superioridade relativamente às mulheres, que o sujeito qualifica de machista.

O significado de ser homem revela-se numa maior liberdade relativamente às mulheres, que se inicia com o processo de socialização familiar e que vai condicionar diferentes formas de estar.

As mulheres surgem representadas através de uma imagem de responsabilidade contextualizada à sociedade civil - surge a imagem das estudantes universitárias capazes de definir e concretizar objectivos, de uma forma mais eficaz que os seus colegas homens.

Mas é essencial que as mulheres sejam belas e femininas e este atributo não parece caracterizar as mulheres militares *“aqui elas perdem isso, ganham uma maneira de estar e falar que não são de maneira nenhuma femininas, ficam abrutalhadas”*.

A par desta imagem idealizada, incompatível com a identidade militar, as mulheres caracterizam-se por terem problemas de relacionamento entre si *“... invejosas, pequenas intrigas que há”*.

Apesar da crítica aos homens machistas e da atitude de valorização expressa relativamente ao sexo oposto, o sujeito não deixa de partilhar estereótipos que determinam à mulher a especificidade de papéis, sob pena de perderem a sua identidade sexual.

A recodificação do grupo profissional remete para uma dicotomia entre estudantes civis e estudantes militares, baseada em interesses e realidades diferenciadas:

“Nós os estudantes militares”, sem grandes incertezas relativamente ao futuro profissional *“aqui se conseguir acabar o curso ingresso nos quadros da G.N.R”*, “eles os estudantes civis” inseguros quanto ao seu futuro profissional *“lá fora ou se está à procura de emprego ou se está a estudar, e muitas vezes não se sabe bem para quê”*.

A dicotomia entre identidade civil e identidade militar, vai ser estabelecida com base na associação de valores individualistas aos primeiros e na associação de valores colectivistas aos segundos *“o civil tem formação diferente do militar, é uma vida só para ele, trabalha para si e para a sua família, um bom militar vive para a instituição”*, remetendo para a imagem dos

estudantes para exemplificar o comportamento dos civis “*os estudantes, lá fora se alguém está com problemas eu fecho-me e ele que resolva o problema dele*”.

A imagem dos militares vai investir a classe social do sujeito, em oposição à imagem dos civis investindo a classe social oposta.

Contudo, M7 apresenta uma visão dicotómica dos militares: “nós os militares/ cadetes” que viemos por vocação, “eles os militares/ cadetes” que vieram com o objectivo de conseguirem segurança profissional no futuro (porque não conseguiram entrar para a universidade ou porque os pais não tiveram condições para lhes pagar um curso).

A representação de “nós os militares” faz equivaler a instituição militar ao conceito de família, evocando o espírito de união e interajuda “*se um militar tem um problema civil há uma união muito grande para o ajudar, trabalha-se bem a instituição funcionando como uma família ou um grupo*”.

Este funcionamento é instituído pelo grande tempo de convivência que uns têm com os outros e é essencial para que a instituição possa cumprir a sua missão “*conhece-se bem a pessoa e sabe-se se se pode contar com ela, numa situação de combate tem que se saber como é que o indivíduo que está ao meu lado vai reagir*”.

A postura do militar deverá ainda ser caracterizada pela responsabilidade “*senão as coisas falham, exige-se pontualidade, postura em termos de comportamento e exemplo perante os mais modernos*”, ambição e dedicação em atingir os seus objectivos e cumprir eficazmente as missões que lhe são destinadas “*devido à actividade que têm os militares têm que se entregar mais, fazer alguns sacrifícios para o cumprimento das suas missões, o risco da própria vida em missões onde não vão armados*”.

“Eles os militares” constituem um grupo antagónico cujos interesses se opõem aos valores da instituição militar: preocupam-se demais consigo próprios, contrariam o espírito de corpo, desrespeitam os princípios e a imagem desta instituição.

F7 sente-se agredido e incompreendido pela imagem que os civis expressam acerca dos militares e que se opõe ao empenho que motivou a sua opção pela carreira militar *“vamos na rua e chamam-nos chulos, a pessoa quase que lhe dá um baque, a nossa vinda para aqui é diferente de um voluntário, vimos com um empenho próprio”*.

Contudo, a entrada na Academia vem alterar a imagem idealizada que trazia acerca desta instituição *“antes de ser cadete impressionava-me a maneira de estar dos cadetes, aquela rigidez, as fardas, a responsabilidade que pensava que se tinha, mas quando se entra é um bocado diferente, há uma certa fachada”*, ao ponto do sujeito se sentir duplamente agredido: pela atitude dos civis e pela atitude de alguns militares.

Conivente com a imagem expressa pelos civis, M7 vai criticar a instituição militar, que através da abolição da praxe permitiu a integração no seu seio de indivíduos com comportamentos desadequados ao papel do oficial *“há uns anos atrás um militar vinha para a tropa e aprendia, havia a praxe, a instituição tem princípios que se deviam manter e aqui na Academia perde-se muito isso”*.

Esta situação é particularmente visível a nível dos alunos do 4º ano *“muitos não têm nível para serem oficiais. Mesmo lá fora vão para certas festas em grupo e sentindo-se cobertos uns pelos outros arranjam confusão, começaram a ser identificados - os alunos da Academia são uns animais autênticos - é triste a pessoa ter uma certa imagem e chegar aqui e deparar com isto”*.

Com a abolição da praxe impediu-se um processo de selecção natural capaz de preservar a imagem da instituição “*têm que se mexer e não querem, numa actividade social cá fora se alguém lhes dirige não têm nível cultural nenhum, cá dentro agora não ganham essa formação, se existisse a praxe muitos dos que vêm sem vocação desistiam, os próprios alunos seleccionavam*”.

Desta forma, a representação que os civis têm dos militares é induzida pela própria instituição militar, incapaz de justificar a sua missão e accionar a mudança necessária a um funcionamento organizacional eficaz “*existe a ideia de que a instituição militar não serve para nada pois não estamos em guerra, até não entramos nas operações da ONU, para que estamos a pagar a não sei quantos indivíduos para eles não fazerem absolutamente nada? infelizmente os civis têm razão, é a decadência e não se faz nada de concreto para mudar*”.

Esta ideia é reforçada através da ausência de qualidade contida no recrutamento de oficiais “*os oficiais que vinham para esta casa, muitos deles eram de família, hoje qualquer indivíduo quase sem estudos vem para a tropa*”.

Esta situação poderá induzir por parte dos civis o bloqueamento a propostas de investimento de âmbito militar “*esta imagem pode levar os civis a votarem contra um candidato cujo programa é aumentar o orçamento para a defesa nacional*”, por não reconhecerem a sua eficácia.

É a percepção de uma crise institucional a nível das Forças Armadas, com especial incidência no exército que induz M7 a optar pela GNR “*o exército está em declínio, nos próximos anos não vejo ninguém com poder para mudar a situação, a GNR está em profunda alteração, tem os seus podres mas há muita vontade de se mudar*”.

A importância de ser cadete exprime-se no desejo de vir a ser oficial da GNR, e na expectativa do trabalho desenvolvido poder contribuir directamente para uma boa imagem desta instituição *“no exército a pessoa está a trabalhar para o boneco, prepara-se uma instrução e não se aplica, na GNR vou ter contacto directo com a população”*.

M7 refere ainda um conflito de interesses existente a nível da Academia e que opõe alunos da GNR e alunos do exército *“somos acusados de ser um grupo à parte mas aqui dentro somos alunos da GNR para umas coisas e do exército para outras ... o nosso nível de interesses às vezes é diferente e necessitamos tomar uma decisão, temos consciência de que isso às vezes é negativo mas temos que defender os nossos interesses”*.

Este conflito pode mesmo reflectir-se numa postura diferente face aos superiores *“nós alunos da GNR temos tendência a ver os oficiais do exército de maneira diferente, os alunos do exército têm que os ver como exemplo e nós não, muitas vezes pensamos que nós assim não queremos ser”*.

Um outro conflito que se desenha no interior da Academia prende-se com a recente admissão de mulheres: da mesma forma que os homens, a maioria dos cadetes são machistas, e desta forma não aceitam a presença das mulheres em meio militar.

Questionado a exprimir a sua posição face a esta temática, M7 considera que apesar de se tratar de *“uma jogada política para resolver problemas de desemprego”*, esta decisão poderá ser compatível com a necessidade de efectivos existente no exército e poderá até contribuir para uma melhor distribuição das funções, se as mulheres forem colocadas em tarefas compatíveis com as suas potencialidades *“em trabalho de secretaria a mulher pode ser mais competente e assim podem empregar os homens em trabalhos que exijam maior esforço físico”*.

Não excluindo a hipótese da sua presença em meio militar, M7 chama a atenção para a necessidade de se corrigirem disfuncionamentos actualmente existentes e que se exprimem aos mais variados níveis:

- O processo de selecção

A falta de rigor existente na selecção de militares (masculinos e femininos) é particularmente nítida no caso das mulheres praças *“admite-se tudo o que vier como voluntário, quer do sexo masculino quer do sexo feminino, mas do sexo feminino o que vem para praças é regra geral do pior que há... há situações quase de prostituição, a maior parte delas que vêm como voluntárias vêm porque não tem outra hipótese, na Academia é diferente, elas têm que ter estudos”*.

No caso das cadetes, o processo de selecção de que foram objecto não respeitou os critérios mínimos exigidos, criando-se assim uma situação de injustiça perante os cadetes *“a selecção que se fez é que foi pobre, eram poucas candidatas e entraram mesmo não conseguindo ultrapassar certas barreiras físicas, o que gerou ambiente de mal estar; a meu ver há aqui cadetes que não deviam estar cá, aquilo que se exige a nós a elas é-lhes perdoado”*.

- Diminuição da eficácia dos treinos físicos

Através de um episódio M7 exemplifica dificuldades encontradas pelos instrutores em compatibilizar critérios de eficácia em virtude da heterogeneidade encontrada nos grupos mistos *“na instrução de marcor (marcha e corrida com arma) a arma é pesada e elas não têm a mesma força, o instrutor é obrigado a abrandar. Como dentro daquela instrução está a ser*

avaliado o espírito de corpo e entreaajuda, ele não pode dividir o grupo em homens e mulheres e fazer dois treinos diferentes - é positivo porque funcionamos como um grupo mas a nível de treino é mau”.

- Ausência de maturidade e bom senso por parte dos homens

A atitude da maior parte dos cadetes não facilita a integração das mulheres. Retomando o exemplo anterior, se lhes coubesse decidir sobre a implementação de “standards” diferenciados em função do género, a maior parte recusaria tal situação com a argumentação de que *“se quer vir para a tropa, se quer fazer o mesmo que o homem, tem que lhe ser exigido o mesmo”*.

Esta argumentação é, na opinião do sujeito, impossível do ponto de vista fisiológico e denota uma atitude machista *“ em combate uma mulher não tem a mesma resistência física e não consegue acompanhar, isso vê-se pelas instruções, é impossível exigir-se o mesmo de um homem que de uma mulher”*.

Esta mesma atitude revela-se na não aceitação de que as mulheres possam obter melhores resultados, como já acontece nas provas físicas de abdominais, e na dificuldade em aceitar que o comando seja exercido por uma mulher *“a nível de recrutas, um conjunto de mancebos vem da vida civil e de repente apanham com uma mulher a dar instrução, custalhes um bocado, sei porque já os ouvi dizer isso”*.

Na perspectiva do sujeito, a partir do momento em que a instituição decide admitir mulheres, esta atitude não pode existir, elas têm que fazer parte do grupo, razão pela qual apela ao bom senso e maturidade dos homens.

Globalmente podemos considerar que os modelos de identificação de M7, estão ancorados na classe social, activando enquanto referente os militares com vocação e a família na figura do pai militar.

Delineiam-se assim um conjunto de valores em oposição aos civis: os civis comodistas, os estudantes egoístas, jovens e amigos despreocupados.

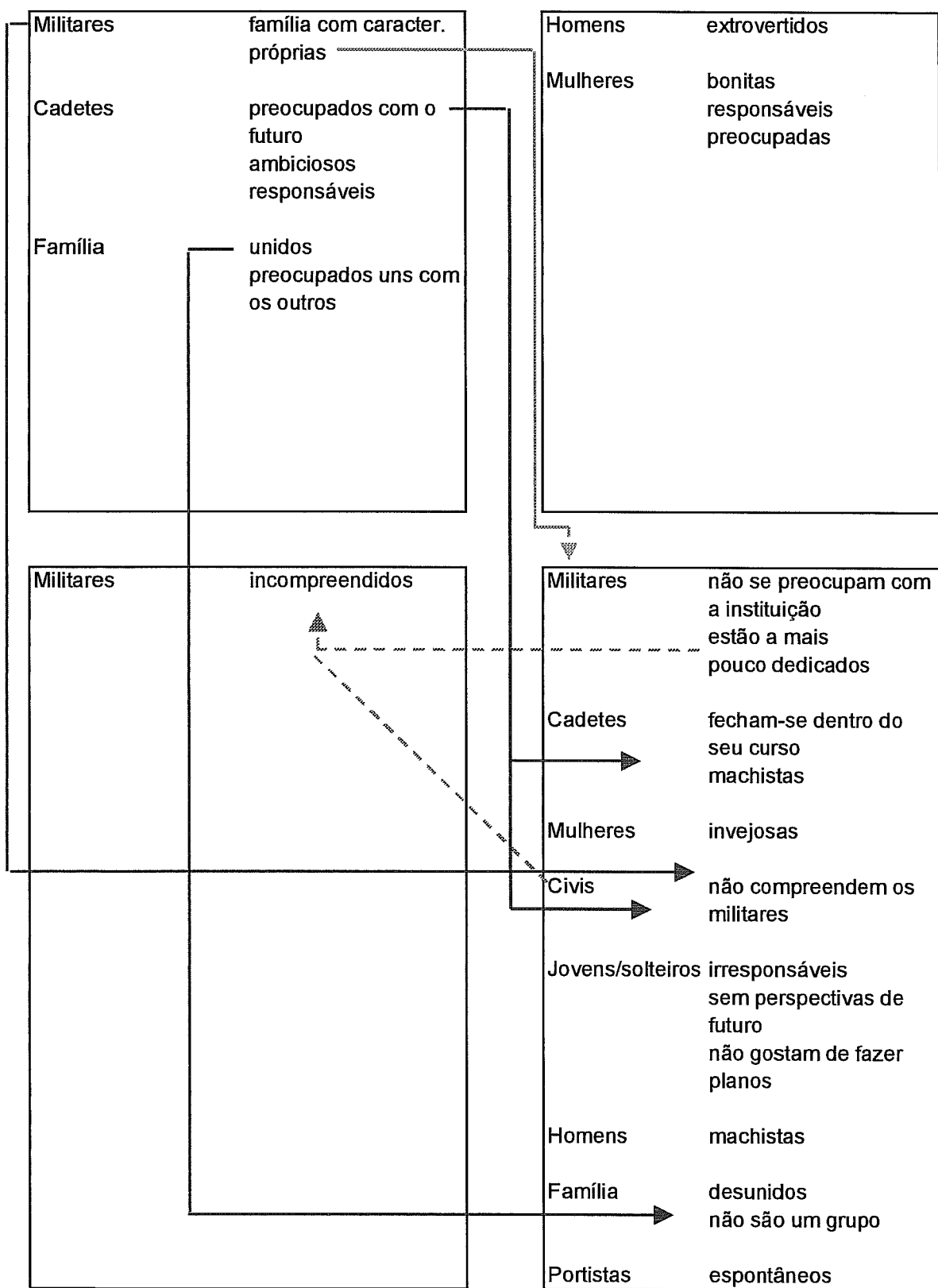
Contudo, o equilíbrio resultante desta dicotomia (militares/civis), poderá ser posto em causa pela percepção de alterações no contexto militar, provocadas pela entrada de cadetes/militares sem vocação, cujos comportamentos vão contra os princípios da instituição militar, dando argumentos aos civis nas críticas dirigidas a esta instituição.

Alguns cadetes do 4º ano (uma vez que é este o ano em que é dada maior autonomia aos cadetes, sendo mais fácil avaliar o seu posicionamento individual face à instituição militar), conjuntamente com os militares que “dão mau nome à instituição”, surgem enquanto adversários, ameaçando a sua integridade.

Sentindo-se ameaçado no seu projecto, através da incompreensão e agressão que lhe é dirigida por civis e militares, a opção pela GNR surge como forma de se dissociar de subgrupos existentes na instituição militar, sem pôr em causa a sua própria identidade enquanto militar.

A representação das mulheres, contextualizada à sociedade civil, traduz uma imagem gratificante para o sujeito: mulheres preocupadas e responsáveis, exercendo actividades valorizadas no campo universitário.

O sentido de coesão e união expressos na interacção entre família e militares, activa como contra valor a desunião familiar expressa através do divórcio dos tios.



Protocolo 8

Protocolo F1 - Rapariga, 20 anos, 2º ano da Academia Militar, Solteira, Ateia, de Esquerda

Nós as mulheres somos:

- fortes (3+)
- sinceras (1+E)
- trabalhadoras (2+)
- amigas (1+)
- espírito aberto (2+)

Elas as mulheres são :

- convencidas (X-)
- ciumentas (3-)
- traiçoeiras (X-)
- fingidas (X-)
- oportunistas (X-)

Nós as MISEF somos :

- alvo de muita atenção (1-)
- incompreendidas (1,0)
- muito responsáveis (1+)
- honestas (1+E)
- esforçadas (1+)

Elas as MISEF são:

- querem ser diferentes (X-)
- não se esforçam (X-)
- querem ser como os homens (X-)
- pouco esforçadas (X-)
- oportunistas profissionalmente (X-)

Eles os homens são:

- sinceros (1+E)
- amigos (1+)
- um pouco convencidos (3-)
- sociáveis (2+)
- ajudam muito (1+)

Nós os cadetes somos :

- esforçados (2+)
- trabalhadores (2+)
- honestos (1+E)
- de confiança (1+E)
- os melhores (1+)

Elas os cadetes são:

- convencidos (3-)
- pensam q. são os melhores (X-)
- pessoas importantes (3,0)
- a imagem do oficial (1+E)
- interesseiros profissionalmente (X-)

1- aplica-se completamente a mim

2- aplica-se a mim

3- aplica-se um pouco a mim

x- não se aplica a mim

0- faz parte da minha personalidade

E- é uma característica minha essencial

+, -, ∅, positivo, negativo, neutro

Fig. 1. Extracto do protocolo de F1

Recodificação dos Grupos

F1 diferencia entre “nós” e “elas as mulheres”: o estímulo “nós” activa um padrão de comportamento convergindo em interesses comuns ao sujeito, onde se incluem algumas cadetes e amigas; o estímulo “eles” activa um subgrupo cujos interesses se opõem ao sujeito - algumas amigas, algumas cadetes, as praças, cujo comportamento representa “a ideia má” que F1 tem das outras mulheres e que também é partilhada pelos homens.

Gostar de ser mulher é um atributo do sujeito, que não poderá ser posto em causa pelo facto de ter optado por uma carreira profissional maioritariamente masculina *“as pessoas acham estranho vir para um meio onde são só homens, mas eu gosto de ser mulher, não gostava de ser homem nem nada que se parecesse”*.

A imagem positiva associada às mulheres é transmitida através da subtileza e risco que os homens não conseguem acompanhar *“dão a volta a situações que o homem não sabe lidar, são mais aventureiras, eles são mais conservadores, têm medo do que não conhecem”*.

O desejo de desempenharem funções “como os homens” vai ser confrontado com a incapacidade dos homens aceitarem tal situação: à mulher vai ser exigido um esforço acrescido para poder atingir metas semelhantes aquelas que são alcançadas pelos homens *“eles não conseguem ver as mulheres a desempenhar as mesmas funções que eles. Prefere-se e confia-se mais no homem, temos que trabalhar mais para conseguir aquilo que o homem consegue”*.

A percepção de uma relação assimétrica entre géneros, vai estender-se ao quotidiano da Academia *“é difícil acompanhar o ritmo dos rapazes, temos que ser lutadoras e fortes para sobrevivermos, há sempre muitas barreiras”*.

As imagens decorrentes desta relação, vão estruturar-se através de um discurso metafórico activando modelos de identificação em situação análoga ao sujeito “*Fátima e a religião ... eu dou o máximo ... a esquerda nunca esteve no poder mas aguenta-se sempre ...*” e a partir dos quais podemos identificar zonas de stress e conflito: tal como os portugueses são rígidos e severos para não mostrarem aquilo que realmente são “*aquele povo que sofreu tantas intimidações por ser deste tamanho...*”, F1 tenta ser mais forte para não mostrar a sua parte fraca, e esta necessidade pode levá-la a adoptar atitudes exageradas relativamente às outras mulheres (ex. ser severa relativamente às camaradas do 1º ano, recriminando-as nos seus comportamentos).

Desta forma, a imagem que alter construiu em torno da sua família, caracterizada pela rigidez e disciplina atribuída ao pai militar, não é mais que uma imagem artificial susceptível de esconder os sentimentos de F1 “*eu sou coração de manteiga*”.

Opondo-se a esta imagem da mulher, surgem “elas as mulheres” traiçoeiras, fingidas e oportunistas, representando tudo aquilo com que o sujeito não quer ser confundida “*agir pelas costas vai contra o princípio da honestidade, aproveitam-se do facto de serem mulheres para conseguirem certas coisas como agradar, pela frente riem-se muito e por detrás...*”.

A necessidade de se distanciar desta imagem é feita numa primeira fase através do seu percurso individual: a sua infância, partilhada com o irmão mais velho e os amigos, permite-lhe actualmente estabelecer uma relação privilegiada com os cadetes masculinos “*como cresci num meio de rapazes vejo-os de maneira diferente, confiam mais em mim porque os compreendo e sabem que podem contar comigo para tudo*”.

Menos sinceras e menos amigas que os homens, as mulheres expressam dificuldades na interacção que estabelecem entre si: a má imagem do grupo de pertença é complementar à

imagem dos homens amigos e sinceros “*até noto a sinceridade deles quando me dizem que são contra a entrada das mulheres na tropa mas continuam-me a dar todo aquele apoio*”.

Obter a amizade e admiração dos homens, percebidos como o maioritário no grupo, surge como um objectivo para F1 “*eles às vezes ajudam-me mais, se calhar porque eu me esforço mais, porque sou mais amiga deles*”.

Os homens são sociáveis “*gostam muito mais das festas entre eles, é normalíssimo saírem todos juntos e nem sequer falarem com uma mulher; as mulheres quando saem já é com um homem*” e caracteriza-os uma amizade que F1 inveja “*aquela cumplicidade existente entre eles que não acontece com as mulheres*” ao ponto de tentar reproduzir alguns aspectos junto das suas camaradas “*muitas vezes tento aqui sair com elas assim só por sair, basta combinar com dois ou três e depois o resto vem por acréscimo*”.

Mas a amizade masculina vai sobretudo reflectir-se no apoio que oferecem às mulheres “*ajudam muito cá dentro, se calhar não tinha chegado onde cheguei se não fossem eles, dão-me muito apoio psicológico e físico*”.

É neste contexto que surgem os cadetes enquanto amigos privilegiados, suporte de integração do sujeito em meio militar.

A recodificação da imagem dos cadetes, associada a sentimentos de superioridade relativamente ao mundo civil “*é muito difícil ser cadete, é de louvar os que conseguem, somos os melhores*” tem subjacente a imagem do futuro oficial “*somos a imagem do futuro oficial, depositam o poder e a confiança nas mãos dele*” bem como a necessidade de interiorização do modelo que lhe corresponde “*o cadete tem que se ver como oficial antes de começar a mostrar o que é*”.

A insegurança e o desejo que a imagem do futuro oficial possa despoletar no imaginário do sujeito, tem subjacente as dificuldades de integração já referidas e retomadas a partir da representação das MISEF.

A recodificação deste grupo activa sentimentos de angústia tendo por base a extrema visibilidade social a que as mulheres militares se sentem sujeitas: o estímulo “eles” activa a crítica dirigida por alter a “nós as cadetes mulheres” *“somos uma inovação, é giro falar, criticar e apontar”*.

Contrariamente aos homens, a quem é permitida maior liberdade de actuação, o comportamento das mulheres cadetes terá que ser cuidadosamente gerido em função das expectativas existentes neste meio *“é muito decisivo na minha personalidade o facto de nos terem dado tanta atenção, leva-me a não ser aquilo que realmente sou, às vezes uma pessoa não faz o que lhe apetecia por ser mulher, os homens fazem só que ninguém liga”*.

A preocupação em responder ao modelo imposto poderá em última análise originar funcionamentos em “falso self” *“a pessoa tem que estar sempre preocupada não com ela própria mas com a imagem que dá das mulheres”*.

É esta a pertença que mais stress vai provocar na identidade do sujeito: a agressão que lhe é dirigida por civis e militares vai pôr em causa a sua identidade sexual e profissional *“muita gente pensa que viemos para cá porque queremos ser como os homens, os civis pensam que como não tínhamos emprego viemos para a tropa, se tivesse vindo por opção financeira já me tinha ido embora”*.

Sentindo-se incompreendida F1 reclama as críticas que lhe são dirigidas pelos rapazes *“perguntam muitas vezes porque é que viemos, se eles compreendessem todas as nossas razões que às vezes nem as sabemos dar concretamente ... muitas vezes para não nos*

chatearem dizemos que foi porque nos apeteceu” e contra-argumenta com base em percursos diferenciados “eles dizem que vieram porque sempre quiseram, mas para nós só no 12º ano é que abriam vagas, foi a oportunidade de fazer uma coisa diferente, mas eles não compreendem isto”.

Partindo de premissas erradas, os cadetes revelam-se injustos na sua postura face às mulheres *“têm a ideia de que não nos esforçamos, que viemos para cá e é só facilidades, às vezes recebemos um tratamento diferente porque eles não sabem lidar connosco”* - F1 chama a atenção para eventuais erros cometidos pela própria instituição, mas que poderão ser minimizados à medida que se dilua a posição de “Tokenism” a que estão sujeitas *“como vamos sendo mais eles começam a habituar-se; não gosto que nos tratem de maneira diferente porque é injusto perante eles”.*

Não obstante a crítica institucional, o sujeito reconhece limitações inerentes às mulheres *“somos esforçadas para conseguir vencer mas temos muitos limites físicos e psicológicos”* e que estimulam a aceitação de uma relação desigual *“gostamos de ganhar o que temos mas às vezes temos que aguentar com as coisas que nos são dadas”.*

A dependência face ao exterior e a dificuldade em mostrar os limites subjacentes a essa dependência, constituem para F1 um dos seus principais pólos de conflito *“preciso de ajuda mas não gosto de pedir, mostra um limite meu, normalmente eles oferecem ajuda”.*

Sentimentos de frustração vão ser despoletados a partir de características valorizadas em alter e inacessíveis ao sujeito - ser independente e livre constitui um projecto remetido para o futuro mas cuja actualização não é extensiva à identidade militar.

No presente, apresenta-se como central na definição do projecto identitário do sujeito a defesa da identidade das MISEF, e desta forma a defesa da sua própria identidade enquanto militar e enquanto mulher.

As mudanças identitárias daqui decorrentes vão ser visíveis através da relação estabelecida com outros grupos de pertença:

- a pertença militar vai induzir alterações no posicionamento ideológico do sujeito, induzindo maior tolerância relativamente a grupos como os “skinheads” e uma menor tolerância relativamente a grupos minoritários, mais especificamente a integração dos povos africanos de língua oficial portuguesa (PALOP) na Academia “*a vinda para a Academia sensibilizou-me mais para o racismo, os PALOP são uma guerra à parte*”.

- a pertença militar vai distanciar o sujeito da independência atribuída aos ateus, induzindo a aproximação ao grupo de alteridade católicos “*os católicos precisam da ajuda de Deus, eu preciso da ajuda de muitas pessoas, dos camaradas*”.

Resumidamente, podemos considerar que os modelos de identificação de F1 aparecem associados à nacionalidade enquanto época de ouro/descobrimentos, à Academia enquanto instituição de elite, à família enquanto suporte do sujeito, com principal destaque para a figura do pai intimamente associada ao meio militar.

A tendência política é recodificada através da imagem da presidente da câmara de Almada, evocando junto do sujeito sentimentos de orgulho e satisfação pelo sucesso obtido por esta mulher, no seio de um contexto adverso.

Direccionado aos modelos de identificação, aparece o olhar do outro crítico e desvalorizante, remetendo para imagens negativas associadas aos grupos de pertença: imagens

da nacionalidade representada enquanto época de ouro, são substituídas pela imagem da União Europeia, expressando perda de poder e autonomia, extensiva às representações dos restantes grupos de identidade, nomeadamente a forma como as mulheres militares são vistas e a forma como o pai é visto no papel de militar.

O mal estar susceptível de ser provocado neste contexto, vai ser minimizado através dos referentes de alteridade positiva, surgindo os amigos militares enquanto suporte (como a própria denominação “amigos” os identifica), dotados de uma importância fundamental na adaptação do sujeito ao novo contexto profissional.

Existe uma tentativa de aproximação a este referente, ao mesmo tempo que o referente “Skinheads” passa a desempenhar um papel diferente no universo relacional de F1: rejeitado numa primeira fase (adolescência), passa a desempenhar uma função social importante a qual tem subjacente a luta contra os emigrantes de África, directamente associados aos PALOP (grupo de alteridade presente na Academia), percebidos como adversários do sujeito pelos privilégios de que usufruem e pela forma diferenciada como se assumem. Juntamente com este adversário surge o referente mulheres praças, associando a si contra valores e comportamentos demasiadamente salientes, induzindo no sujeito sentimentos de ameaça à sua sobrevivência em contexto militar.

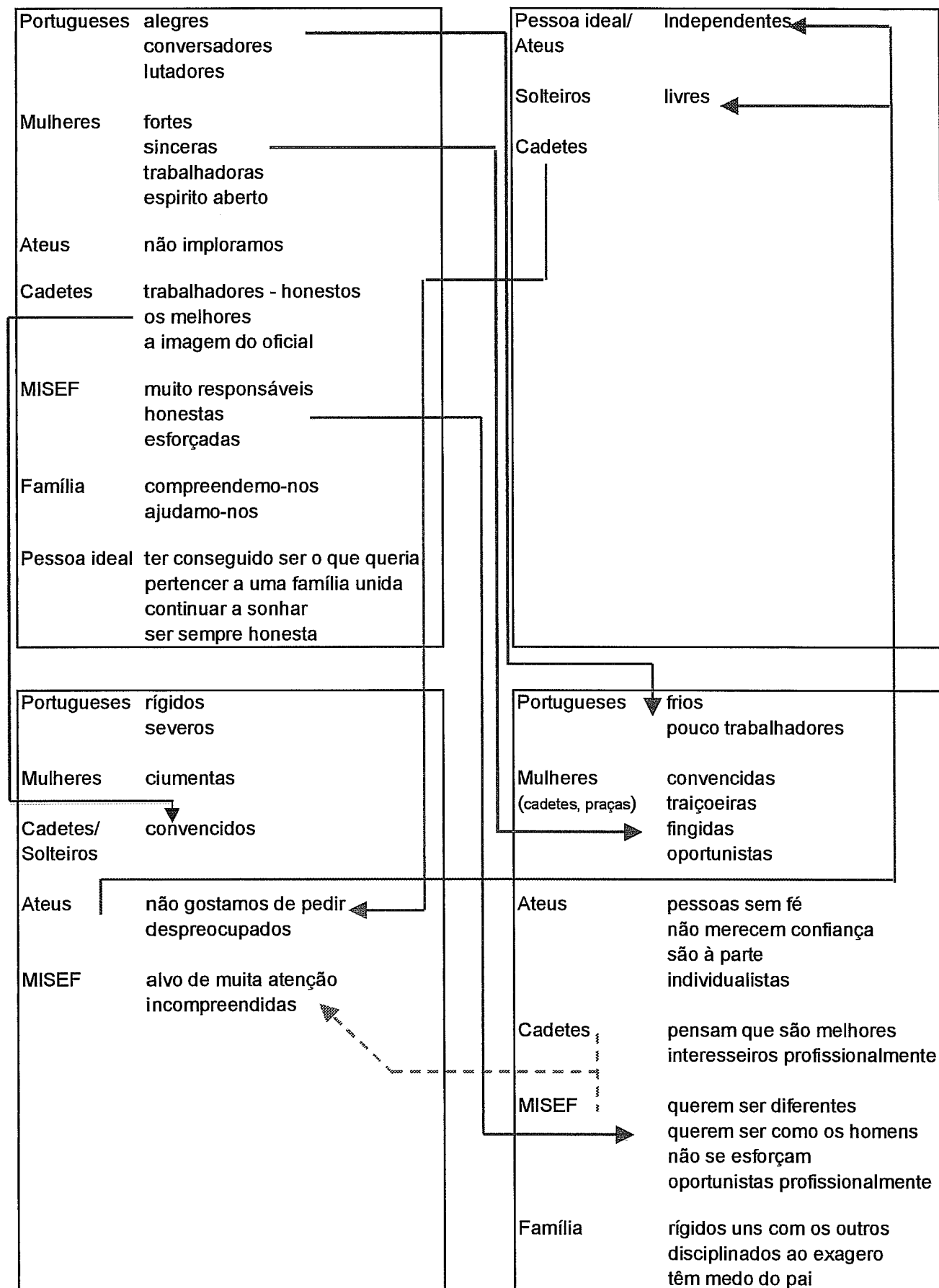
O projecto existencial de F1 vai integrar estratégias que lhe permitam responder eficazmente às expectativas do meio envolvente, marcadamente a Academia.

O principal factor que poderá inibir o sujeito na realização do seu projecto relaciona-se com a dependência face à realidade exterior e a dificuldade em mostrar os limites subjacentes a essa dependência.

Este factor vai induzir comportamentos estratégicos presentes nos temas rígidos e severos.

As fontes de gratificação encontradas na envolvente relacionam-se com sentimentos de liberdade e independência que o sujeito não partilha, em virtude da sua pertença militar e familiar.

As fontes de ameaça centram-se no olhar do outro crítico e ameaçador dirigido aos grupos de pertença: o pai rígido e disciplinado ao exagero, os portugueses frios, as MISEF pouco esforçadas e oportunistas, com necessidade de competir com os homens, os ateus sem fé e por isso mesmo não merecendo a confiança dos outros.



Protocolo 9

Protocolo F2 - Rapariga, 20 anos, 2º ano da Academia Militar, Solteira, Católica, Democrata

Nós as mulheres somos:

- alegres (1+)
- simpáticas (1+)
- tolerantes (2+)
- sábias quando nos convém (3+)
- faz tudo (2+)

Elas as mulheres são :

- tolerantes (2+)
- escravas da família (X-)
- divertem-se pouco (X-)
- pouco rebeldes (X-)
- simpáticas (1+)

Eles os homens são:

- arrogantes (X-)
- simpáticos (1+)
- pensam que têm o rei na barriga (X-)
- inteligentes (2+)
- bons amigos (1+)

Nós os alunos da AM somos :

- alegres (1+)
- rebeldes (2+)
- pouco estudiosos (2-E)
- divertimento nunca falta (1+)
- bons atletas (2+E)

Elas os alunos da AM são:

- marrões (X-)
- maus atletas (X -)
- atinadinhos (X -)
- conscienciosos (2 +)
- obedientes (2 +)

1- aplica-se completamente a mim

2- aplica-se a mim

3- aplica-se um pouco a mim

x- não se aplica a mim

0- faz parte da minha personalidade

E- é uma característica minha essencial

+, -, ø, positivo, negativo, neutro

Recodificação dos grupos

F2 diferencia “nós” e “elas” as mulheres: “nós a mulher moderna que trabalha”, opõe-se a “elas as mulheres sem vida própria”, que só vivem para a família (donas de casa, mães domésticas).

As mulheres com as quais o sujeito se identifica, caracterizam-se por serem tolerantes, e aqui F2 tem como referência a integração das mulheres na Academia “*aqui ouvimos muitas bocas em relação a nós e não vale a pena responder porque estamos em minoria, sabemos ouvir, esperar e às vezes calar*”.

A consciência de que as mulheres constituem uma minoria no seio de uma instituição maioritariamente masculina induz a gestão das respostas emitidas como resposta ao comportamento dos rapazes “*somos sábias quando nos convém, sabemos avaliar as situações e fazer de burras para elas serem a nosso favor*”.

O tema inteligentes, activado a partir do referente homens, vem reforçar a positividade estratégica associada ao comportamento do grupo sexual de pertença “*os homens são inteligentes mas as mulheres também o são, às vezes mais que os homens*”.

No entender de F2 os homens não necessitam adoptar estes comportamentos pela posição de dominância que exercem “*não pensam tanto nas coisas que dizem como nós; eles já têm assim uma atitude de que o mundo é nosso, nós governamos o mundo*”.

Mas à mulher é ainda atribuída uma multiplicidade de tarefas e se este aspecto engloba uma dimensão positiva “*sei fazer um bocado de cada coisa*”, tem igualmente implícita a crítica ao sexo oposto não colaborante no desempenho de tarefas “*a mulher faz papel de*

homem e de mulher, a dona de casa pode trabalhar fora mas vai para casa e ainda cuida dos filhos, podia ser ajudada pelo marido e não o é”.

“Elas as mulheres” surgem associadas ao excesso de trabalho, monotonia e ausência de divertimento.

Mas são elas as primeiras a aceitar e prescrever um papel pré-determinado “*quando chegam a uma certa idade, quando se casam, já não gostam de sair, não se divertem, não têm uma atitude de emancipação da mulher, não são revolucionárias*”, não obstante o contexto social em que se inserem - a sociedade Portuguesa incapaz de integrar as mutações sociais “*são antiquados, delimitam papéis às raparigas, continuam a ter atitudes que vêm de há muitas gerações atrás, não entendem que as gerações mudam, o que retira a esperança aos jovens*”.

F2 apela a mudanças no papel sócio profissional da mulher “*as coisas têm que evoluir e mudar, a mulher não trabalhar e ficar em casa é negativo, estão a tirar direitos e liberdade à mulher*”, referindo-se a si própria como portadora de atitudes que considera rebeldes “*há muitas coisas mesmo aqui dentro que eu discuto, por ex. hoje tenho que andar com esta coisa enrolada no cabelo, já no início do ano disseram que ou usávamos o elástico ou esta rede, eu nunca usei e agora fui obrigada, mas vai ser por pouco tempo, estou a deixar ficar assim o cabelo para eles verem que não dá jeito nenhum ... uma pessoa que aceite tudo pacificamente é baixar as orelhas*”.

Questionada sobre a possibilidade de se ser rebelde numa instituição que caracterizou através da disciplina, F2 responde “*se as Forças Armadas se querem modernizar não pode ser só nos meios (materiais e edificios), tem que ser também nas pessoas, não podemos ter*

sempre a mesma mentalidade senão qualquer dia temos material mas não temos pessoas que o saibam usar”.

Os homens surgem representados através de uma atitude de prepotência “*são arrogantes, pensam que têm a verdade neles*” e pelo uso abusivo do poder “*pensam que têm o rei na barriga, que mandam em tudo mas de forma estúpida, uma pessoa pode ter o poder e usá-lo sem ser de forma prejudicial aos outros*”.

Mas alguns homens também podem ser amáveis e inteligentes, tanto mais que F2 os considera amigos privilegiados “*eu tenho mais bons amigos homens do que mulheres*”, contrariamente às mulheres que expressam dificuldades no relacionamento entre si “*se calhar a mulher é um bocado mais invejosa do que os homens, as mulheres entre si têm mais discordâncias*” .

A recodificação dos cadetes estrutura-se em torno de “*nós os cadetes*” que “*gostando de pertencer à instituição a vemos de forma distinta*”, em oposição a “*eles os cadetes*” “*que não convivem e só estudam*”.

A sobrevalorização do convívio relativamente aos estudos, caracterizando o seu grupo da Academia, gera sentimentos negativos centrados na possibilidade deste comportamento se reflectir em insucesso escolar. Não obstante, a importância do convívio surge explicada através da sua função de integração social “*temos que conviver, há uma rapariga que estuda muito e depois acaba por não conhecer as outras pessoas*”.

Tal situação não invalida alguma moderação por parte do sujeito, no sentido de poder responder às imposições da Academia “*nós os alunos da Academia fazemos as coisas no momento certo, apesar de gostarmos de divertimento*”. É neste sentido que a identificação de

F2 com os cadetes rebeldes deverá ser interpretada “*à parte de poderem ser rebeldes são obedientes*”.

F2 exemplifica este atributo através do relato de um episódio “*o ano passado fizemos uma espécie de greve por causa da comida no bar, o que aqui na sede não se pode fazer, aquilo não deu muito resultado mas foi uma forma de mostrarmos que não estávamos satisfeitos*”.

Apesar da ineficácia deste comportamento, fica expressa a diferenciação entre o sujeito e os cadetes incapazes de infringir qualquer regulamento, com excesso de zelo face aos estudos e que normalmente se caracterizam por serem maus atletas “*o que considero maus atletas não é aquele que é fraco mas aquele que não se esforça*”.

Também a recodificação dos militares vai opôr “*nós os cadetes*” não obcecados pela instituição aos oficiais sem vida própria.

“*Nós os cadetes*” “*temos que ser obedientes mas não quer dizer que não contestemos algumas coisas*”; “*eles os militares*” “*acham que não têm medo de nada e que conseguem suportar tudo, passam muito tempo cá dentro e parece que não têm vida lá fora*”.

Contra esta postura F2 refere ter consciência das suas limitações “*as pessoas têm de saber as limitações próprias, tenho limitações físicas em relação aos rapazes*”.

Questionada sobre a hipótese destas limitações virem a afectar o seu desempenho futuro, F2 responde “*não porque a minha missão é diferente da deles, depende da arma ou serviço que se escolha*”.

Na perspectiva de F2 um militar deverá integrar vida pessoal e profissional “*a pessoa tem que viver também as coisas que gosta de fazer lá fora, a família, as acções na junta de freguesia ...*”.

A atitude crítica através da qual F2 procede à recodificação dos grupos de pertença, faz coexistir no interior de cada um deles subgrupos convergindo em interesses comuns e subgrupos antagónicos cujos interesses se opõem ao sujeito.

O tema rebeldes, central neste protocolo, operacionaliza esta atitude crítica, apelando a mudanças institucionais:

- mais moderadas no que concerne à instituição militar (temos que ser rebeldes e obedientes)

- mais acentuadas no que concerne às instituições civis: os democratas, associados a um projecto de igualdade de oportunidades, tentam melhorar as condições de vida das pessoas. A ausência de qualidade contida no estilo de vida dos portugueses caracteriza-se pela escassez de oportunidades e a multiplicação de opções desadequadas às expectativas de cada um, nomeadamente no que respeita às escolhas profissionais *“muitos portugueses não têm oportunidade para fazer a vida que gostavam por falta de meios, ex. a pessoa queria ser médica e começa a trabalhar muito cedo, leva uma vida a fazer uma coisa que não gosta”*.

No caso de F2, a agressão de alter faz-se sentir através da ausência de reconhecimento: a ausência de reconhecimento sentida em contexto civil é extensiva ao meio militar, podendo causar problemas de auto-estima *“aqui é difícil a pessoa ser muito reconhecida, somos muitos e somos todos basicamente iguais, fazer determinada coisa e não ser reconhecida é uma má influência para si própria”*.

Outra zona de conflito encontrada manifesta-se com base em sentimentos de revolta face à agressão a que os pobres estão sujeitos *“revoltados por terem menos que os outros e não conseguirem oportunidades”*.

A atitude de ajuda, condição fundamental à evolução sócio económica da classe baixa, caracteriza igualmente a relação do sujeito com os seus amigos e familiares *“os pobres têm poucos meios para conseguirem ter alguma coisa na vida e se ninguém os ajudar nunca vão conseguir ter; tenho ajuda das pessoas quando preciso dos meus amigos e família”*.

De realçar que a necessidade de amigos sentida por F2 vai ter como suporte os cadetes no papel de amigos.

Também a instituição religiosa vai ser objecto de uma atitude crítica, opondo uma visão aberta *“não ver aquilo como algo que tem que se fazer, os ensinamentos que recebemos dão-nos pistas para resolvermos os problemas de forma diferente”* ao fanatismo com que abordam as questões *“vivem para a igreja, às vezes não pensam no que estão a dizer, são chatos, impigem coisas, são fanáticos”*.

Esta visão inibe a liberdade individual e impede a capacidade crítica *“cada um é livre, não obrigo ninguém a fazer aquilo que eu quero, as crianças e adultos podiam ver a religião como eu vejo, acreditarem de maneira sã, raciocinar e pensar”*.

Globalmente podemos considerar como pertenças mais salientes, a pertença sexual e profissional: o sujeito identificando-se com a mulher moderna que trabalha (em oposição às mulheres sem vida própria) e com os cadetes rebeldes (em oposição aos cadetes que só estudam e não convivem).

F2 reclama “um equilíbrio” entre vida pessoal e profissional, mediatizado por um papel diferente da mulher na sociedade e dos cadetes na Academia.

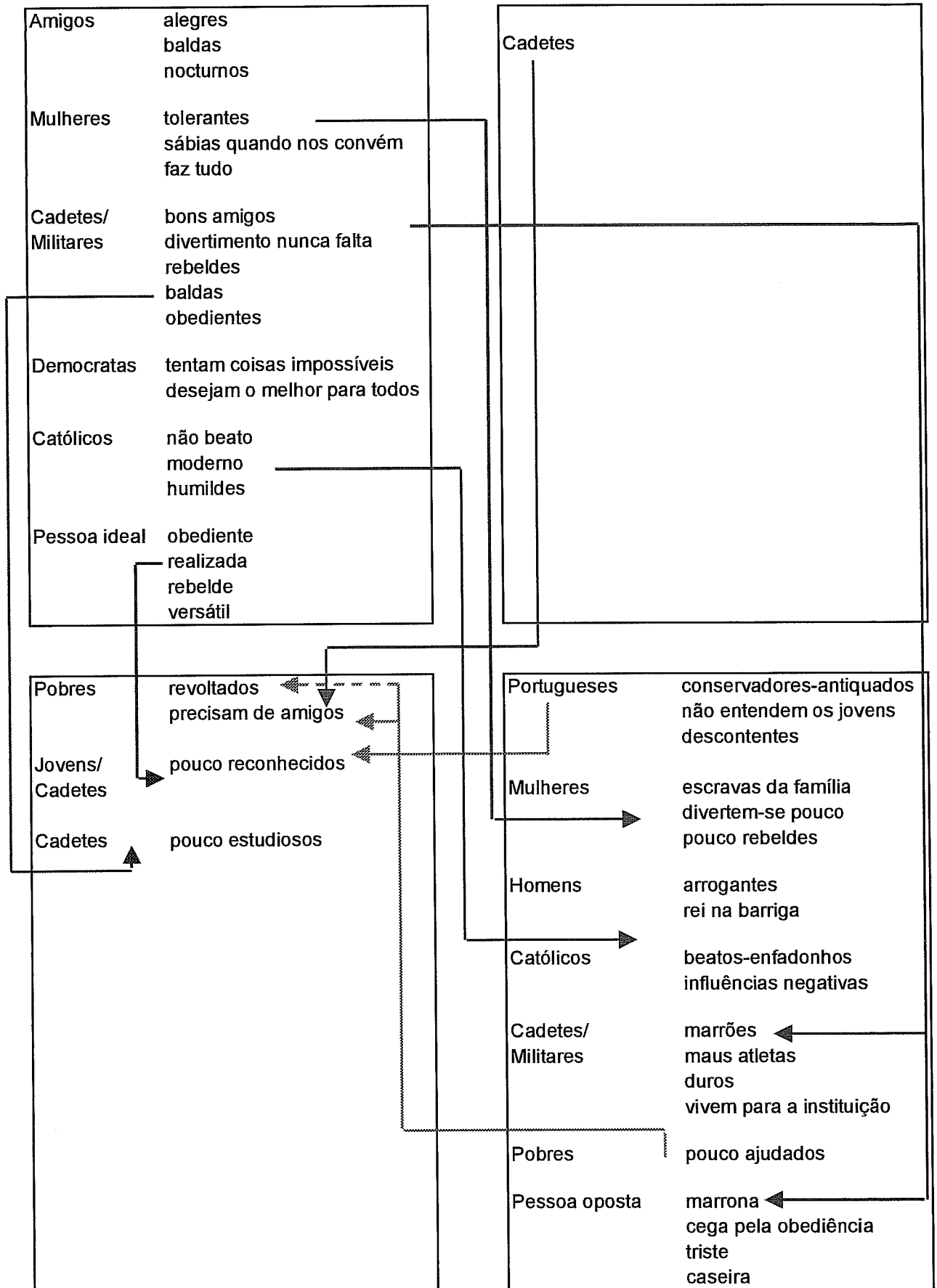
O projecto existencial projecta-se na esfera social através da idealização de diferentes formas de estar no seio dos grupos de pertença, a qual é extensiva ao grupo religião (os beatos

“versus” o sujeito descomprometido), estado civil (viver para o casamento “versus” ser livre), classe social (pessoas que gostam de se exibir “versus” pessoas simples).

Classe social e ideologia política aproximam-se activando os mesmos referentes (o povo, pessoas simples) constituindo o vivido político um projecto central na identidade social do sujeito - só a luta pela igualdade de oportunidades poderá gerar mudanças sociais significativas.

Como principal obstáculo à concretização deste projecto, encontramos a ausência de reconhecimento sentida na esfera profissional, a revolta pelas dificuldades de acesso à igualdade de oportunidades e impossibilidade de aceder à ajuda dos outros. Contudo, os cadetes amigos vão surgir como fonte de gratificação susceptível de melhorar o enquadramento sócio profissional do sujeito.

Como fontes de ameaça surge a sociedade portuguesa conservadora, as mulheres escravas da família, os homens arrogantes, os militares sem vida própria, obcecados pela instituição e os pobres pouco ajudados.



Protocolo 10

Protocolo F3 - Rapariga, 19 anos, 2º ano da Academia Militar, Solteira, Católica, Democrata

Nós as mulheres somos:

- introvertidas (2,0)
- menos experientes (2-)
- imprevisíveis (1-)
- sinceras (1+E)
- tontas (3-)

Elas as mulheres são :

- mais experientes (X+)
- mais previsíveis (X+)
- extrovertidas (X,0)
- falsas (X-)
- cínicas (X-)

Eles os homens são:

- egoístas (3-)
- amigos (quando gostam) (1+E)
- sinceros (alguns) (1+E)
- amorosos (1+)
- preocupados (2+)

Nós os cadetes somos:

- amigos (1+E)
- camaradas (1+)
- ajudamo-nos (1+)
- sinceros (1+E)
- damos força uns aos outros (1+)

Eles os cadetes são:

- falsos (X-)
- egoístas (3-)
- mal educados (X-)
- maus (X-)
- cínicos (X-)

1- aplica-se completamente a mim

2- aplica-se a mim

3- aplica-se um pouco a mim

x- não se aplica a mim

0- faz parte da minha personalidade

E- é uma característica minha essencial

+, -, ∅, positivo, negativo, neutro

Recodificação dos Grupos

F3 diferencia entre “nós” e “elas as mulheres”.

“Nós as mulheres” expressa o vivido do sujeito, a educação recebida e as experiências que mais a marcaram (a relação com o ex-namorado e a entrada na Academia).

“Elas as mulheres” expressa o confronto entre um modelo idealizado, que associa a si maior capacidade de expressão, mais experiência e a imagem das prostitutas e das praças cujo comportamento em nada dignifica a mulher.

A imagem recodificada a partir do estímulo Nós remete para zonas de stress e conflito: as mulheres introvertidas e passivas no relacionamento com o sexo oposto, as mulheres imprevisíveis denotando dificuldade em expressar os seus sentimentos.

Protegidas pelos pais, têm mais dificuldade em lidar com situações de imprevisto, em destrinçar a verdade da mentira e assim são mais facilmente enganadas *“de tanto sermos sinceras e acreditarmos nos outros enganamo-nos, com o meu ex-namorado fui cega”*. Contrariamente, os homens começam a sair mais cedo e a adquirir experiência de vida.

A entrada na Academia e a necessidade de *“se desenrascar sozinha”*, vai marcar para F3 uma nova fase na sua vida *“só comecei a ganhar experiência sólida quando vim para a Academia, trazia a experiência dos escuteiros mas se algo corresse mal tinha ali a minha mãe, aqui tenho que me desenrascar sozinha”*. Esta nova fase vai também corresponder a um aumento de auto-confiança e de auto-estima, susceptível de atenuar falhas sentidas *“parece contraditório, uma pessoa aprende a conhecer mais as pessoas, aprende a ter menos confiança mas também aprende a ser mais confiante consigo mesma, a criar auto-estima”*.

A imagem recodificada a partir do estímulo “elas” activa a imagem das mulheres mais conhecedoras da vida, mais aptas a lidar com os outros e a traduzirem o que sentem - atributos que se admiram e idealizam no outro, ao mesmo tempo que despoletam a imagem das prostitutas e praças expressando uma ameaça para o sujeito *“as praças vão para a tropa porque não têm estudos e chegam lá e passam por todos, deviam ter mais cuidado, dão má imagem de nós”*.

F3 considera que muitas mulheres são falsas e cínicas para atingirem os seus objectivos e apesar destes atributos constituírem contra valores, o sujeito vai exemplificá-los através de um episódio bibliográfico remetendo para a sua infância *“eu dizia papá leva-me ao jardim zoológico, ele dizia que não e eu virava-me para ele muito carinhosa”*.

A vantagem de ser mulher, F3 encontra-a na possibilidade de fazer coisas novas (as mulheres vêm para a tropa à procura de uma experiência nova, eles vêm por obrigação) mas encontra-a também na possibilidade de ter filhos.

A imagem dos homens surge particularmente marcada pelo ex-namorado: alguém que só pensou em si e a quem não agradou que F3 tivesse ingressado na Academia *“concorreu na mesma altura que eu e não entrou, talvez se sentisse um bocado inferior”*.

A sociedade machista dificulta a inserção das mulheres em determinadas tarefas bem como o acesso à tomada de decisão.

Estas dificuldades reproduzem-se com especial incidência em contexto militar onde os homens reclamam um espaço que dizem ser seu, razão pela qual agridem as mulheres indiscriminadamente *“vêm-nos como pessoas que viemos ocupar um espaço que é só deles e que devia ser só deles, criticam-nos por tudo e por nada e estão sempre à espera que a gente faça uma asneira para poderem pegar e divulgar”*.

A recodificação dos cadetes vai opor dois grupos antagônicos: “nós os cadetes” que nos ajudamos e “eles os cadetes” que nos agridem.

Os cadetes da sua região vão constituir suporte privilegiado à sua integração na Academia “*ajudam-nos imenso, a gente pode falar com eles se tem um problema, sabe que não contam nada a ninguém*”, constituindo alguém em quem se pode confiar.

Apesar das mulheres cadetes se ajudarem entre si, existem rivalidades no seio deste grupo que poderão impor limites na cooperação prestada.

As rivalidades a que F3 se refere, relacionam-se com o controle que umas exercem sobre as outras, na tentativa de preservar a imagem de cada uma “*se uma faz todas fazem, para elas uma é o exemplo*”: usar mini-saia (em meio civil), deixar que os rapazes desenvolvam conversas menos adequadas na sua presença, dizer asneiras, são comportamentos que nenhuma cadete deve ter e se o fizer é imediatamente recriminada pelas outras.

A crítica ao comportamento das camaradas é expressa ao longo do protocolo, evidenciando dificuldades de coesão no seio deste grupo “*houve uma altura em que eles falavam connosco como se fossemos um rapaz, agora não tanto porque tivemos que pôr um certo travão, já que as raparigas do ano anterior não o souberam pôr*”.

A agressão dirigida às mulheres é despoletada pelos cadetes que se mostram incapazes de compreender o sofrimento das mulheres “*falam mal de nós por trás e chegam a ser ordinários através das bocas que nos mandam*”.

Estes cadetes gozam com o esforço por elas dispendido, nomeadamente em actividades físicas “*estamos a tentar dar o nosso melhor e eles não vêm isso como o nosso melhor mas como o pior deles*”.

E F3 exemplifica através de um episódio relacionado com a ginástica de marcar “o instrutor tinha posto as raparigas à frente, éramos nós que impúnhamos a velocidade mas estávamos a ir depressa, no final os rapazes vieram ter connosco, estávamos estoiradas não aguentávamos mais e eles a dizer que andaram ali a passear com a arma, sei que estavam a gabar-se de uma coisa que não era verdade, andar 1 hora com a arma já cansa, disseram aquilo para se superiorizarem a nós”.

A agressão dos rapazes é também despoletada pelo facto de não concordarem com tabelas de avaliação diferenciadas para as raparigas, aspecto que F3 contesta a partir da constatação de uma menor resistência física caracterizando o seu grupo de pertença sexual “põem as tabelas mais baixas para nós, não fazemos barras, fazemos menos flexões e abdominais, se as tabelas fossem iguais eu saia da Academia, não conseguia”.

A atitude masculina, avaliada de injusta, faz recair sobre as mulheres um conjunto de críticas, que na perspectiva do sujeito deveriam ser colocadas à própria instituição “eles têm que pensar que nós não temos tanta capacidade como eles e se uma de nós consegue tirar melhor nota começam logo a dizer que temos melhores tabelas que eles, mas não criticam os instrutores nem a instituição, criticam-nos a nós que não temos culpa”.

A incapacidade dos homens aceitarem a diferença entre géneros vai traduzir-se em mal estar sentido no quotidiano da Academia: F3 refere a dificuldade sentida em adaptar-se à postura sisuda que lhe é exigida - atitudes espontâneas suas são entendidas como provocações ou abusos relativamente aos camaradas e superiores “passo aqui pelas pessoas e também me rio, só que eles acham que esse rir é um abuso”.

Mas o riso poderá significar também uma forma de expressar o medo sentido “tenho horror a alturas e tínhamos que fazer um rapel, quando cheguei lá em cima começo a olhar

cá para baixo branca e começo a rir, o capitão que detesta que se riam pede que lhe diga de que me estou a rir, mais nervosa fiquei, deviam pensar que eu estava a gozar com aquilo” e mais uma vez o sujeito sente-se alvo da incompreensão, neste caso do instrutor.

A necessidade de adaptar o seu comportamento à nova realidade surge como forma de se defender de um meio que lhe é hostil *“desde que vim para a Academia aprendi a confiar menos, temos que ter cuidado para não sermos criticadas; eu gostava de usar mini-saia e este ano não usei”*.

O comportamento das mulheres, direccionado às expectativas que sente serem as do maioritário, não deverá comportar símbolos susceptíveis de evocar a sua identidade sexual, não obstante, em determinados contextos, F3 se ter sentido reconhecida na sua feminilidade, mesmo que por breves instantes *“nós temos jantares de curso e nesse jantar foi-nos dito que as raparigas deviam levar saias, quer dizer nessa altura já gostaram de nos ver de saia e já gostaram de falar connosco, fomos tratadas de maneira diferente, eles estavam à civil era como se estivéssemos ali num grupo de amigos, estávamos todos a falar abertamente, até entrámos mais tarde, fomos para a discoteca”*.

A aparente paradoxalidade caracterizando o comportamento dos cadetes, tem subjacente um contexto que não está adaptado às raparigas.

Compete pois ao seu grupo de pertença sexual uma cuidadosa gestão dos sinais emitidos de molde a evitar o conflito com os cadetes *“tento não pedir pernoita aos oficiais porque eles não estão adaptados às raparigas e têm mais tendência em dizer não aos rapazes do que a nós”*.

O quotidiano das mulheres cadetes vai caracterizar-se pela necessidade de constantemente renegociarem um espaço que sentem não ser o seu, e o esforço exigido por este

processo pode dificultar a partilha do espírito de corpo e camaradagem, valores privilegiados na cultura militar *“não conheço os ideais das pessoas da Academia, em dois anos não temos aquelas conversas que nos levem a chegar a esses termos e quando chegamos, há sempre os que se exaltam mais, quando as opiniões são divergentes e cortamos essas conversas”*.

Ao diminuir a confiança no outro e ao esconder-se do olhar do outro como forma de diminuir a visibilidade social de que se sente objecto, o sujeito está também a recusar o desenvolvimento da coesão grupal *“aqui a amizade não é tão sincera e não damos tanta confiança uns aos outros a nível de nos deixarmos conhecer, escondemo-nos mais para as outras pessoas não nos conhecerem, é uma forma de defesa das coisas que dizem de mim”*.

Ao concorrer à Academia, F3 desconhecia as dificuldades que iria encontrar.

A hipótese da Academia surge a partir do momento em que na sua escola alguém foi distribuir folhetos de divulgação aos rapazes *“entrei porque estavam a distribuir papéis da Academia, eu nem sabia que havia Academia”*.

Foi a sua curiosidade que a impeliu a ver do que se tratava e assim surgiu a oportunidade de concorrer juntamente com os seus amigos *“distribuíram na escola papéis só para os rapazes mas eu como sou curiosa fui ver e combinámos um grupo concorrer”*.

O aparente descomprometimento que a leva a ingressar nas Forças Armadas e as dificuldades de inserção encontradas não invalidam que considere importante pertencer ao grupo dos cadetes.

E, se a dicotomia entre masculino e feminino é uma realidade que a poderá fazer sentir angústia e insegurança, em determinados momentos esta dicotomia dá lugar a sentimentos de partilha, surgindo a coesão grupal (camaradagem) enquanto valor hegemónico *“tivemos uma semana de campo e foi puxado, fiz parilha com rapazes de infantaria de quem não gostava*

muito e aquela pessoa que eu menos esperava que me pudesse ajudar foi aquela que me deu mais força para conseguir, eles quando querem até gostam de nós mas não querem que estejamos aqui a ocupar uma posição que é deles, a pessoa ali não pode tomar banho mas é agradável estar com eles, eles ajudarem-nos e sentirmos mesmo que estamos a precisar de ajuda, ajudamo-nos mutuamente, quase sentimos as mesmas coisas, independentemente de sermos rapazes ou rapariga”.

Ser cadete significa a possibilidade de intervir e proceder a mudanças na instituição militar *“é diferente pertencer a este grupo do que ao de praças, não significa que os ideais não sejam os mesmos mas é outra maneira de pertencer à instituição, outra maneira de querer mudar as coisas, o praça se não concordar vai ter que se sujeitar”.*

A identidade militar estrutura-se em torno da oposição estabelecida com os praças submissos ao sistema e em torno do desejo de retribuir a ajuda que actualmente lhe é prestada por parte de alguns camaradas *“ser oficial significa a possibilidade de ajudar os que entram como soldados e que querem seguir os mesmos ideais”.*

As mudanças que o sujeito desejaria introduzir no desempenho do seu papel enquanto oficial relacionam-se com a humanização do espaço de trabalho e com a utilização de novos métodos de aprendizagem *“penso que devemos estar sempre preparados para nos defendermos e é nisso que eu entro - preparar os outros da melhor forma para qualquer ameaça, prepará-los não naquele instinto de guerra mas de maneira suave, dizer as coisas mas não naquela brutidão”.*

Globalmente podemos referir que os modelos de identificação deste sujeito se centram na família e amigos, enquadrados pela região. Este grupo vai ter importância central na

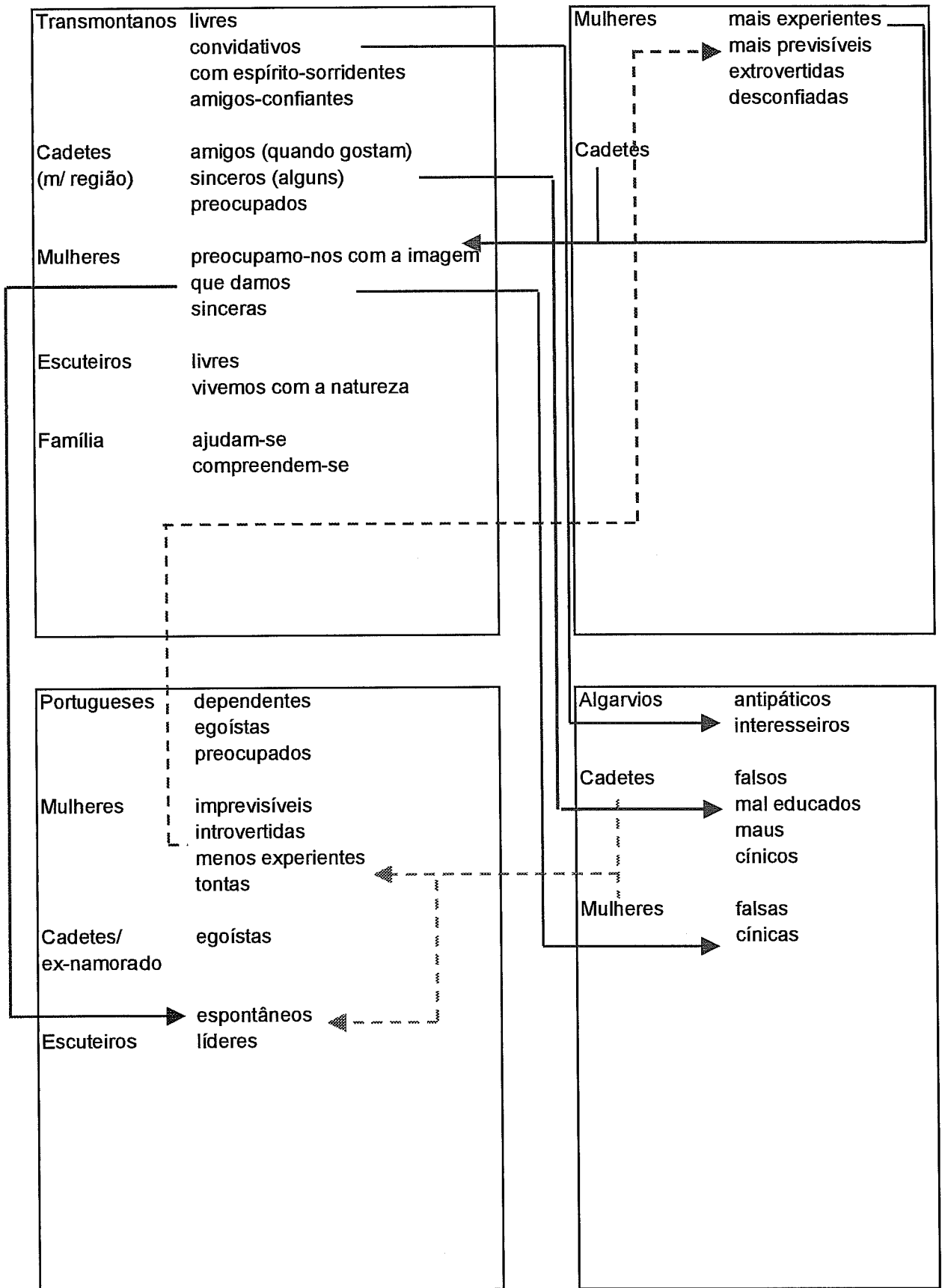
adaptação do sujeito ao meio militar: os cadetes “da minha região” são activados como suporte, evocando uma relação prévia à Academia “*já os conhecia antes de vir para aqui*”, contrapondo-se aos “*cadetes que contam tudo de nós*” ameaçando a presença de F3 em meio militar.

Os transmontanos vão opor-se aos algarvios através de uma imagem de alegria e bom relacionamento que o sujeito diz partilhar, não obstante a repressão da espontaneidade exercida pelo contexto militar.

As mulheres preocupadas em gerir determinada imagem vão opor-se às mulheres cujo comportamento possa pôr em causa esta imagem.

Contudo, a necessidade constante de reprimir sentimentos e responder a expectativas de terceiros despoleta sentimentos de desejabilidade dirigidos à imagem das mulheres mais experientes e mais extrovertidas.

A recodificação da classe social “filhos de pessoas não conhecidas”, remete o sujeito para uma situação de inferioridade/opressão relativamente à classe social oposta, conotada com os privilégios obtidos pelos filhos de professores e políticos.



Protocolo 11

Protocolo F4 - Rapariga, 23 anos, 2º ano da Academia Militar, Solteira, Católica, Não definida politicamente

Nós as mulheres somos:

- curiosas (2,0)
- simpáticas (2+)
- preocupadas (2,0)
- boas amigas (2+)
- bastantes confiáveis (2+E)

Elas as mulheres são :

- curiosas (2,0)
- gostam de bisbilhotar (X,0)
- preocupadas consigo mesmas (X+)
- sempre com falta de tempo (X,0)
- mas são alegres e simpáticas (2+)

Eles os homens são:

- simpáticos (2+)
- amigos (2+)
- verdadeiros (3+E)
- confiáveis (2+E)
- por vezes com falta de tempo (3,0)

Nós os cadetes alunos somos :

- alegres (2+)
- preocupados (3+)
- descontraindo (X,0)
- com muitas responsabilidades (2+)
- confiantes em nós próprios (2+)

Eles os cadetes alunos são:

- simpáticos (2+)
- baldas (3-)
- pessoas confiáveis (2+E)
- alegres (2+)
- ajudam sempre (2+)

1- aplica-se completamente a mim

2- aplica-se a mim

3- aplica-se um pouco a mim

x- não se aplica a mim

0- faz parte da minha personalidade

E- é uma característica minha essencial

+, -, ∅, positivo, negativo, neutro

Nós na família somos :

- amigos (2+)
- ajudamos sempre (2+)
- preocupamo-nos com o que acontece ao outro (2+)
- confiamos nos outros (2+)
- gostamos de estar juntos (2+)

Eles na família são:

- simpáticos (2+)
- não têm tempo para a família (X-)
- preocupam-se muito com o emprego (X,0)
- existe falta de diálogo (X-)
- perdem tempo com coisas insignificantes (X-)

Recodificação dos Grupos

A recodificação das mulheres opõe “nós as mulheres” com capacidade para aproveitar o tempo de forma útil, a “elas as mulheres” que gastam tempo desnecessariamente - a bisbilhotar a vida dos outros, a ir ao cabeleireiro *“fazem perguntas muito chatas e têm conversas desinteressantes, aquelas conversas de mulher para mulher”*.

Mas a imagem deste grupo contém mais convergências que divergências: surge a imagem das mulheres bem dispostas, sempre a rir, a contrastar com a postura sisuda dos militares e das mulheres preocupadas com o seu sucesso profissional, com a sua capacidade económica, com o bem estar dos filhos.

A consciência de uma relação assimétrica com o sexo oposto surge através da crítica aos dogmas religiosos, nomeadamente a omissão do papel da mulher no contexto da história bíblica *“há muitas coisas que ponho em causa na religião: Jesus teve 12 apóstolos porque é que só teve homens e não teve mulheres? porque é que só o seguiram homens?... Adão e Eva*

acho que tiveram dois filhos, foi Caim e Abel e depois Caim matou Abel, mas como é que só de uma pessoa na terra apareceram tantas? pelo menos uma mulher tem que faltar aí, não?"

A imagem masculina surge directamente associada à recodificação dos cadetes - representados enquanto amigos eles estabelecem com o sujeito uma relação de ajuda privilegiada *"elas é diferente, como a maior parte das vezes também têm problemas não ajudam da mesma forma que eles, eles não são tão frágeis"*.

Contrariamente, as cadetes evidenciam resistências em prestar ajuda, nomeadamente nos testes escritos *"vamos fazer um teste e há pessoas a quem a gente pergunta coisas e não dizem porque têm medo que a outra pessoa tenha melhor nota, já me aconteceu com camaradas mulheres, talvez porque a minha turma tem mais raparigas que rapazes"*.

Percepcionados enquanto modelo de actuação, os cadetes podem constituir um incentivo *"se correr com eles, eles dizem 'vá lá mais uma voltinha' e isso ajuda muito"*, ao mesmo tempo que podem constituir um mau exemplo para os alunos mais novos - os alunos do 4º ano baldas, activando uma falha do sujeito (pouca dedicação aos estudos).

A imagem positiva dos homens coexiste com uma atitude de desconfiança face ao comportamento de alguns cadetes, susceptível de inibir atitudes mais espontâneas por parte de F4 *"aqui na Academia é um pouco diferente, a gente conta uma coisa e eles dizem logo, a maior parte das vezes não se tem uma percepção de quem é ou não confiável"*.

No interior desta representação, aparentemente dicotómica, permanece de forma clara a imagem de força masculina opondo-se à fragilidade feminina - a ajuda que os cadetes prestam no campo vai sobrepor-se a eventuais agressões dirigidas às mulheres militares *"eles dizem que não gostam das mulheres na tropa mas não quer dizer que não gostem de nós, vemos isso nas instruções e no campo que é quando precisamos mais uns dos outros, tenho muitas*

dificuldades em fazer coisas e eles ajudam imenso, interessam-se por nós e quando uma pessoa se aleija ficam preocupados”.

F4 estabelece uma dissociação entre a imagem das mulheres cadetes e a imagem da mulher militar: contrariamente à imagem difundida acerca da mulher militar “*ouve-se dizer que foram para a tropa porque não tinham outra opção, porque havia muitos homens*”, as mulheres cadetes caracterizam-se por uma postura de responsabilidade susceptível de alterar a mentalidade dos cadetes “*no início do ano tinha muitos camaradas que não gostavam de mim e agora damo-nos muitíssimo bem, há medida que nos vão conhecendo apercebem-se de que somos responsáveis*”.

A consciência de “Tokenism” a que as mulheres estão remetidas e a extrema visibilidade social daqui decorrente, aumenta a responsabilidade sentida “*somos poucas, temos que ser responsáveis em tudo o que a gente faz, não temos culpa de sermos tão poucas aqui na instituição e toda a gente estar a ver o que a gente faz*”.

F4 afirma que a sua opção pelas Forças Armadas não teve por base uma ideia clara acerca das dificuldades que iria encontrar: apesar da mãe trabalhar no meio militar e aí se encontrarem diariamente no final das aulas, deste período apenas guarda a recordação dos militares a fazerem exercícios e do gosto que esta imagem lhe proporcionava.

Teve conhecimento do concurso através de um tio militar, e a leitura de uma revista sobre a Academia e as Forças Armadas transmitiu-lhe expectativas que não veio a concretizar “*soube do concurso através de um tio mas não fazia a mínima ideia do que isto era, tinha uma imagem mais facilitada do que aquilo que é, por ex. como uma revista que eles fizeram aqui de divulgação que quem lesse aquilo dizia que a Academia e as Forças Armadas era muito bonito mas no fundo não é o que se passa aqui*”.

A família reagiu não levando muito a sério a sua decisão de concorrer, numa primeira fase os irmãos “riram à gargalhada” e não acreditaram que pudesse entrar na Academia, numa segunda fase gozaram com a situação, atitude esta que ainda hoje persiste “*diziam à minha mãe que teve 3 filhos e nenhum veio para a tropa e veio a filha; ainda agora gozam e dizem ‘olha lá vem a recruta’*”.

Apesar dos condicionalismos sentidos, ser cadete significa uma realização “*é como uma realização porque é o sitio onde estou e onde gosto de estar, cada vez gosto mais apesar de montes de vezes não gostar*” e corresponde a uma opção do sujeito “*uma pessoa que estivesse aqui e fosse obrigada de certeza que já se tinha ido embora*”.

A sua função enquanto oficial idealiza-a tentando aplicar da melhor forma possível os ensinamentos que está a receber, tentando não repetir as injustiças com que se deparou ao longo do processo formativo “*vou tentar não fazer coisas injustas, ex. as notas do corpo de alunos são muito subjectivas, os oficiais não vêem os pontos positivos: se ajuda os outros, se é bom camarada, ou se estuda muito; só vêem os pontos negativos, eu vou tentar ser diferente, não vou fazer aos outros o que não gostei que me fizessem a mim*”.

Ao aplicar a si mesma os atributos que activou para representar os homens cadetes, F4 exprime uma realidade diferenciada deixando surgir zonas de stress e conflito particularmente evidenciadas.

Ao longo das várias pertenças surgem um conjunto de preocupações centradas na experiência da Academia “*eu tenho montes de coisas com que me preocupar, fogo! os testes que correm mal, a instrução militar que corre mal, a pessoa vai para o campo e tudo corre mal*”.

Sentimentos de insegurança e tristeza percorrem todo o protocolo:

- seja na dependência sentida face a figuras masculinas (amigos, cadetes, irmãos) *“tento resolver os problemas da melhor maneira possível, pedindo ajuda aos outros, senão fico preocupada e quando dou conta estou cheia de problemas”*;

- seja na resistência em partilhar a sua intimidade, na recusa em comunicar sentimentos e emoções;

- seja na necessidade de acreditar que é capaz e na incapacidade simultânea de o *fazer* *“temos que acreditar que somos capazes eu sei que se tivesse mesmo confiança em mim era capaz de não estar assim tão triste, nem me apetece estudar, mas se estiver triste e tiver confiança uma pessoa já estuda”*;

Como forma de reduzir o mal estar sentido surge a imagem gratificante dos cadetes despreocupados, susceptível de diminuir a insegurança do sujeito *“há muitos deles com notas baixas e andam aí na boa, tenho um na minha turma que coitado está quase como eu mas sai e isso até me ajuda, juntamo-nos os dois”*.

Manter uma postura alegre *“eles dizem que a gente anda sempre a rir, se a gente não se rir isto fica mesmo uma chatice”* e confiante *“acreditar que se vai passar por muito mal que se esteja”*, constituem mecanismos utilizados pelo sujeito no sentido de enfrentar o medo do insucesso.

A ajuda recebida, factor de sucesso na Academia, é um valor central para o sujeito remetendo para a coesão sentida no seio da sua família *“eu gosto imenso da família, faz parte de nós, nunca me hei-de afastar, se falharem os amigos sabemos que temos a família ... eu e os meus irmãos quando estamos de férias temos necessidade de estar juntos e falar o que nos aconteceu, com os pais também”*.

Partindo do conceito de família alargada F4 reforça a compreensão e interajuda existentes entre as famílias da sua região *“preservam muito o facto das pessoas estarem unidas, quando há uma discussão, mesmo entre famílias de vizinhos, eles tentam ajudar, às vezes não é muito favorável mas é uma boa vontade deles, na minha família preocupamo-nos e ajudamos quando acontece alguma coisa a alguém”*.

Alter família, associada ao estilo de vida citadino, caracteriza-se pelo afastamento e ausência de diálogo *“vão para o emprego, vêm do emprego e vão buscar os miúdos ao infantário, andam tão preocupados com essas coisas que não têm tempo para estar juntos; são capazes de chegar a casa, ir ver TV e não falarem com a família, estarem muito cansados”*.

Os modelos de identificação presentes neste protocolo surgem associados à região, sendo nítida a importância do conceito de família alargada e das relações de vizinhança, na interacção estabelecida entre os elementos do microcosmo social do sujeito.

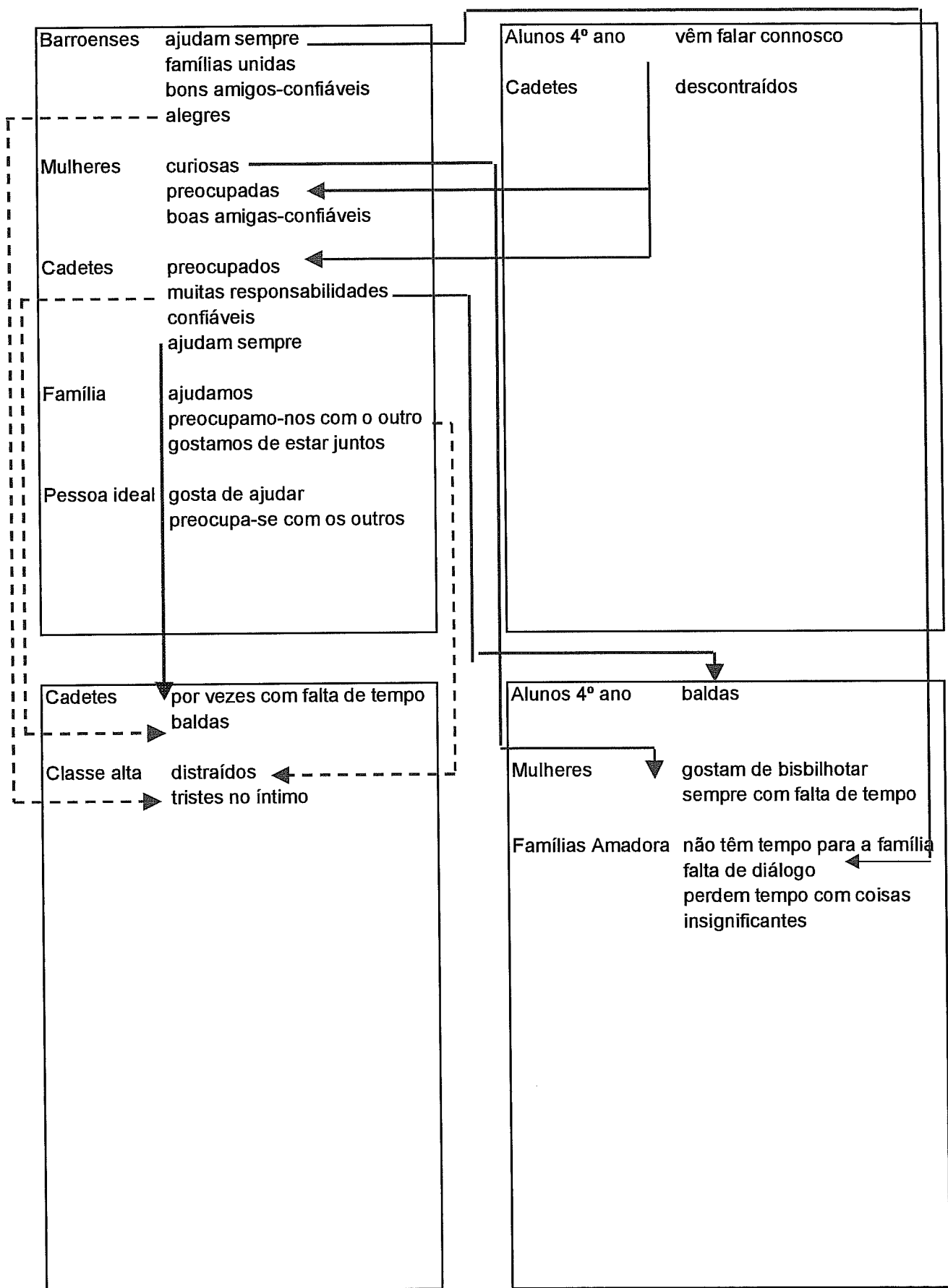
Os diferentes grupos de identidade são recodificados a partir de valores similares: amizade, interajuda, sociabilidade, confiança; surgindo enquanto referentes de identificação a família, os amigos/as, os vizinhos/as.

O grupo cadetes suscita referentes posicionados em diferentes campos da identidade/alteridade.

No campo da identidade deveremos considerar uma dicotomia em função do género: *“cadetes alunos com quem convivo na minha turma e na minha companhia”*, partilhando os valores acima expressos e *“elas aqui na Academia”*, evidenciando dificuldades na interajuda prestada

No campo da alteridade, surgem os “alunos do 4º ano que vêm sempre falar conosco” expressando uma atitude de colaboração e os “alunos do 4º ano baldas”, constituindo um mau exemplo para os mais novos.

As principais oposições encontradas na estruturação da identidade social deste sujeito prendem-se com as pertenças sexual, militar, familiar/região: saber aproveitar o tempo, ser responsável, gostar de ajudar, ser confiável, saber ouvir, opõem-se à incapacidade de aproveitar o tempo, à ausência de disponibilidade para o outro.



Protocolo 12

Protocolo F5 - Rapariga, 23 anos, 3º ano da Academia Militar, Solteira, Católica, de Direita

Nós as mulheres somos:

- orgulhosas (1+)
- discretas (1+)
- justas (1+E)
- defendemos o que é nosso (2+E)
- fiéis (2,0,E)

Elas as mulheres são :

- indiscretas (X-)
- descaradas (X-)
- mais fiéis que os homens (2,0)
- agarradas à família (1+)
- com pouca liberdade de expressão (3-E)

Eles os homens são:

- ambiciosos (2+)
- inconstantes (X-)
- educados (1+E)
- têm pouco respeito pelas mulheres (X-)
- não aceitam a ideia de lhes tirarmos o lugar (X,0)

— Nós os militares somos :

- correctos (1+)
- bem educados (1+E)
- discretos (1+)
- simples (1+)
- pacientes (2+E)

Eles os militares são:

- incorrectos (X-)
- mal educados (X-)
- têm duas imagens (X-)
- corajosos (3+)
- sabem ouvir (1+E)

1- aplica-se completamente a mim

2- aplica-se a mim

3- aplica-se um pouco a mim

x- não se aplica a mim

0- faz parte da minha personalidade

E- é uma característica minha essencial

+, -, ø, positivo, negativo, neutro

Nós na família somos :

- unidos (1+)
- reservados (1+)
- preocupados com o futuro (1+)
- responsáveis (1+)
- realistas (1+)

Eles na família são:

- unidos (1+)
- realistas (1+)
- preocupados com o futuro (1+)
- liberais (1+)
- responsáveis (1+)

Recodificação dos Grupos

A segunda fase da introspecção focalizada indica que F5 diferencia entre “nós” e “elas as mulheres”.

“Nós as mulheres” refere-se às mulheres do seu meio, nomeadamente o seu grupo de pertença na Academia.

“Elas as mulheres” refere-se a dois subgrupos: um primeiro que inclui as suas camaradas femininas da Academia que têm um comportamento que ela rejeita e condena e um segundo subgrupo que inclui “*as mulheres de quem ouve falar, as vizinhas, as amigas das amigas*”.

A consciência de uma relação assimétrica entre géneros, surge a partir da dificuldade de acesso ao mercado de trabalho sentido pelas mulheres no contexto da sociedade portuguesa “*Portugal é um país menos desenvolvido relativamente a alguns países e a mulher ainda não desempenha um papel muito importante, continuam a pensar que só os homens é que têm certas profissões*” não obstante algumas alterações se começarem a fazer sentir “*cada vez mais vão compreendendo que somos capazes de fazer a mesma coisa que eles, às vezes ainda melhor, somos mais perfeccionistas*”.

As dificuldades expressas vão ser transpostas para a AM, surgindo a necessidade de defesa da sua identidade sexual num meio hostil e reticente à integração das mulheres *“para mim é importante ser mulher e defender o facto de ser mulher, de poder fazer exactamente a mesma coisa que eles, mostrar-lhes que somos capazes ... é bom ser diferente, ter uma forma de pensar diferente dos homens, ser mais sensível, dar mais valor a certos valores (quais?) ser orgulhosa, discreta, justa, defender o que é nosso, é a própria instituição que nos obriga a ser assim”*.

F5 gosta de ser mulher, justificando-o através de um comportamento diferenciado relativamente ao sexo oposto - mais fiéis, mais sensíveis, mais perfeccionistas.

O orgulho sentido, é transposto para a AM através da necessidade de mostrar uma imagem de força mesmo nos momentos mais difíceis *“posso estar muito mal que não o demonstro, perante os rapazes na Academia posso estar mal e mostro que estou bem ... algumas não reagem ao facto de serem rebaixadas”*.

A discrição, que ela atribui a si mesma e que faz parte da sua personalidade, é uma noção que percorre todo o protocolo e que remete para a gestão dos sinais emitidos *“gosto de passar despercebida e conseguir os meus objectivos ... neste meio as mulheres não devem ser indiscretas, somos observadas e podemos ser apontadas facilmente... quando alguma faz alguma coisa de mal pagamos todas pelo mesmo ... devemos andar todas ao mesmo nível”*.

Este extracto sublinha uma realidade muito presente no grupo das mulheres cadetes: o controlo que umas exercem sobre o comportamento das outras, no sentido de homogeneizar as respostas dadas e diminuir a visibilidade social a que se sentem expostas.

É importante que as mulheres saibam ser justas, recusando todas as situações que possam resultar em privilégios para o seu grupo de pertença sexual *“quando elas foram para o*

campo, tiveram oportunidade de ir tomar banho (estamos lá 3 dias sem tomar banho), duas não quiseram ir, se fosse eu também não ia porque depois eles criticam e às vezes têm alguma razão”.

F5 considera importante *“chegar ao fim e mostrar-lhes que sou capaz de fazer o mesmo que eles e que não desisto porque me dói um pé”*. Neste sentido, é sua preocupação desempenhar funções similares aos rapazes *“alguns até concordam que eu faça funções mais simples porque sou rapariga mas eu estou sempre a dizer não, eu quero andar e quando não aguentar então não me importo de ... têm que nos pôr à prova, acho que nos protegem demais em determinadas situações”*.

A necessidade de evitar a todo o custo a crítica dos rapazes, deverá acompanhar a atitude das mulheres cadetes - mesmo ao nível mais informal, a diferenciação face aos camaradas masculinos não deverá existir *“quando um comandante da companhia fez anos, as raparigas juntaram-se e ofereceram um presente e julgo que não disseram nada aos rapazes, é nisso que elas gostam de se distinguir, se calhar não fizeram por mal, só que os rapazes notam essas coisas e dizem que são diferentes, que são mais ajudadas”*.

Almoçar em mesas separadas é exemplo de uma situação onde predomina a necessidade de não ser visível correlativamente ao desejo de integração *“não há duas mulheres juntas numa mesa, é bom por causa de conviver e conhecer melhor as outras pessoas e para não formar grupos”* - contrapondo-se a este discurso surge a imagem dos PALOP cujo vivido parece decorrer à margem da própria instituição *“eu falo por causa dos PALOP que têm tendência em ficar só eles juntos mesmo ao almoço, não é bom para eles, querem isolar-se do resto das pessoas, querem mostrar que são diferentes”*.

Comportamentos indiscretos não parecem ser compatíveis com a adaptação à instituição militar, e F5 exemplifica-o a partir de um episódio com uma camarada *“estou a lembrar-me de uma cadete que quando concorremos à Academia dava muito nas vistas, na forma como falava com os rapazes parecia que os conhecia há muito tempo, íamos fazer exames médicos e ela gostava de ver toda a atenção recaída sobre ela, falava muito alto para chamar a atenção, era uma pessoa muito oposta a mim, agora está lá comigo e é diferente, teve que se adaptar ao meio em que está”*.

A integração nesta instituição parece conduzir necessariamente a mudanças identitárias, mais ou menos profundas que se reflectem igualmente no vivido do sujeito *“já não somos aquilo que éramos quando entrámos cá para dentro, fomo-nos transformando, eu cá fora já não me consigo identificar com algumas raparigas da minha idade, talvez tenha crescido um pouco mais que elas”*.

Vê-se que F5 rejeita as mulheres (camaradas) que são indiscretas e descaradas - atributos que utilizou para descrever *“elas as mulheres”*.

Por indiscrição F5 entende tornar-se visível, falar alto, tratar por tu os camaradas mais antigos, falar de si indiscriminadamente, etc. - comportamentos susceptíveis de denegrir a imagem da mulher militar e que contrastam fortemente com a sua estratégia de *“low profile”* que tanto a ajudou a viver a sua condição de *“Token”* e a adquirir o respeito generalizado.

Um comportamento mais descarado por parte das suas camaradas poderá comprometer a sua imagem junto dos superiores *“quando um oficial me perguntou o que estava mal e eu disse que havia faltas de respeito, ele disse que o que mais o chocou foi ver que havia raparigas que usavam exactamente os mesmos termos que os rapazes, ele quis dar a ideia de*

que as coisas eram recíprocas e que nós não tínhamos respeito porque não criávamos as condições para isso”.

Na opinião do sujeito *“é necessário não deixar desenvolver conversas sem cabimento que é para eles não dizerem que ainda apoiamos”.*

Os homens e os militares sejam masculinos sejam femininos, são recodificados com base nos camaradas da Academia.

Amigos privilegiados, os homens vão desempenhar um papel importante na integração do sujeito ao meio militar

No entender de F5 *“eles ajudam-se mas não estão à espera de nada em troca, elas ajudam-se mas estão sempre à espera de qualquer coisa, é inveja. É mais fácil ser amiga de um homem, quando tenho um problema falo com eles, as raparigas não sabem guardar um segredo...”.*

F5 partilha com os homens o traço de ambição que considera positivo e também um traço da sua personalidade. Mas existem nuances que a técnica da introspecção focalizada ajuda a detectar. A ambição nos homens, aos olhos de F5 significa motivação para o poder, susceptível de gerar condutas competitivas *“passar uns à frente dos outros, ter as primeiras classificações”.*

Contrariamente, a ambição que F5 atribui a si mesma é remetida para um tempo futuro *“é difícil aqui dentro ser muito ambiciosa, tudo segue uma escala e um grau hierárquico, posso ser muito ambiciosa em relação ao futuro, mas assim de um momento para o outro não se podem mudar as coisas”.*

F5 vê nos homens, ou seja, nos seus camaradas da Academia, como o mais difícil obstáculo que interfere com a sua ambição, o seu sonho de se tornar oficial.

Os homens “*têm pouco respeito pelas mulheres*”, significa que não acreditam nas capacidades das mulheres, uma ideia estritamente associada, Zavalloni diria contígua, à ideia de que “*eles não aceitam a ideia de lhes tirarmos o lugar ...*”; e todavia, precisa F5, recordando as regras estabelecidas, as carreiras militares dos homens e das mulheres são independentes “*às vezes nem é bem tirarmos o lugar porque a essa conclusão já chegaram, é mais não aceitarem a ideia de fazermos a mesma coisa que eles*”.

Esta imagem dicotómica (amigos privilegiados e o mais difícil obstáculo) vai reflectir-se directamente na recodificação dos cadetes/militares.

“Nós” - aqueles mais parecidos consigo, os seus amigos, educados, que a respeitam e a compreendem; e “eles” - os mal educados, que têm duas imagens e que a desrespeitam.

O vivido do sujeito em meio militar oscila entre os atributos arrogante “*até burra me chamavam, eu dizia que sim e eles chamavam-me arrogante por causa disso*” e paciente “*temos que ter paciência para ouvir essas coisas sem dizer nada*”.

A necessidade de se impor na sua nova identidade (mulher cadete) surge dificultada pela falta de coesão sentida no seio do seu grupo de pertença sexual “*este ano tomei a iniciativa de sermos as primeiras a participar num campeonato, somos 8 mas 4 não quiseram participar, eu depois lesionei-me, acabámos por não participar, aleijaram-se todas, é isso que me deixa triste, podíamos participar na mesma se fossemos todas a defender o título de ser mulher na tropa*”.

Não obstante considerar esta pertença muito importante, F5 é evasiva quando confrontada com a especificação do seu papel enquanto oficial “*é o que quero mas agora estou nesta fase de acabar a Academia e depois pensar*”.

O desejo de vir a introduzir mudanças no exercício de funções militares *“quando der instrução vou ter sempre paciência, explicar as coisas no estilo mais simples para eles entenderem e vou ser persistente, só me imagino a ser mais rígida para não haver faltas de respeito”* surge condicionado pelo receio de não ser aceite enquanto mulher militar *“não sei como é que a vida me vai correr, não sei como é que um grupo de homens encara uma mulher a dar instrução”*.

Fortemente condicionada pela necessidade de se defender de “eles os cadetes”, a construção da sua identidade militar está marcada por sentimentos de insegurança *“tenho muitas expectativas ... não tenho modelo ... as raparigas têm mais dificuldade em se enquadrarem nestes meios pelo facto disto ser visto como uma profissão mais de homens e estarmos a invadir o espaço deles”*.

A insegurança sentida está ainda presente na significação egocêntrica do atributo corajosos, utilizado para caracterizar todos os militares *“às vezes tenho medo de algumas situações, estão sempre aqui a pôr-nos à prova”*.

Convidada a pronunciar-se sobre a importância de pertencer ao grupo dos cadetes F5 diz *“é importante porque agora identifico-me é com eles... o que nos diferencia mais é o trabalho em grupo, quando vou de férias sinto a falta da Academia, mesmo das situações difíceis, o ano passado tinha problemas em saltar a vala, caí lá dentro e senti muito apoio dos meus colegas e instrutor, cá fora as pessoas não se preocupam tanto em ajudar o outro, enquanto nós agimos como um grupo, temos que passar todos juntos...”*.

E F5 acrescenta ainda *“é bom ter grandes notas mas mais vale tentar ajudar os outros...unidos, responsáveis e amigos cria-se aqui dentro, é tão natural, uma pessoa que aqui não se dê bem com os outros não se enquadra”*.

Esta ideia da prioridade da entreatajuda é muito característica da cultura militar, sobrepondo-se em determinados momentos à dicotomia existente no interior deste grupo “...eles os mais mal educados, mas é engraçado que nos momentos difíceis todos acabamos por nos ajudar na transposição de obstáculos”.

Estas afirmações confirmam a ideia Durkeimiana, da importância dos rituais na construção da consciência colectiva e das representações que daqui decorrem.

Uma outra referência à importância do ritual, agora no plano da religião é dado por F5 através do extracto seguinte “gosto muito da Academia por causa disso, das cerimónias religiosas que há lá, há um espírito diferente, as pessoas são muito unidas, eu posso achar muitas coisas desfavoráveis mas quando há cerimónias as pessoas unem-se muito”.

Intimamente relacionada com a construção da sua identidade profissional surge a dificuldade de gerir o projecto afectivo “não é fácil encontrar uma pessoa, ou encontro um militar que compreenda o meu trabalho e me respeite, ou então tenho que encontrar uma pessoa cá fora e é difícil uma rapariga oficial casar com um civil”, tanto mais que F5 parece partilhar alguns dos estereótipos que tanto a condicionam na realização do seu projecto “um civil não ia aceitar muita coisa (por exemplo?) o marido dizer ‘olha a mãe hoje está de oficial de dia` (ri...) pode ser muito ciumento e não entender o facto de eu estar num meio onde são só homens”.

O projecto afectivo deverá ser visto em articulação com a importância que o sujeito confere à sua família: a par dos amigos militares a família surge enquanto suporte fundamental à sua integração na Academia “há alturas em que me sinto triste e chateada e parece que só na família me sinto bem, é o primeiro meio a quem recorro”.

Investindo a classe social de pertença, a família reúne valores comuns à instituição militar “... *juntamo-nos frequentemente, somos unidos, gostamos de ajudar*”, opondo-se a alguns vizinhos pouco humildes e invejosos.

O projecto de F5 surge marcado pela responsabilidade de definir o papel da mulher militar, tentando compatibilizar as virtudes femininas da discrição e do pudor com as virtudes masculinas da coragem física e da gentileza.

Marcado pela necessidade de gerir a situação de “Token”/minoría a que se sente remetida no seio de uma instituição maioritariamente masculina, o comportamento de F5 poderá apresentar algumas contradições, oscilando entre a defesa da sua identidade sexual e a necessidade de se dissociar da má imagem das mulheres, estabelecendo a aproximação com o sexo oposto.

A capacidade de articular identidade civil e militar, através da gestão do projecto afectivo, surge ainda enquanto preocupação central para o sujeito, não obstante neste momento ser prioritário acabar a Academia.

Resultante da agressão dos cadetes mal educados, das mulheres indiscretas, e da opressão da sociedade portuguesa, surgem zonas de stress e conflito para F5 “*gostava de ser menos desconfiada, ter mais liberdade de expressão, ser mais corajosa, ter mais confiança em mim, ser mais extrovertida, gostava de saber mais, ter mais confiança em mim mesma*”.

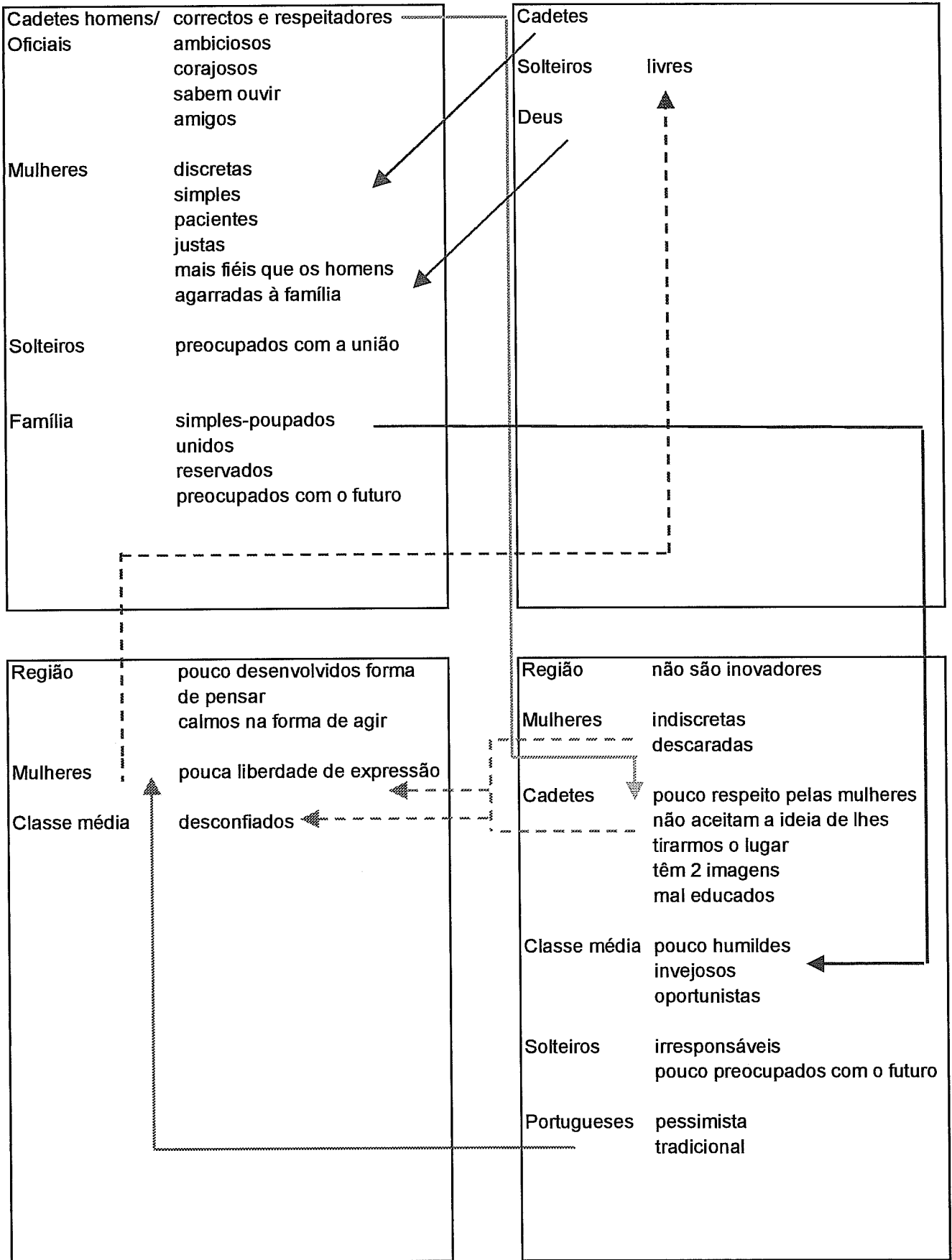
A conformidade ao sistema vai assim despoletar sentimentos de insegurança susceptíveis de condicionar o sujeito na realização do seu projecto.

O conceito de liberdade associado aos jovens solteiros, poderá constituir para F5 uma zona de frustração suscitando sentimentos de desejabilidade incompatíveis com a sua estratégia de “low profile”.

Contudo, a imagem dos cadetes amigos (representados na esfera da identidade mas remetendo simultaneamente para a esfera da alteridade valorizada) e a imagem de Deus “*o ano passado todos os dias pedia a Deus para me ajudar a saltar a vala e o muro, era aquilo que me assustava mais e consegui fazer*”, constituem uma zona gratificante para F5, exercendo acção de suporte complementar a dificuldades sentidas, nomeadamente em contexto militar.

Exprimindo contra valores, surgem os cadetes com pouco respeito pelas mulheres e as mulheres indiscretas, relativamente aos quais F5 exprime uma atitude de rejeição: estes referentes surgem enquanto principais adversários à afirmação da sua identidade militar.

Enquanto ameaças percebidas no meio, é ainda possível identificar a sociedade portuguesa tradicionalista, bem como os solteiros irresponsáveis e os vizinhos oportunistas, estes últimos opondo-se ao seu conceito de família.



SÍNTESE GLOBAL

A perspectiva global aqui apresentada, tem como objectivo recolher uma visão de conjunto que nos sugira os principais eixos em torno dos quais a variável género se reconstrói.

A representação do género aparece fortemente associada à representação da profissão, reflectindo uma sobreposição entre identidade masculina e identidade militar, contrariamente à identidade feminina que encontra fortes constrangimentos ao seu enquadramento na cultura militar.

Resta-nos perceber até que ponto os valores hegemónicos veiculados pela cultura militar, poderão “per si” atenuar os conflitos de género e permitir uma maior integração das mulheres em meio militar.

No momento em que realizámos este estudo, a oposição dos homens face à presença das mulheres nas Forças Armadas era consensualmente negativa, apesar das diferenciações existentes em cada protocolo.

Da parte das mulheres a representação apresentou uma maior complexidade, surgindo a necessidade de gerir mudanças identitárias com reflexos no espaço interno e externo à Academia - a necessidade de enfrentar resistências institucionais, a começar pelas próprias camaradas, e a necessidade de enfrentar resistências a nível da sua família, dos seus amigos, da sociedade civil na sua generalidade. Neste contexto, surge ainda a dificuldade em gerir o espaço afectivo: a imagem idealizada da mulher esposa e mãe, não parece compatível com a imagem da mulher militar e esta incompatibilidade parece ser comum aos homens civis e militares.

Todas as raparigas entrevistadas se mostraram conscientes da hostilidade do meio mas continuam confiantes no seu sucesso futuro - apesar da agressão dirigida ao grupo de pertença sexual, expressam orgulho na sua condição de mulher e de militar.

Mas o que é mais revelador da sua representação do género, é a imagem que emerge no seu protocolo sobre os homens: são duros, arrogantes e incorrectos, mas são igualmente amigos e leais, revelando uma camaradagem que representa o que há de mais positivo na vida militar - existe uma idealização do universo masculino que se enquadra com o estereotipo afectivo dos grupos militares.

O modelo de análise utilizado, tendo por base o corte feito segundo os eixos da identidade e da afectividade, tornou possível identificar os elementos do microcosmo social específico a cada grupo, o seu lugar no espaço imaginário de cada um bem como as diferentes reacções afectivas suscitadas.

Na análise dos protocolos dos cadetes masculinos verificámos um predomínio das relações de oposição, estabelecendo-se uma clara simetria entre valores e contra valores, enquanto na análise dos protocolos femininos se salientaram as relações de agressão.

Finalmente, as representações ao nível do género e da profissão foram estudadas num contexto bem preciso - a Academia Militar: não obstante estarmos em presença de um grupo fechado, submetido a uma iniciação severa e a uma socialização amplamente normativa, este grupo tem uma história pessoal, uma família, amigos no exterior, uma ocupação de tempos livres diferenciada e tudo isto influencia o seu pensamento social, induzindo que cada caso se diferencie dos outros.

Nesta medida, a visão de conjunto é necessariamente reduccionista - a sua leitura deverá ser sempre cruzada com as análises individuais apresentadas.

Fig. 5 - Espaço elementar da identidade dos homens (pertença sexual)

+	
“Si PRÓPRIO”	ALTER
<p>Nós os homens (+)</p> <ul style="list-style-type: none"> • conscientes, controlados, sabemos o que queremos • duros, resistentes, machistas, possantes • amigos, simpáticos • responsáveis, trabalhadores • carinhosos, sensíveis • honestos, mais sinceros que as mulheres 	<p>Eles os Homens (+)</p> <ul style="list-style-type: none"> • controladores de tudo e de todos • diferentes das mulheres • orgulhosos, vaidosos • unidos • dedicados
<p>Nós os homens somos (-)</p> <ul style="list-style-type: none"> • gostamos de arriscar • teimosos • mulherengos (X) • orgulhosos, arrogantes (X), vaidosos (X) • pouco calculistas (x), oportunistas (x) 	<p>Eles os homens são (-)</p> <ul style="list-style-type: none"> • machistas (x) • inferiores (x), defendem igualdade de direitos (x) • convencidos (x), galanteadores (x) • rebeldes (x), irresponsáveis (x) • despreocupados (x) • inoportunos (x)
-	
X- atributos não aplicáveis a “si próprio”	

Fig.6 - Espaço elementar da identidade dos cadetes homens (profissão)

+	
“Si PRÓPRIO”	ALTER
<p>Nós os cadetes somos (+)</p> <ul style="list-style-type: none"> • sabemos o que queremos • aceitadores • camaradas • capazes de lutar pelo que pretendemos, espírito sacrifício, dedicados, esforçados, trabalhadores • leais, nobres 	<p>Eles os cadetes são (+)</p> <ul style="list-style-type: none"> • camaradas • unidos • orgulhosos • esforçados • homens de palavra
<p>Nós os cadetes somos (-)</p> <ul style="list-style-type: none"> • (as representações existentes não são exemplificativas do conjunto) 	<p>Eles os cadetes são (-)</p> <ul style="list-style-type: none"> • egoístas • insatisfeitos (x), revoltados (x) • cobardes (x) • incumpridores • desleais (x), desonestos (x), desonrados (x)
-	
X- atributos não aplicáveis a “si próprio”	

Espaço Elementar da Identidade Social - Síntese Global a Partir das Entrevistas Realizadas ao Universo Masculino

O projecto destes sujeitos, marcado pelo desejo de passar de cadete a oficial, sobrepõe a imagem masculina à imagem do militar - a recodificação da instituição militar é feita com base numa única imagem significativa: a imagem masculina.

Contrariamente às mulheres, os homens representam-se de uma forma autónoma e independente, directamente associada à esfera do poder: ambiciosos, orgulhosos, senhores de si próprios, homens de palavra.

A diferença entre sexos corresponde a um fenómeno natural susceptível de legitimar a força masculina versus a fragilidade feminina.

Tradicionalmente masculina, a instituição militar confere à mulher o estatuto de intrusa numa cultura que não é a sua - a especificidade dos valores militares surgem ameaçados pela sua presença.

A pertença militar reafirma uma identidade cuja essência ultrapassa a esfera meramente profissional: historicamente associados à nobreza, os oficiais são vistos como pessoas diferentes. Através desta pertença o indivíduo encontra símbolos de prestígio ancorados num passado histórico e em princípios intrínsecos à postura dos militares - a imagem dos militares investe mesmo a classe social de alguns respondentes, opondo a si a imagem dos civis.

Ser cadete/militar corresponde à concretização de um projecto longínquo, à concretização de um sonho, de uma vocação, a um orgulho muito especial, segundo a linguagem dos próprios sujeitos.

É expresso um comportamento diferenciado em contexto civil e militar: os valores militares sobrepõem-se aos valores civis, relembrando a eficácia da socialização militar e a

necessidade de preservar a imagem desta instituição. Dispostos a sacrificar a identidade pessoal em prol da identidade colectiva, o espírito de sacrifício e a camaradagem surgem como valores centrais e específicos da cultura militar.

O orgulho de pertencer a uma instituição de elite, responsabiliza os sujeitos através da necessidade de “não manchar os feitos históricos” e transmitirem uma boa imagem de si mesmos e da instituição militar.

A condicionar o projecto destes sujeitos estão um conjunto de representações exprimindo faltas, defeitos que os indivíduos atribuem a si mesmos: a dificuldade em gerir sentimentos de orgulho e teimosia; uma certa irresponsabilidade própria dos jovens solteiros.

De realçar que apesar de certas características poderem constituir falhas, elas são essenciais para o reconhecimento da identidade masculina.

Enquanto principais fontes de gratificação encontradas no meio, surgem as mulheres no papel de mães e namoradas: sensíveis, carinhosas, delicadas e responsáveis.

Esta imagem idealizada das mulheres não é compatível com comportamentos mais salientes, os quais remetem a mulher para a esfera da alteridade negativa, suscitando contra valores. Mais especificamente, desenha-se uma situação de exclusão social dirigida às mulheres que tentam penetrar em esferas tradicionalmente masculinas (como é o caso do meio militar) - é o valor camaradagem que vai minimizar situações de agressão daqui decorrentes.

Se a mulher militar surge como adversário para este grupo, o mesmo é verdade para os cadetes/militares com comportamentos que em nada dignificam a imagem da instituição.

A percepção de uma crise institucional nas Forças Armadas poderá induzir alguns cadetes a optarem pela G.N.R.: ameaçados no seu projecto, a opção pela G.N.R. surge como

forma de dissociação de subgrupos existentes na instituição militar, preservando ao mesmo tempo a identidade militar.

A oposição aos civis, surge ainda como um mecanismo fundamental na construção identitária destes sujeitos - a irresponsabilidade e ausência de objectivos que caracterizam os jovens civis, vem opor-se aos valores apreendidos em contexto militar.

Ainda na esfera da alteridade negativa surge a crítica à forma como o poder é exercido por alguns homens (aspecto este retomado a partir da esfera da identidade negativa). Mas, se o excesso de dominância aparece como contra valor associado ao sexo de pertença, o mesmo é verdade para a incapacidade de afirmação na relação com o sexo oposto, caracterizando os homens que se deixam dominar (pouco calculistas, inferiores).

Neste sentido, os homossexuais são percebidos enquanto desvio social, sendo excluídos da categoria homens.

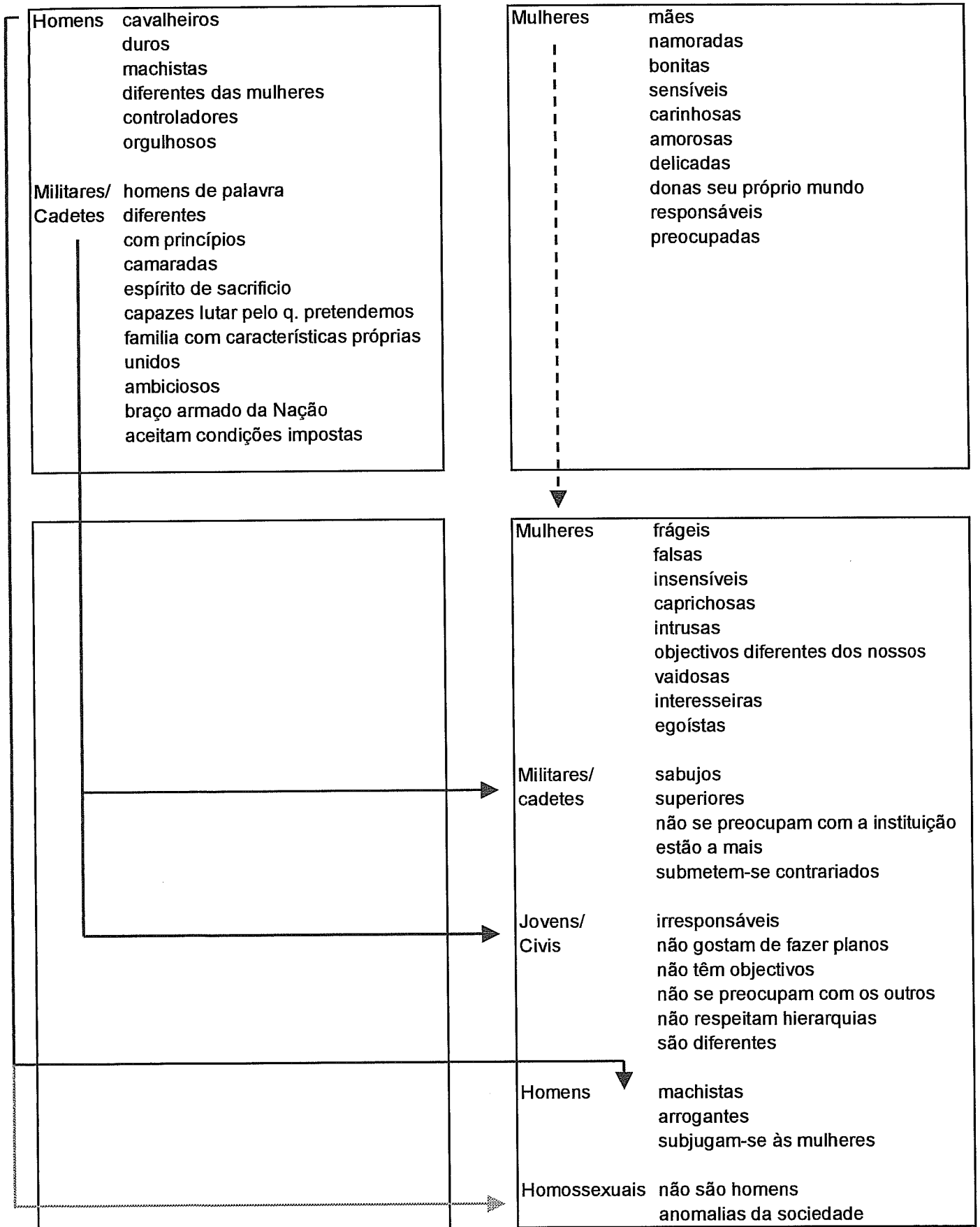


Fig.7 Espaço elementar da identidade das mulheres (sexo de pertença)

+ “ Si PRÓPRIO”	ALTER
<p>Nós as mulheres somos (+)</p> <ul style="list-style-type: none"> • discretas, tolerantes • orgulhosas, fortes • amigas • simpáticas, alegres • defendemos o que é nosso, trabalhadoras • confiáveis, fiéis, justas, sinceras 	<p>Elas as mulheres são (+)</p> <ul style="list-style-type: none"> • mais experientes (x) • agarradas à família • extrovertidas (x) • alegres, simpáticas • mais fiéis que os homens
<p>Nós as mulheres somos (-)</p> <ul style="list-style-type: none"> • introvertidas, menos experientes • imprevisíveis 	<p>Elas as mulheres são (-)</p> <ul style="list-style-type: none"> • pouca liberdade de expressão • escravas da família (x) • pouco rebeldes (x) • descaradas, indiscretas, ciumentas, cínicas, falsas
-	-

Fig.8 - Espaço elementar da identidade das cadetes mulheres (profissão)

+ “ Si PRÓPRIO”	ALTER
<p>Nós os cadetes somos (+)</p> <ul style="list-style-type: none"> • discretos, pacientes • ajudamo-nos, amigos, camaradas • alegres, divertidos • com muitas responsabilidades, esforçados, trabalhadores • descontraindo (x) • de confiança, honestos, sinceros 	<p>Eles os cadetes são (+)</p> <ul style="list-style-type: none"> • ajudam sempre, sabem ouvir • corajosos • alegres • pessoas confiáveis
<p>Nós os cadetes somos (-)</p> <ul style="list-style-type: none"> • (as representações existentes não são significativas do conjunto) 	<p>Eles os cadetes são (-)</p> <ul style="list-style-type: none"> • marrões (x) • pensam que são os melhores (x) • egoístas (x), mal educados (x) • cínicos (x) • têm duas imagens
-	-

X- atributos não aplicáveis a “si próprio”

Espaço Elementar da Identidade Social - Síntese Global a Partir das Entrevistas Realizadas ao Universo Feminino

O projecto deste grupo surge associado à necessidade de integração na Academia Militar, simultaneamente à necessidade em articular identidade profissional e sexual - ou seja, ser aceite enquanto mulher cadete.

A representação que as mulheres cadetes fazem de si mesmas, aparece condicionada por constrangimentos externos que induzem a necessidade de lutar pela igualdade de oportunidades, por uma melhor inserção da mulher na sociedade e por ser oficial do exército.

É expressa a percepção de uma relação assimétrica entre géneros, exemplificada por factores sócio culturais nomeadamente a omissão que a bíblia faz relativamente ao papel da mulher, a maior liberdade concedida aos rapazes no contexto da família, as dificuldades das mulheres em acederem a determinadas funções no mercado de trabalho.

No contexto da Academia, a relação assimétrica vai exprimir-se através da consciência de “Token” e da extrema visibilidade social de que as mulheres se sentem objecto, por parte de civis e militares.

A consciência de constituírem um grupo minoritário, aumenta a responsabilidade sentida e a necessidade de gerir um conjunto de estratégias de molde a evitar o conflito com o maioritário (com os cadetes masculinos).

Se a opção pela Academia correspondeu a um impulso de momento (não teve por base uma ideia clara da realidade que iriam encontrar), a admissão nesta instituição confrontou-as com a necessidade de gerirem as respostas dadas “*sempre fui apaixonada pela vida mas desde que entrei na Academia, não levo os primeiros impulsos tão a sério*” (F1), de apresentarem

uma máscara socialmente valorizada e esconder o mal estar sentido “*sou orgulhosa, posso estar mal que não o demonstro frente aos rapazes na Academia*” (F1) - em determinadas situações este funcionamento poderá aproximar-se de um funcionamento em “falso self” para utilizar uma expressão de D. Winnicott.

A sua presença na Academia traz implícita a necessidade de renegociarem um espaço que sentem não ser seu - as estratégias activadas, nomeadamente a necessidade de se esconderem do olhar do outro, poderão induzir dificuldades na partilha do espírito de corpo e camaradagem, valores essenciais na cultura militar.

A imagem das mulheres surge diferenciada da imagem dos cadetes: o medo de enfrentar certas situações torna-as dependentes da realidade externa, ou seja, da ajuda dos cadetes masculinos “*eles estão constantemente a pôr-nos à prova, mas quando temos medo eles ajudam*”(F5). A representação dos cadetes, efectuada no espaço da identidade positiva, tem subjacente uma significação que remete claramente para o espaço da alteridade positiva.

Não obstante todos os condicionalismos, os sujeitos expressam orgulho na sua condição de mulheres militares: a vantagem de ser mulher encontram-na numa maior capacidade de adaptação face a novas realidades, na possibilidade de fazerem coisas novas, de terem filhos. Da mesma forma, a importância de ser cadete encontram-na na possibilidade de intervir em mudanças institucionais, nomeadamente através de uma maior humanização do espaço de trabalho e de um maior equilíbrio entre vida pessoal e profissional.

A condicionar os sujeitos na realização do seu projecto estão um conjunto de constrangimentos, consequência da agressão de alter: a incompreensão expressa por civis e militares, a ausência de reconhecimento pelo esforço dispendido na AM, as dificuldades de

expressão no contexto de uma sociedade conservadora - susceptíveis de despoletar sentimentos de angústia e insegurança.

Representando-se como mais introvertidas e menos experientes (como resultante dos constrangimentos vividos), estas mulheres vão expressar sentimentos de desejabilidade face à imagem das mulheres mais experientes e extrovertidas e dos cadetes mais descontraídos: admira-se no outro uma forma de estar mais autónoma, livre e independente.

Contudo, sentimentos de frustração poderão resultar da impossibilidade em aceder às imagens expressas; como já vimos a integração na Academia exige uma estratégia de “low profile”.

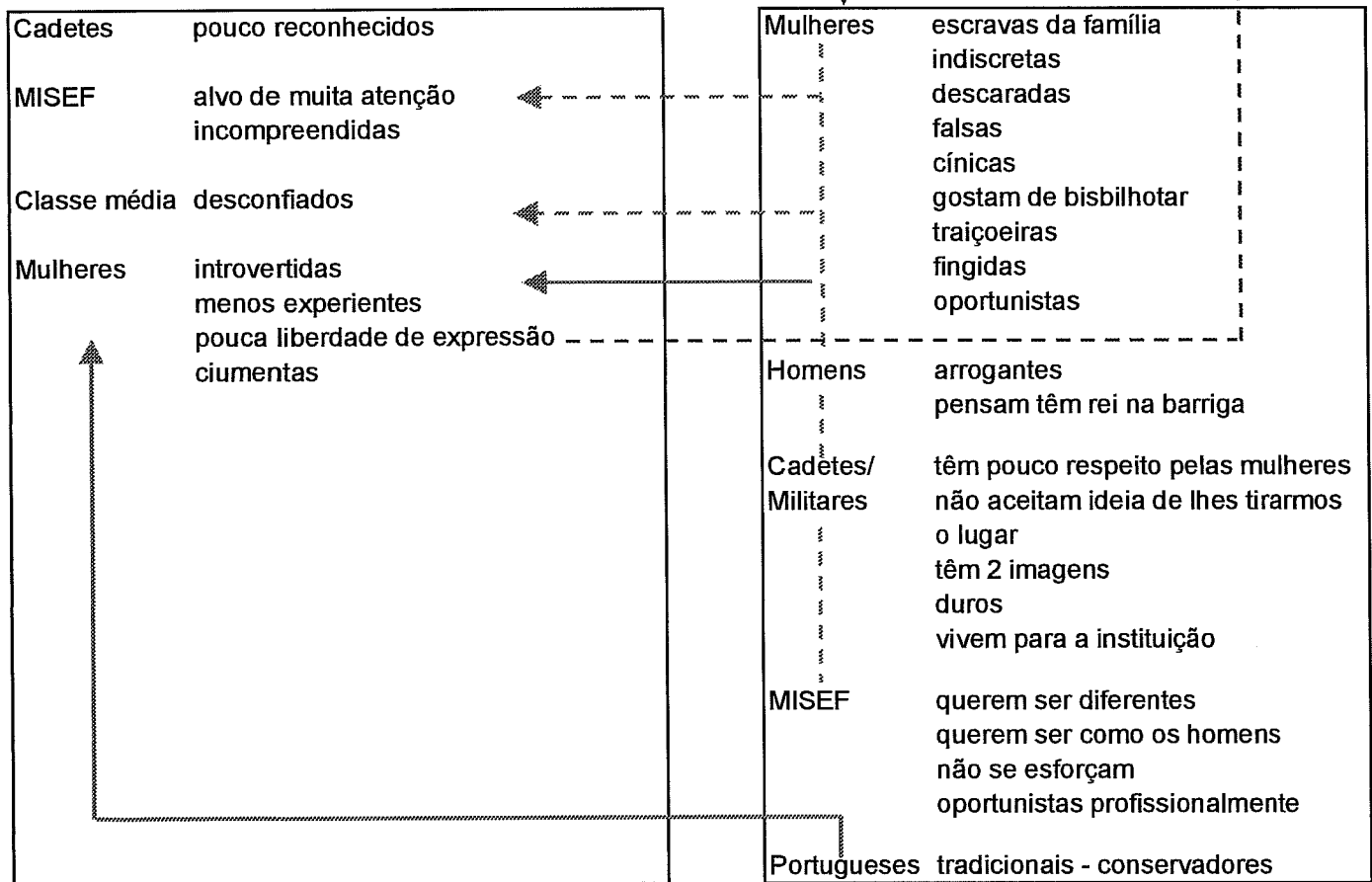
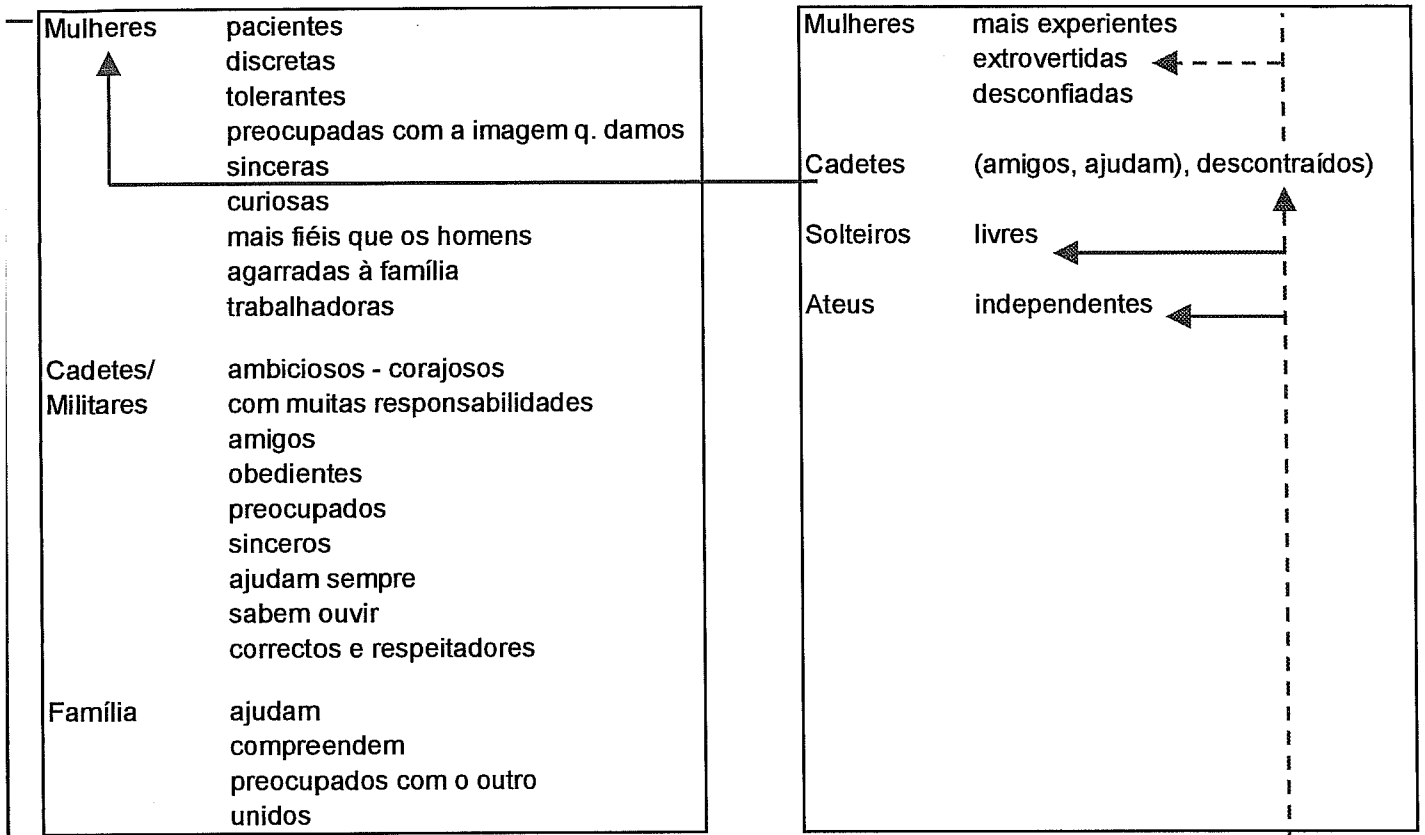
Ainda no campo da alteridade, opondo-se a esta zona existencial frustrante para “si próprio”, surge uma zona gratificante: a ajuda dos cadetes masculinos, numa atitude de cooperação e suporte, complementar a uma necessidade sentida pelos sujeitos - a imagem de força masculina vai complementar o reconhecimento de uma certa fragilidade feminina.

No campo da alteridade negativa, surgem um conjunto de ameaças:

- a imagem dos homens arrogantes articula-se com a imagem dos cadetes, numa atitude de agressão dirigida à presença das mulheres num espaço que sentem ser seu. Esta imagem vai opor-se aos cadetes amigos, verdadeiros paradigmas neste contexto.

- a imagem das mulheres indiscretas, descaradas e extravagantes, susceptíveis de pôr em causa a imagem que as cadetes a tanto custo tentam preservar, e susceptíveis de reforçar a extrema visibilidade de que se sentem objecto. A interiorização de uma má imagem, da qual se dissociam, leva-as a pôr em causa a honestidade das mulheres cadetes face aos homens honestos e amigos.

- numa outra vertente, a imagem das mulheres dependentes do casamento, da família, incapazes de se autonomizarem. A crítica desloca-se do contexto “machista” para se centrar nas próprias mulheres incapazes de lutar por aquilo a que têm direito, incapazes de “defenderem o título de ser mulher na tropa” (F5).



Imagens Recíprocas

Fig. 9 - Os homens representados pelas mulheres e as mulheres representadas pelos homens

+	
Ponto de vista dos HOMENS	Ponto de vista das MULHERES
<p>Elas as mulheres (+)</p> <ul style="list-style-type: none"> • mães • controladas • lindas, bonitas • simpáticas, divertidas • trabalhadoras, dedicadas, responsáveis • amorosas, sensíveis, carinhosas, delicadas, donas do seu próprio mundo, preocupadas 	<p>Eles os homens são (+)</p> <ul style="list-style-type: none"> • inteligentes • ambiciosos • sociáveis • ajudam muito, amigos, amorosos, bem educados • confiáveis, sinceros, verdadeiros
<p>Elas as mulheres (-)</p> <ul style="list-style-type: none"> • burras algumas (x) • materialistas (x) • o complemento do homem (x) • sensuais (x), reservadas (x) • vaidosas (x), convencidas (x), caprichosas (x) • rebeldes (x) • insensíveis (x), interesseiras (x), egoístas (x), invejosas (x) • frágeis (x), falsas (x), superiores às macacas (x) 	<p>Eles os homens são (-)</p> <ul style="list-style-type: none"> • pensam que têm o rei na barriga (x), arrogantes (x), convencidos • egoístas, não aceitam a ideia de lhes tirarmos o lugar (x) • pouco respeito pelas mulheres (x) • inconstantes (x)
-	

X - atributos não aplicáveis a "si próprio".

Os Homens Representados pelas Mulheres

A imagem que as mulheres expressam acerca dos homens encontra-se ancorada nos homens cadetes: surge a imagem dos cadetes amigos, sobrepondo-se à imagem dos militares corajosos (em confronto com as mulheres dependentes da sua ajuda).

A inveja dos pactos e cumplicidade entre homens significa também a falta de coesão sentida no interior do seu grupo de pertença sexual e que se revela na preferência pela amizade dos homens: os atributos sinceridade, honestidade, conferem aos homens maior

frontalidade, não obstante o campo das relações afectivas poder constituir excepção, na medida em que para além de poderem ser cínicos (pouco fiéis), nem sempre conseguem aceitar a frontalidade das mulheres.

Se a imagem do sexo oposto se caracteriza por uma avaliação positiva, ela tem subjacente alguma ambivalência que se estende aos atributos ambiciosos “*querem passar à frente uns dos outros no curso, mas é uma ambição saudável*” (F5) e educados “*muitos são-no por cavalheirismo, os que têm falta de respeito também são educados, é outra imagem que mostram junto dos oficiais*” (F5).

Estabelece-se assim uma dicotomia entre os cadetes amigos, confiáveis (mais honestos e sinceros que as mulheres) e os cadetes com pouco respeito pelas mulheres “*já concluíram que não lhes vamos tirar o lugar mas não aceitam a ideia de fazermos o mesmo que eles*” (F5) induzindo por parte destas uma atitude de desconfiança.

Incapazes de aceitar as diferenças de género, os cadetes criticam a utilização de tabelas diferenciadas (homens/mulheres) na avaliação dos exercícios físicos, ao mesmo tempo que atitudes espontâneas expressas pelas mulheres, como por exemplo o sorriso, são entendidas como provocações.

A imagem do cadete agressor despoleta sentimentos de abuso de poder “*pensam que têm o rei na barriga*” (F2) provocando sofrimento nas mulheres cadetes “*falam mal de nós por trás, não pensam no que estamos a sofrer*” (F3).

Surge a imagem dos cadetes falsos, cínicos, maus, capazes de desculpabilizar a instituição militar e centrar toda a agressividade nas mulheres “*se algumas coisas não estão bem, nós também não temos culpa, mas eles nunca culpam a instituição*”(F3), bem como a

imagem dos oficiais incapazes de lidar com as mulheres “*os civis pensam que nós as MISEF somos pouco esforçadas, mas são os oficiais que não sabem relacionar-se connosco*” (F1).

Os cadetes do 4º ano surgem ainda representados através de comportamentos à margem das regras, susceptíveis de constituir um mau exemplo para os alunos mais novos.

As Mulheres Representadas pelos Homens

A imagem que os cadetes expressam sobre as mulheres surge avaliada em duas vertentes diferenciadas: uma imagem positiva, correspondendo a um padrão de expectativas dirigidas à mulher ideal, uma imagem negativa, correspondendo ao desvio às normas comportamentais do padrão anterior.

A imagem positiva caracteriza-se pela ausência de dominância, expressa nos atributos “delicadas e frágeis” e pela afectividade inata expressa nos atributos “sensíveis e carinhosas”.

“Beleza e feminilidade”, constituem atributos essenciais que se espera encontrar numa mulher e que parecem estar ausentes da mulher militar “*perca de feminilidade, postura brutalhada*”(M7).

A imagem negativa caracteriza-se pela incapacidade das mulheres adoptarem uma atitude frontal no relacionamento afectivo e nas relações de amizade (intriguistas) correlativamente à incapacidade de expressarem os seus defeitos/faltas.

Surgem as mulheres traiçoeiras “*as mulheres têm o 6º sentido sempre a funcionar, manipulam*” (M5), rebeldes “*dão um segundo sentido às coisas, vão contra o meu ideal de mulher*” (M6) e calculistas “*a condição social de inferioridade das mulheres leva-as a querer tirar o melhor partido das situações*” (M4).

Aquilo que os homens criticam nas mulheres é também, pelo menos em parte, o que elas rejeitam, o que não se verifica no sentido inverso.

A partilha de estereótipos que determinam à mulher especificidade de papéis, sob pena de perderem a sua identidade sexual, é uma realidade comum a todos os cadetes, mesmo aqueles que dirigiram críticas a atitudes machistas expressas pelo seu grupo de pertença sexual.

A representação expressa vai dificultar a aceitação das mulheres em meio militar, fazendo surgir as mulheres cadetes caprichosas, numa atitude de provocação dirigida aos homens *“competem com os homens, não reconhecem as suas limitações, nós não necessitamos desafiar, somos aceites”* (M5) e desonestas, na medida em que podem pôr em causa princípios da instituição militar *“a relação entre um homem e uma mulher vai contra os princípios da instituição”* (M6)

Contrariamente às mulheres, cuja representação masculina, seja negativa, seja positiva, reenvia à relação entre géneros no contexto da Academia, o retrato desenhado pelos homens acerca das mulheres, mesmo os aspectos negativos, centra-se nos estereótipos do “eternel feminin”.

A Assimetria na Representação do Género Sexual

A partir das imagens activadas por homens e mulheres incidindo no seu grupo de pertença sexual, complementada pelas imagens que uns e outros activaram relativamente ao grupo sexual oposto, vemos surgir a representação de uma relação assimétrica entre masculino e feminino: os homens representando-se de forma dominante na relação estabelecida com as

mulheres, as mulheres representando-se como dependentes na relação estabelecida com os homens.

No que concerne à dominância expressa pelos cadetes, ela não deixa de esconder alguma vulnerabilidade associada à masculinidade da identidade dominante.

Através da análise da masculinidade em meio rural, Almeida (1995) conclui que “*a masculinidade é um processo construído, frágil, vigiado, como forma de ascendência social que pretende ser*” (Almeida, 1995,p.17). Objecto de uma socialização amplamente normativa até à idade da adolescência (ex. “o menino não chora”) e na ausência de qualquer marcação de destino pela biologia (contrariamente à identidade feminina), a identidade masculina implica uma permanente construção de cenários, necessitando de um conjunto de condições para emergir e se consolidar. Deste modo, a coesão grupal e a necessidade de se demarcarem face ao mundo feminino (onde se inclui o receio sempre presente da homossexualidade) surgem como condições necessárias à afirmação da masculinidade - a afirmação da virilidade transporta como condição que a mulher esteja num outro papel, num outro contexto.

O meio militar, à semelhança do meio rural, onde tudo se encontra em “estado puro”, caracterizando-se por ser polarizadamente masculino, transporta todas as condições para o desenvolvimento de atitudes de exclusão dirigidas às mulheres e em última análise para o “crescimento” das assimetrias.

Conscientes de uma relação assimétrica, as cadetes começam por representar a sociedade portuguesa, através dos constrangimentos que lhes são dirigidos: delimitação de papéis, dificuldades no acesso ao mercado de trabalho; a ausência de colaboração do sexo oposto nas tarefas domésticas, duplica as tarefas das mulheres, confrontando-as com uma sobrecarga de trabalho (desempenho simultâneo de papéis masculinos e femininos).

Encontramos uma atitude atenta das mulheres face às dificuldades que se lhes deparam na AM “*somos realistas: aqui há muito machismo é difícil defendermos as nossas ideias, eles impõem-se mais facilmente, estão em maioria...*” (F5) induzindo um esforço de integração que passa pela necessidade em acompanhar o ritmo dos rapazes e vencer a rejeição a que se sentem expostas “*eles estão conscientes, sabem como magoar as pessoas*” (F5).

A capacidade em gerir a sua imagem e a do seu grupo de pertença, transforma-se numa preocupação para as cadetes, que sentem a responsabilidade de ter que responder a expectativas internas e externas à Academia, desenhando-se a necessidade de se instituírem comportamentos femininos não salientes capazes de dissipar o olhar indiscreto dos observadores.

Ser forte e lutadora constituem mecanismos de defesa da auto-estima que coexistem com sentimentos de insegurança e com a incerteza de um futuro profissional que desconhecem “*é mais fácil ser-se lutadora que optimista porque nem sempre sabemos o que o futuro profissional nos reserva, ando na Academia e nem sei qual vai ser o meu futuro*” (F5).

O futuro, ao mesmo tempo que constitui uma incerteza para as mulheres, constitui o espaço imaginário para onde é possível, através da idealização, transferir os atributos impossíveis de actualizar no presente “*aqui ser ambicioso não sobressai, tudo segue uma escala e um grau hierárquico, de momento não posso mudar as coisas, só posso ser ambiciosa em relação ao futuro*” (F5).

A preocupação com a futura união, torna extensivo ao projecto pessoal a insegurança sentida, surgindo a imagem dos civis incapazes de aceitar ter como mulher uma oficial.

Estratégias Identitárias

A perspectiva aqui adoptada retoma a definição de estratégias identitárias proposta no capítulo I e que relembramos tem presente uma concepção dinâmica da identidade, susceptível de redefinições e negociações.

Apesar da metodologia adoptada não resultar em técnicas similares à observação participante, que mais seguramente nos permitiriam observar as relações de interacção estabelecidas entre os actores sociais em presença, foi possível através dos episódios narrados pelos sujeitos apercebermo-nos do tipo de interacção estabelecido entre si.

Assim, foi nossa preocupação integrar, por detrás das representações enunciadas através do discurso, o tipo de relações interpessoais e sociais predominantes na caracterização desta amostra.

A análise efectuada tornou saliente uma multiplicidade de situações de interacção da qual decorrem respostas identitárias diversas, bem como uma relação assimétrica entre cadetes masculinos e femininos da qual decorre a definição de estratégias identitárias num quadro de relações de dominação.

À semelhança dos resultados obtidos por Taboada Leonetti nas investigações realizadas com grupos majoritários e minoritários, as estratégias identitárias que se exprimem numa situação deste tipo são marcadas por relações desiguais que diminuem a capacidade de acção dos actores dominados na definição da sua identidade.

Contrariamente aos rapazes, cujas estratégias se caracterizam pela sua diversidade, as estratégias adoptadas pelas raparigas centram-se em torno da relação entre géneros, traduzindo

diferentes formas de aceitação, recusa ou negociação da identidade que o maioritário, neste caso os rapazes, lhes determina.

Tal determinação não invalida a margem de manobra disponível por cada uma - para Crozier, o poder constitui meio de troca na relação entre os actores e ter poder é ter margem de manobra na negociação com o outro - contudo, esta é diminuta comparativamente aos rapazes.

A partir da revisão de literatura efectuada e da apresentação dos nossos resultados, o conceito de personalização surge associado ao grupo maioritário, permitindo aos actores sociais maior margem de manobra e negociação dos seus projectos de vida e uma maior diversificação e autonomização das suas estratégias pessoais "*La personnalisation est la quête d'un pouvoir, d'une maîtrise des objects, de soi et d'autrui. Elle est l'effort pour se signifier et créer des valeurs*" (Tap, 1988, p.45).

O nível ideológico bem saliente na investigação realizada por Lorenzi-Cioldi e Amâncio, vai ser determinante na interpretação dos resultados obtidos, ajudando-nos a perceber os recursos e símbolos disponíveis pelos actores em presença e os desafios contidos em cada situação.

Finalmente, as estratégias desenvolvidas pelos sujeitos, surgem em interacção com o jogo das práticas e representações sociais que analisámos nos capítulos anteriores - é através da reactualização de umas suscitando a reactualização de outras que os indivíduos vão construindo as suas identidades.

Estratégias Utilizadas pelos Cadetes

Categorização

A temporalidade aparece nos cadetes masculinos enquanto factor fortemente associado à identidade militar: nas imagens de um passado honroso, encontramos a dupla necessidade de filiação no passado e de projecção enquanto grupo no futuro.

A decisão recente de admitir mulheres nas Forças Armadas confronta um passado histórico predominantemente masculino e um futuro comprometido pela presença das mulheres e pela incerteza quanto às alterações que tal facto possa induzir.

Este aspecto é expresso pelas próprias mulheres que sentem estar a invadir um espaço que era dos homens “*as raparigas têm mais dificuldades de se enquadrarem nestes meios, pelo facto de ser rapariga e isto ser visto como uma profissão mais de homem e estarmos a invadir o espaço deles*” (F3).

O processo de categorização despoletado pelos cadetes homens surge como defesa da identidade militar e como resposta à necessidade de preservar a cultura masculina face aos novos códigos trazidos pelas mulheres.

A reacção masculina vai consistir na rejeição à presença das mulheres em meio militar, susceptível de contradizer a mítica/tradições.

Desenha-se assim um conflito entre cadetes masculinos e femininos, ancorado em representações sociais pré-existentes, susceptíveis de conferir à mulher o estatuto de grupo minoritário.

Outras Estratégias

Caracterizadas através da sua diversidade, as estratégias utilizadas pelos cadetes desenham um campo de preocupações susceptível de ser explorado em investigações ulteriores:

- A conformidade face às regras impostas pela instituição militar é um valor interiorizado pelos cadetes homens (contrariamente às cadetes mulheres que expressam de uma forma mais evidente a sua não concordância com algumas das normas encontradas nesta instituição) e de acordo com os princípios da instituição militar.

- A necessidade de ocultar determinadas pertenças (ex. pertença política) como forma de responder a normas encontradas na instituição militar (ex. isenção política).

- A dicotomia claramente estabelecida entre identidade civil e militar, fazendo coexistir duas identidades diferenciadas (pelo menos numa primeira análise).

- A opção pela G.N.R. como forma de alguns cadetes se diferenciarem da imagem negativa difundida na sociedade civil acerca das Forças Armadas e com a qual estão coniventes (não obstante as causas encontradas poderem ser diferenciadas): ausência de qualidade no recrutamento de efectivos; formação de oficiais sem nível (a abolição da praxe proíbe mecanismos de selecção natural); incapacidade da instituição militar justificar a sua missão.

Na G.N.R. os cadetes sentem que vão ter maiores possibilidades de instituírem as mudanças necessárias a um funcionamento organizacional mais eficaz.

Estratégias Utilizadas pelas Cadetes

As cadetes mulheres, conscientes do seu estatuto de grupo minoritário, têm como objectivo central a criação/negociação de um projecto profissional e pessoal, evitando/gerindo o conflito com o maioritário. A gestão das estratégias possíveis, oscila entre a conformidade/aproximação ao maioritário e a necessidade de defenderem a sua identidade sexual no meio civil e militar.

De acordo com a terminologia elaborada pelos autores inseridos no livro “Stratégies Identitaires”, concebemos uma grelha onde sistematizámos as principais estratégias encontradas neste grupo.

Conformidade/Anonimato/Fechar-se Sobre Si

Como resposta à extrema visibilidade social a que se sentem sujeitas, as cadetes recorrem a comportamentos não salientes (ser humilde, reservada, paciente), expressos de diferentes formas: a recusa em deixar-se conhecer, a recusa em partilhar a intimidade, a ausência de resposta às provocações dos cadetes, etc.

Simultaneamente expressam uma atitude coerciva face às camaradas: a pressão à conformidade surge como tentativa de homogeneizar comportamentos no interior da sua categoria de pertença sexual (dado existir a consciência clara que o comportamento de uma é generalizado como exemplo do comportamento de todas).

Assimilação ao Maioritário

Em determinadas situações as cadetes negam a identidade minoritária interiorizada, revelam não solidariedade com o grupo de pertença sexual e tentam aproximar-se dos instrumentos sobre os quais o maioritário funda o seu lugar social: os seus valores, as suas normas, a sua amizade.

Instrumentalização da Condição Social

A consciência da desigualdade de forças na qual se encontram, pode estimular a aceitação da identidade prescrita em proveito próprio: ser discreta (passar despercebida e conseguir os objectivos), ser sábia quando nos convém; ser muito responsável (gestão da sua imagem e da imagem do seu grupo de pertença), ser justa (recusar as benesses institucionais), etc.

Desenha-se assim uma estratégia que coexiste com a necessidade de esconder a insegurança e mal estar sentidos (atributos qualificados na identidade negativa): ser rígida (defesa face a agressões externas, necessidade em esconder a parte mais fraca, tentar ser mais forte) arrogante, orgulhosa “*nós mulheres damos mais importância em ser orgulhosas, discretas, justas, defender o que é nosso é a instituição que nos obriga a ser assim*”(F5).

Diferenciação pela Positiva Face ao “Endogrupo”

Resulta da necessidade sentida pelas cadetes em se diferenciarem de determinados subgrupos constitutivos do seu grupo de pertença, sem denegar a sua identidade.

Surge como relevante a necessidade das cadetes se diferenciarem das praças, cujo comportamento se revela ameaçador da imagem de si mesmas: em causa a sua origem social, os motivos subjacentes à sua opção pela carreira militar, a ausência de discrição no comportamento profissional e afectivo que estabelecem com o sexo oposto.

Diferenciação pela Positiva Face ao “Exogrupo”

Enquanto os homens, através do processo de categorização, defendem um espaço que sentem ser seu, as mulheres necessitam conquistar a sua aceitação no interior deste espaço, recorrendo à diferenciação face ao “exogrupo”: afirmação da diferença, não se deixando excluir face à presença do outro.

Surge a defesa da identidade sexual, através da capacidade das mulheres em serem mais perfeccionistas, mais subtis, mais abertas (face a novas realidades), contrariamente aos homens que não olham a meios para atingir fins, mais conservadores e com menos capacidade de se adaptarem à mudança.

Assim, muitos dos problemas enfrentados pelas mulheres, são atribuídos não a dificuldades suas mas a incapacidades dos homens (muitas das dificuldades de integração das

mulheres no mercado de trabalho devem-se ao facto dos homens não aceitarem que elas possam desempenhar as mesmas tarefas).

Representações Sociais Hegemónicas

Se as estratégias identitárias parecem desenhar um campo de representações polémicas, particularmente evidentes no caso das mulheres cadetes, poderão estas ser enquadradas no contexto das representações sociais hegemónicas?

Por representações sociais hegemónicas entendemos o conjunto de imagens e ideias, partilhadas no contexto da cultura militar, caracterizando-se pela sua dimensão intergeracional.

No sentido de uma melhor compreensão deste conceito, faremos referência ao conceito de representação social proposta por Jodelet “*c’est une forme de connaissance, socialement élaborée et partagée, ayant une visée pratique et concourant à la construction d’une réalité commune à un ensemble social...*” (Jodelet, 1989, p.36).

Família e camaradagem bem como a dicotomia militares/civis surgem como as principais representações hegemónicas encontradas no seio desta amostra.

Numa primeira análise, podemos concluir que deste vivido colectivo emerge um campo de convergência onde as diferenças de género se atenuam e por vezes se dissolvem no nível supra ordenado da profissão, dito de outra forma, o jogo complexo das representações ao nível do género surge parcialmente ultrapassado pelas representações hegemónicas ao nível da profissão, o que confirma que as fronteiras entre “endogrupo” e “exogrupo” são fluidas.

A representação da profissão ao nível dos dois subgrupos pode confirmar o nível de consenso obtido, apelando para a eficácia da socialização militar.

Contudo, uma análise mais atenta em torno das representações sociais hegemónicas, vem questionar o campo de convergência encontrado - a relação estreita entre identidade e estatuto social abordada pela psicologia social europeia, surge expressa através da assimetria que se desenha em torno destas representações e que analisaremos seguidamente.

Família e Camaradagem

Estes valores, caracterizando a cultura militar, poderão minimizar sentimentos de exclusão dirigidos às mulheres.

A representação da instituição militar enquanto família centra-se em torno dos valores honra e lealdade, fazendo equivaler a relação entre cadetes (designada através do atributo camaradagem) à relação entre irmãos “*quando avançamos, avançamos todos juntos, a união faz a força*” (M4).

É ainda a relação familiar que permite criar a relação de confiança necessária à eficácia das missões desenvolvidas “*em teatro de guerra é fundamental conhecer o outro*” (M6).

Delineiam-se assim um conjunto de valores partilhados por todos os cadetes, induzindo a coesão grupal:

- espírito de sacrifício: ajudar os outros sacrificando-se a si;
- camaradagem: dar a vida pelo outro que está ao nosso lado;
- disciplinados, obedientes: cumprir regras;
- capacidade de definir objectivos e lutar por eles (ser oficial do exército);

- dedicados: dedicação à pátria, capacidade de entrega para o cumprimento das missões;
- trabalhadores: exigência de um esforço acrescido;
- responsáveis: na Academia exige-se postura, pontualidade e exemplo perante os mais novos (o sentimento de responsabilidade significa para as mulheres, a necessidade de defender o título de ser mulher na tropa);
- honestidade, honra, lealdade, amor à pátria.

Contudo, se as representações sociais hegemónicas instituem um conjunto de valores capazes de aumentar a coesão no grupo dos cadetes, a verdade é que a relação assimétrica entre masculino e feminino está sempre presente.

Por exemplo, se as representações sociais hegemónicas introduzem a entreajuda enquanto valor central caracterizando a relação entre “irmãos”, e impedem que os cadetes “menos correctos” possam recusar a ajuda às suas camaradas, são ainda estas representações que impossibilitam o desenvolvimento de relações afectivo/sexuais entre cadetes masculinos e femininos e a responsabilização pelo desrespeito desta norma/tabu é atribuída à desonestidade das mulheres, capazes de violar os valores honra e lealdade.

Por outro lado, os conceitos de entreajuda e camaradagem, centrais na cultura militar, são vivenciados diferentemente por homens e mulheres.

Para as cadetes o conceito de camaradagem surge próximo do valor amizade (associado à ajuda dos homens, necessária à resolução dos problemas sentidos), enquanto para os cadetes representa um aspecto central da interacção estabelecida na cultura militar, directamente associado aos conceitos de “família, irmãos, união”.

Da mesma forma, a entreajuda constitui um valor vivido de uma forma equalitária pelos cadetes masculinos, contrariamente às cadetes, cujo conteúdo representacional expressa dependência relativamente ao sexo oposto.

Categorização Militares - Civis

O processo de diferenciação estabelecido pelos cadetes relativamente à sociedade civil é susceptível de aumentar a coesão grupal, podendo minimizar os efeitos da categorização cadetes homens/mulheres.

A homogeneidade de valores presente nos militares é confrontada com a heterogeneidade de valores presente na sociedade civil (expressa através dos binómios comuns/diferentes; vestimos de igual/somos diferentes) - aos jovens cadetes, caracterizados pela responsabilidade, definição de objectivos, entreajuda, opõem-se os jovens civis, despreocupados, irresponsáveis, sem objectivos.

Contudo, se estas representações são comuns ao discurso dos cadetes masculinos e femininos, elas parecem reflectir-se de uma forma mais clara na identidade dos cadetes masculinos. Contrariamente às raparigas cujos projectos pessoal e profissional não são dissociáveis, os rapazes apresentam uma clara dissociação entre eles, excluindo da identidade militar traços que caracterizam a sua identidade civil (ex. traiçoeiro, vigarista, impulsivo, atrevido, individualista, vanguardista).

Tradições Militares

A defesa das tradições militares surge enquanto forma de preservar a identidade desta instituição, não obstante poder induzir sentimentos de rejeição dirigidos às mulheres.

É de realçar que o sentimento de exclusão é partilhado pelas próprias mulheres, que em determinados momentos podem pôr em causa o seu estatuto no interior da Academia “*na Academia não se pode ser muito inovador, são as regras e disciplina que tornam a Academia especial...talvez com a nossa entrada aquilo se tenha tornado mais académico*” (F5).

Reafirma-se uma das conclusões referidas por Lorenzi-Cioldi de que as mulheres na auto-percepção que expressam do seu grupo de pertença sexual tendem a partilhar preconceitos em vigor na sociedade, sendo esta uma das modalidades de comportamento induzidas pela pertença a grupos dominados.

Conclusões

Os objectivos e as hipóteses traçadas ao longo deste trabalho tiveram como fio condutor a investigação realizada no quadro da psicologia social europeia, mais especificamente o trabalho desenvolvido por Lorenzi-Cioldi e Amâncio e que nos levou a “testar” algumas das suas propostas.

Estes autores consideram que existe mais de uma modalidade de identidade social de acordo com os capitais simbólicos que o grupo possui - os privilegiados (neste caso os homens) têm uma identidade mais autónoma, os menos privilegiados (neste caso as mulheres) têm uma identidade externa, indiferenciada, profundamente afectada pelo colectivo, absorvendo a especificidade individual.

A partir da análise representacional o nosso trabalho evidenciou dinâmicas identitárias diferenciadas derivadas de uma relação entre grupos de estatuto diferente: os cadetes masculinos representando o maioritário, os cadetes femininos representando o minoritário.

Com base na pertença sexual, identificámos um conjunto de indicadores evidenciando uma relação assimétrica entre cadetes masculinos e femininos, a qual tem subjacente ideologias socialmente partilhadas.

Associada à pertença masculina, surge a sobreposição entre a imagem masculina e a imagem do militar, reafirmando-se assim a individualidade inscrita nos significados de ser homem.

É esta individualidade que vai permitir aos cadetes masculinos estabelecer uma clara diferenciação entre identidade civil e identidade militar - a manifestação da singularidade dos actores homens não entra em contradição com a sua identidade colectiva.

A dinâmica identitária destes sujeitos possibilita-lhes a integração de papéis diferenciados, ou mesmo contraditórios. Apenas num dos protocolos analisados a identidade política do sujeito se revelou incompatível com a sua identidade militar, contudo tal situação não resultou em dificuldades de integração na AM.

Associada à pertença feminina surge a incompatibilidade entre a imagem feminina e a imagem do militar, reafirmando-se o sentido colectivo e a especificidade inscrita nos significados de ser mulher

A estrita associação dos significados femininos às relações afectivas e à reprodução biológica, poderá explicar a idealização das mulheres no papel de mães e namoradas bem como a rejeição das mulheres no papel de militares, produzida pelos cadetes masculinos.

Ser militar implica no caso das mulheres um afastamento das normas do papel que lhes é atribuído e por esse motivo o seu comportamento é avaliado como desviante (são desonestas, etc.).

A ausência de individualidade associada à sua pertença sexual explica a importância acrescida da relação com o outro, neste caso a dependência da ajuda dos cadetes e dos instrutores assim como os constrangimentos sentidos através do olhar recriminatório do “outro generalizado”, para usar a terminologia de Mead.

A procura de individualidade, implica para as cadetes uma ruptura com os conteúdos simbólicos associados à sua pertença sexual mas que são socialmente desejáveis. Para as cadetes torna-se fundamental serem aceites na sua identidade profissional e sexual, tantas

vezes ameaçada pela expressão “mulheres homens” utilizada por alguns cadetes quando se referem às mulheres militares - esta “masculinização” das cadetes não tem consequências positivas na sua identidade.

Se ao nível das estratégias utilizadas por esta amostra encontramos uma clara diferenciação em função da variável género, ela é expressão da relação assimétrica já identificada.

As estratégias utilizadas pelas cadetes centram-se em torno das relações entre géneros, evidenciando a necessidade sentida pelas mulheres de negociar o seu modo de ser com a situação, sempre que se encontrem em contextos atípicos.

Não obstante a coercitividade associada à socialização militar, os cadetes evidenciam mais margem de manobra e negociação dos seus projectos de vida e mais autonomização e diversificação das suas estratégias pessoais, aproximando-se do conceito de personalização definido por Tap. Este autor entende a personalização como a passagem de uma estrutura alienada para uma estrutura mais autónoma da personalidade. Na sua perspectiva, ao valorizar as semelhanças o sujeito reforça a sua auto-estima e coesão internas, mas esta “*fusion océanique` aux groupes et aux catégories d'appartenance ou de référence, ou cette d`épendance aux attentes, aux jugements et au regard de l'autre, deviennent à leur tour aliénantes, si ne s'opère pas une différenciation critique ... Par le projet et programme de vie, le sujet se libère des sujétions, cherche à développer ses potentialités, à élargir le champ des possibles ou à transformer leur hiérarchisation*” (Tap, 1988, p. 52).

Conscientes da sua posição de “Token”, as cadetes sentem a responsabilidade de responder às expectativas dos cadetes e oficiais e as estratégias utilizadas visam responder em conformidade.

A intuição feminina, também designada 6º sentido na linguagem de um cadete, surge explicada por Lorenzi-Cioldi e Doise (1994) enquanto efeito de uma subordinação sociológica - as mulheres estão conscientes daquilo que os homens esperam delas e sabem que as qualidades atribuídas aos homens decorrem dos privilégios que lhes são outorgados por uma posição social.

A partir desta síntese confirmamos o pressuposto que serviu de base à elaboração das nossas hipóteses de trabalho - a admissão de mulheres em meio militar induz representações e estratégias que diferem em função do género e no quadro de relações de dominação.

A primeira hipótese formulada, sustenta que as representações e estratégias das mulheres são resposta não apenas a mudança de lugar social, mas a mudanças inerentes aos seus referentes, contrariamente aos homens que não sofrem mudanças de valores tão acentuadas.

A proximidade entre cultura masculina e cultura militar exige dos cadetes a resposta a um único referente, ao passo que as cadetes se vêm confrontadas com a necessidade de resposta a um duplo referente (masculinidade e feminilidade) através do qual oscilam paradoxalmente - na análise dos seus protocolos deparamo-nos com um discurso paradoxal, expressão de uma mudança de valores mais acentuada e da dificuldade em conciliar espaços simbólicos por vezes contraditórios.

As cadetes vivem permanentemente o conflito resultante da necessidade de se aproximarem dos valores militares (masculinos), os quais exigem a ruptura com os conteúdos simbólicos associados à sua categoria de pertença sexual mas que também são socialmente desejáveis, exigindo-lhes pois a necessidade de os preservar.

Se as estratégias adoptadas pelas mulheres visam a defesa do seu projecto pessoal e profissional, elas poderão simultaneamente induzir um funcionamento em “falso self” susceptível de provocar alienação, angústia e sofrimento. A desvalorização da sua identidade sexual está presente na internalização de sentimentos negativos relativamente ao seu grupo de pertença, susceptíveis de induzir a fuga individual para fora do grupo de pertença e a tentativa de aproximação ao maioritário.

A partir de toda a informação recolhida, parece-nos pertinente afirmar que a construção da identidade das cadetes é acompanhada de uma dinâmica conflitual que não tem paralelo no caso dos rapazes e que nos permite confirmar a nossa segunda hipótese de trabalho - a entrada das mulheres na AM é acompanhada por um processo de desvalorização da sua identidade provocando sofrimento imediato e incitando a utilização de estratégias que permitam evitá-lo ou diminuí-lo.

Contudo, se as estratégias identitárias aqui referenciadas se exprimem numa situação caracterizada pela relação entre grupos de estatuto diferente que diminuem a capacidade de acção dos actores dominados na definição da sua identidade, tal não invalida que se considere a “margem de manobra” disponível por cada actor ou grupo - o recurso a estratégias como a instrumentalização da condição social é um exemplo claro desta situação.

Apesar dos condicionalismos, as cadetes exprimem orgulho na sua condição de mulheres militares referindo maior capacidade de adaptação relativamente ao sexo oposto.

No que concerne ao desempenho do papel de militar, elas exprimem o desejo de intervir em mudanças institucionais, através de uma maior humanização do espaço de trabalho e de um maior equilíbrio entre vida pessoal e profissional.

Assim, a nossa segunda hipótese de trabalho deverá ser reequacionada - se a entrada na Academia é acompanhada por um processo de desvalorização da identidade, ela é igualmente acompanhada por um processo de defesa da identidade sexual e pela aprendizagem de novas formas de estar no interior desta instituição.

No nosso entender, a admissão de mulheres nas Forças Armadas, deverá ser acompanhada por um enquadramento institucional susceptível de integrar diferentes sinergias.

Numa primeira análise, as mulheres apresentam uma maior abertura aos processos de mudança que venham a ser introduzidos nas Forças Armadas, mas o seu contributo deverá ser equacionado numa perspectiva que aborde os custos psicossociológicos a que as mulheres estão sujeitas no sentido de se adaptarem a esta instituição “...é necessário considerar o efeito aditivo das representações associadas a diversas categorias sociais, para compreender as formas de legitimação da discriminação que atinge determinados grupos sociais, definidos por outras pertenças para além do sexo” (Sociologia problemas e práticas, Amâncio, 1993 p.138).

As dificuldades das cadetes, o insucesso escolar que as atinge (particularmente no 1º ano) são questões que não deverão ser “omitidas” nem abordadas numa perspectiva meramente biológica, já que a assimetria que se desenha na construção dos géneros e, neste caso o “efeito aditivo” associado à conjugação da pertença sexual e militar vai ter repercussões directas na sua adaptação a esta instituição.

Pensamos que a instituição militar deverá reequacionar as suas práticas e os seus métodos de intervenção no sentido de compatibilizar diferentes identidades no seio de uma instituição que tradicionalmente foi pensada de acordo com uma linguagem masculina.

Finalmente, qualquer intervenção que venha a ser despoletada, deverá ter presente, como o refere Amâncio, que não existem oprimidos e opressores na forma como o social constrói a diferenciação assimétrica do masculino e do feminino, o que há é uma concepção dominante de pessoa que exclui as mulheres como exclui outras categorias sociais.

Referências Bibliográficas

Almeida, M. V. (1995). Senhores de si: Uma interpretação antropológica da masculinidade. Lisboa: Fim de Século.

Amâncio, L. (Fev 1992). As assimetrias na representação do género. Revista Crítica de Ciências Sociais, n.º 34, (pp. 9-21).

Amâncio, L. (1993). Género - Representações e identidades. Sociologia - problemas e práticas, n.º 14, (pp. 127-140).

Amâncio, L. (1993). Identidade social e relações intergrupos. In J. Vala, M. B. Monteiro (Eds.), Psicologia social (pp. 287-307). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Amâncio, L. (1994). Masculino e Feminino: A construção social da diferença. Porto: Edições Afrontamento.

Barkalow, C. & Raab, A. (1990). In the men's house: An inside account of life in the army by one of West Point's first female graduates. New York: Poseidon Press.

Bem, S. L. (1986). Au-delà de l'androgynie. Quelques préceptes osés pour une identité de sexe libérée. In M. C. Hurtig, M. F. Pichevin (Eds.), La différence des sexes (pp. 251-269). Paris: Editions Tierce.

Bergeret, J. (1979) Problème des défenses. In J. Bergeret, Abrege de psychologie pathologique. Theorie et clinique. Paris:Masson (pp.84-106)

Blanchet, A. (1882-83). Épistémologie critique de l'entretien d'enquête de style non directif: Ses éventuelles distorsions dans le champ des sciences humaines. Bulletin de psychologie, Tome XXXVI, n.º358.

Blanchet, A. & Gotman, A. (1992). L'enquête et ses méthodes: L'entretien. Paris: Éditions Nathan.

Boulanger, J. J. (1979). Aspect Métapsychologique. In J. Bergeret, Abrege de psychologie pathologique (pp. 43-83). Theorique et clinique. Paris: Masson.

Bourhis, R. Y. & Leyens, J.P. (1994). Perceptions et relations intergroupes: deux solitudes? In R. Y. Bourhis, J. P. Leyens (Eds.), Stéréotypes, discrimination et relations intergroupes (pp. 5-12). Liège: Mardaga.

Camilleri, C. (1984). Les étudiants étrangers en France et leur discours sur l'identité culturelle". In Bulletin de psychologie, Tome XXXVII, n.° 364, (pp.287-297).

Camilleri, C. (1990). identité et gestion de la disparité culturelle: essai d'une typologie. In Camilleri, C., Kastersztein, J., Lipiansky, E. M., Malewska-Peyre, H., Taboada-Leonetti, I., Vasquez, A. (Eds). Stratégies identitaires. (pp. 85-110). Paris: PUF.

Capozza, D. & Volpato, C. (1994). Relations intergroupes: approches classiques et contemporaines. In R. Y. Bourhis, J. P. Leyens (Eds.), Stéréotypes, discrimination et relations intergroupes (pp. 13-39). Liège: Mardaga.

Costalat-Founeau, A. M. (1993-94). La dynamique représentationnelle du soi. Bulletin de Psychologie, Tome XLVII, n.° 417, (pp. 618-622).

Costalat-Founeau, A. M. (1995). La représentation professionnelle du formateur: le lien crise, le lien tremplin, le lien scénique. L'orientation scolaire et professionnelle, 24, (pp. 273-299).

Costalat-Founeau, A. M. (1997). Identité sociale et dynamique représentationnelle. Rennes: Presses universitaires de Rennes.

Denoux, P. (1994-95). L'identité interculturelle. Bulletin de Psychologie, Tome XLVIII, n.° 419, (pp. 264-270).

Deschamps, J.C. (1982). Différenciations entre soi et autrui et entre groupes. In J. P. Codol, J. P. Leyens (Eds.), Cognitive analysis of social behavior (pp. 247-265). Haia: Martinus Nijhoff

Deschamps, J.C. (1982). Social identity and relations of power between groups. In Henry Tajfel (Ed.), Social identity and intergroup relations (pp. 85-98). Great Britain: Maison des sciences de L'homme and Cambridge University Press.

Deschamps, J. C. (1991). Identités, appartenances sociales et différenciations individuelles. Les Cahiers internationaux de psychologie sociale, n.º 9-10, (pp. 49-61).

Deschamps, J. C. & Beauvois, J. L. (1994). Attributions intergroupes. In R. Y. Bourhis, J. P. Leyens (Eds.), Stéréotypes, discrimination et relations intergroupes (pp. 97-126). Liège: Mardaga.

Doise, W. (1978). "La dissonance cognitive". In W. Doise, J. C. Deschamps, G. Mugny (Eds.), Psychologie sociale expérimentale (pp. 209-227). Paris: Armand Colin.

Doise, W. (1984). A articulação psicossociológica e as relações entre os grupos, Lisboa: Moraes Editores (original work published 1976).

Douville, O. & Galap, J. (1994-95). Stratégies identitaires à l'épreuve du déracinement: L'exemple antillais. Bulletin de psychologie, Tome XLVIII, n.º 419, (pp. 332 - 341).

Fernandes, T. S. (1993). Assimetria dos sexos e construção do mundo social na teoria de Georg Simmel. Sociologia-Problemas e práticas, n.º 13, (pp. 19-38).

Ghiglione, R. & Matalon, B. (1992). O inquérito teoria e prática. Oeiras: Celta Editora.

Hoffman, L. W. (1986). Les changements dans les rôles familiaux, la socialisation et les différences entre les sexes. In M. C. Hurtig, M. F. Pichevin (Eds.), La difference des sexes (pp. 185-213). Paris: Editions Tierce.

Houser, M. (1979) Aspect Génétique. In J. Bergeret, Abrege de psychologie pathologique (pp.5-42).Theorique et clinique. Paris:Masson.

Jesuino, J. C. (1993). A psicologia social europeia. In J. Vala, M. B. Monteiro (Eds), Psicologia social (pp. 49-59). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Jodelet, D. (1989). Représentations sociales: un domaine en expansion. In PUF (Ed.), Les représentations sociales (pp. 31-60). Paris:PUF.

Kaplan, H. I. & Sadock, B. J. (1984). Compêndio de psiquiatria dinâmica. Porto Alegre (Brasil): Artes Médicas (original work published 1981).

Kastersztein, J. (1990). Les stratégies identitaires des acteurs sociaux: approche dynamique des finalités. In Camilleri, C., Kastersztein, J., Lipiansky, E. M., Malewska-Peyre, H., Taboada-Leonetti, I., Vasquez, A. (Eds). Stratégies identitaires. (pp. 27-41). Paris: PUF.

Laplantine, F. (1978). Etnopsiquiatria. Lisboa: Vega.

Lipiansky, E. M., Taboada-Leonetti, I. & Vasquez, A. (1990). Introduction à la problématique de l'identité. In Camilleri, C., Kastersztein, J., Lipiansky, E. M., Malewska-Peyre, H., Taboada-Leonetti, I., Vasquez, A. (Eds). Stratégies identitaires. (pp. 7-26). Paris: PUF.

Lipiansky, E. M. (1991-1992). Identité, communication interculturelle et dynamique des groupes. Connexions, n.°58, (pp. 59-69) Toulouse: Editions Erès.

Lipiansky, E. M. (1992). Identité communication. Paris: PUF.

Lorenzi-Cioldi, F. (1988). Individus dominants et groupes dominés: images masculines e féminines. Grenoble: PUG.

Lorenzi-Cioldi, F. (1994). Les androgynes. Paris: PUF.

Lorenzi-Cioldi, F. & Doise, W. (1994). Identité sociale et identité personnelle. In R. Y. Bourhis, J. P. Leyens (Eds.), Stérotypes, discrimination et relations intergroupes (pp. 69-96). Liège: Mardaga.

Louis-Guérin, C. & Zavalloni, M. (1982-83). L'éco-égologie dans la compréhension de l'agir délinquant et l'intervention. Bulletin de Psychologie, Tome XXXVI, (pp. 335-343).

Lustin, J. J. (1979) Clinique Infantile. In J. Bergeret, Abrege de psychologie pathologique. Theorique et clinique (pp.212-293) Paris:Masson

Malewska-Peyre, H. (1990). Le processus de dévalorisation de l'identité et les stratégies identitaires. In Camilleri, C., Kastersztein, J., Lipiansky, E. M., Malewska-Peyre, H., Taboada-Leonetti, I., Vasquez, A. (Eds). Stratégies identitaires. (pp. 111-141). Paris: PUF.

Mounoud, P. & Vinter, A. (1984). Un point de vue sur le problème de l'identité de soi à l'adolescence. Bulletin de Psychologie, Tome XXXVII, n.º 364, (pp. 385-392).

Munné, F. (1993). Entre el individuo y la sociedad: Marcos y teorías actuales sobre el comportamiento interpersonal, (2ª edición). Barcelona: PPU.

Oriol, M. (1994-1995). Le statut épistémologique des théories de l'identité. Bulletin de Psychologie, Tome XLVIII, n.º419, (pp. 260-263).

Rees, A. & Nicholson, N. (1994). The twenty statements test. In Catherine Cassell, Gillian Symon (Eds.), Qualitative methods in organizational research: A practical guide (pp. 37-54). London: Sage Publications.

Taboada-Leonetti, I. (1990). Stratégies identitaires et minorités: le point de vue du sociologue. In Camilleri, C., Kastersztein, J., Lipiansky, E. M., Malewska-Peyre, H., Taboada-Leonetti, I., Vasquez, A. (Eds). Stratégies identitaires. (pp. 43-83). Paris: PUF.

Tap, P. (1988). La société pygmalion?: Intégration sociale et réalisation de la personne. Paris: Dunod.

Tajfel, H. (1982). Grupos humanos e categorias sociais (tradução portuguesa, vol. 1), (original work published 1981). Lisboa: Livros Horizonte.

Tajfel, H. (1983). Grupos humanos e categorias sociais (tradução portuguesa, vol. 2), (original work published 1981). Lisboa: Livros Horizonte.

Turner, J.C. (1987). Rediscovering the social group: A self-categorization theory. Oxford: Basil Blackwell.

Zavalloni, M. (1972). Cognitive processes and social identity through focused introspection European Journal of Social Psychology, I (2), (pp. 235-260).

Zavalloni, M. & Louis-Guérin, C. (1984). Identité sociale et conscience: Introduction à l'égo-écologie. Montréal: Les Presses de L'Université de Montréal.